

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA

LUCAS DA SILVA LUIZ

**HISTÓRIA E FICÇÃO EM MANAUS DO SÉCULO XX:
“DOIS IRMÃOS”, DE MILTON HATOUM**

UBERLÂNDIA
2020

LUCAS DA SILVA LUIZ

**HISTÓRIA E FICÇÃO EM MANAUS DO SÉCULO XX:
“DOIS IRMÃOS”, DE MILTON HATOUM**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em História – PPGHI- da Universidade Federal de Uberlândia – UFU, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em História.

Linha de Pesquisa: Linguagens, Estética e Hermenêutica.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo de Freitas Costa

UBERLÂNDIA
2020

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

L953 2020	<p>Luiz, Lucas da Silva, 1994- HISTÓRIA E FICÇÃO EM MANAUS DO SÉCULO XX: [recurso eletrônico] : "Dois Irmãos", de Milton Hatoum / Lucas da Silva Luiz. - 2020.</p> <p>Orientador: Rodrigo Costa. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Pós-graduação em História. Modo de acesso: Internet. Disponível em: http://doi.org/10.14393/ufu.di.2020.496 Inclui bibliografia.</p> <p>1. História. I. Costa, Rodrigo ,1979-, (Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Pós-graduação em História. III. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDU: 930</p>
--------------	--

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:
Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091
Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074

LUCAS DA SILVA LUIZ

**HISTÓRIA E FICÇÃO EM MANAUS DO SÉCULO XX:
“DOIS IRMÃOS”, DE MILTON HATOUM**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em História – PPGHI da Universidade Federal de Uberlândia – UFU, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em História.

Linha de Pesquisa: Linguagens, Estética e Hermenêutica.

Uberlândia, 30 de julho de 2020.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Rodrigo de Freitas Costa. (Orientador)
UFTM/UFU

Professor Dra. Nádia Cristina Ribeiro
PUC/Uberlândia

Professora Dra. Cláudia Helena da Cruz
UNA/Uberlândia



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
 Coordenação do Programa de Pós-Graduação em História
 Av. João Naves de Ávila, 2121, Bloco 1H, Sala 1H50 - Bairro Santa Mônica, Uberlândia-MG, CEP 38400-902
 Telefone: (34) 3239-4395 - www.ppghis.inhis.ufu.br - ppghis@inhis.ufu.br



ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	História				
Defesa de:	Dissertação de mestrado, ata 13, PPGHI				
Data:	Trinta de julho de dois mil e vinte	Hora de início:	14:00	Hora de encerramento:	16:00
Matrícula do Discente:	11812HIS008				
Nome do Discente:	Lucas da Silva Luiz				
Título do Trabalho:	História e Ficção em Manaus do Século XX: "Dois Irmãos", de Milton Hatoum				
Área de concentração:	História Social				
Linha de pesquisa:	Linguagens, Estética e Hermenêutica				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	O Grupo Galpão de Belo Horizonte (1982-2017): a história pelo viés popular e o repertório dramático clássico.				

Reuniu-se de forma remota, através da plataforma de webconferências Mconf RNP, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em História, assim composta: Professores Doutores: Nádia Cristina Ribeiro (PUC - Uberlândia), Cláudia Helena da Cruz (UNA - Uberlândia), Rodrigo de Freitas Costa orientador do candidato.

Iniciando os trabalhos o presidente da mesa, Dr. Rodrigo de Freitas Costa, apresentou a Comissão Examinadora e o candidato, agradeceu a presença do público, e concedeu ao Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação do Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir o senhor(a) presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos(às) examinadores(as), que passaram a arguir o(a) candidato(a). Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando o(a) candidato(a):

Aprovado.

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Rodrigo de Freitas Costa, Usuário Externo**, em 30/07/2020, às 17:00, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **NADIA CRISTINA RIBEIRO, Usuário Externo**, em 30/07/2020, às 17:05, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Cláudia Helena da Cruz, Usuário Externo**, em 31/07/2020, às 19:40, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2128407** e o código CRC **427E1CB1**.

Aos meus pais, José e Eunice, por sempre acreditarem em mim e por terem abdicado de suas vidas em prol das realizações e da felicidade de seus filhos.

Aos meus irmãos, Gisele e Ricardo, por suas preocupações, carinhos e incentivos.

AGRADECIMENTOS

O mestrado foi um verdadeiro desafio para mim, pelas inúmeras dificuldades e dúvidas encontradas ao longo do caminho. Esses fatores quase contribuíram para a desistência do Programa. Eu disse “quase”, porém, o meu sonho pessoal e profissional fez com que todas as adversidades e dificuldades fossem alcançadas por essas pessoas especiais (que citarei logo abaixo), as quais tive o prazer imenso de encontrar nessa trajetória de pesquisa.

A **Deus**, Pai e Todo Poderoso, pela dádiva da vida e por realizar tantos sonhos nesta existência. Obrigado por me permitir errar, aprender e crescer, por Sua eterna compreensão e tolerância, por Seu infinito amor, pela Sua voz “invisível” que não me permitiu desistir e, principalmente, por ter me dado uma família tão especial. Obrigado por me apresentar a medida do amor, que é amar sem medidas. Obrigado por me ensinar que há vida para além do “salário-mínimo” de nossas obrigações, por me ensinar que a santidade não consiste em não pecar, mas em amar a Deus de todo o coração, com toda a nossa alma e todo o nosso entendimento.

Ao professor Dr. **Rodrigo de Freitas Costa**, pela sua disponibilidade, mesmo em período de férias, e incentivo, que foram fundamentais para realizar e prosseguir este estudo. Saliento o apoio incondicional prestado, a forma interessada, extraordinária e pertinente como acompanhou a realização desse trabalho. As suas críticas construtivas, as discussões e reflexões, foram fundamentais ao longo de todo o percurso. Não posso esquecer a sua grande contribuição para o meu crescimento como investigador, desde os tempos de graduação. Peço desculpas pelos meus inúmeros erros e pelas dificuldades por mim encontradas. Muito mais do que um professor, você se tornou um amigo. Sou eternamente grato por isso.

Um agradecimento infinito às professoras: Dra. **Cláudia Helena da Cruz** e Dra. **Nádia Cristina Ribeiro**, por aceitarem participar da minha banca de qualificação e defesa, respectivamente. Ambas, tiveram muita paciência e me guiaram para a escrita do meu trabalho. Obrigado por acreditarem em mim e por colaborarem para a escrita da dissertação. Tenho certeza de que não chegaria neste ponto sem o apoio de vocês. Muito obrigado.

À minha mãe, **Eunice Aparecida da Silva** e ao meu pai, **José Luiz**, deixo um agradecimento especial, por todas as lições de amor, companheirismo, amizade, caridade, dedicação, abnegação, compreensão e perdão que vocês me dão a cada novo dia. Sinto-me orgulhoso e privilegiado por ter pais tão especiais. E aos meus irmãos, **Gisele da Silva Luiz** e **Ricardo da Silva Luiz**, por sempre me apoiarem em tudo nesta vida.

Por fim, gostaria de agradecer aos colegas da Linha de Pesquisa: “Linguagem, Estética e Hermenêutica”, Elisa Maura, Welson Marques, Sabrina Alves e Samuel Mazza e a todos aqueles que contribuíram, direta ou indiretamente, para a realização dessa dissertação, o meu sincero agradecimento.

“[...] as palavras parecem esperar a morte e o esquecimento; permanecem soterradas, petrificadas, em estado latente, para depois, em lenta combustão, ascenderem em nós o desejo de contar passagens que o tempo dissipou. E o tempo, que nos faz esquecer, também é cúmplice delas. Só o tempo transforma nosso sentimento em palavras mais verdadeiras [...].”

Milton Hatoum

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar a obra ficcional como instrumento e fonte para a pesquisa do historiador, extraindo elementos da narrativa que possibilitem compreender seu cenário social, político e econômico, além de sua importância como uma modalidade das linguagens artísticas. Para isso, o nosso objeto e fonte principal é a obra *Dois Irmãos* (2000) de Milton Hatoum, cuja narrativa se passa durante os anos 1920 a 1960, em Manaus, caracterizando uma série de acontecimentos históricos na cidade, que ajudam a entender a construção de Manaus na virada do século XIX para o XX. Além disso, compreenderemos também a importância do autor Milton Hatoum para o cenário nacional, destacando sua trajetória pessoal e acadêmica, e pensando em como suas produções influenciam o pensamento crítico atual. Sendo assim, procuraremos pensar a importância de *Dois Irmãos* na construção da cidade de Manaus a partir da tríade: autor, obra e público. Além disso, objetiva-se destacar em que medida o autor Milton Hatoum representa seu cenário político e econômico através de sua obra ficcional.

Palavras-chaves: Manaus. Dois Irmãos. Milton Hatoum.

ABSTRACT

This work aims to analyze the fictional work as an instrument and source for the historian's research, extracting elements from the narrative that makes it possible to understand its social, political and economic scenario, in addition to its importance as a modality of artistic languages. For this purpose, our main object and source is the work *Dois Irmãos* (2000) by Milton Hatoum, whose narrative takes place during the years 1920 to 1960, in Manaus, featuring a series of historical events in the city, which help to understand the construction of Manaus in turn of the 19th to the 20th century. In addition, we will also understand in the work, the importance of the author Milton Hatoum, for the national scene, highlighting his personal and academic trajectory, and thinking about how his productions influence the current critical thinking. Therefore, we try to think about the importance of *Dois Irmãos* in the construction of the city of Manaus from the triad: author, work and public. In addition, we aim to highlight how the Milton Hatoum represents its political and economic scenario through his fictional work.

Keywords: Manaus. Dois Irmãos. Milton Hatoum.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 MILTON HATOUM E <i>DOIS IRMÃOS</i>, UMA ABORDAGEM ENTRE O NARRADOR E SUA OBRA.....	18
2.1 <i>Dois Irmãos</i>: um olhar sobre a importância da obra e suas contribuições	19
2.2 Milton Hatoum: o autor e seus itinerários	24
2.3 A repercussão da obra <i>Dois Irmãos</i> nos espaços acadêmicos: diálogos e aproximações ..	29
3 O ROMANCE HISTÓRICO: UMA ANÁLISE DA IDENTIDADE, CULTURA E REPRESENTAÇÃO PRESENTE EM <i>DOIS IRMÃOS</i>, DE MILTON HATOUM.....	40
3.1 Enredo da obra <i>Dois Irmãos</i>	40
3.2 Contexto histórico em <i>Dois Irmãos</i>	41
3.3 Imigração Sírio-Libanesa	45
3.4 Rochiram: a presença do inglês em Manaus.....	50
3.5 Yaqub e Omar: a rivalidade entre os gêmeos e a presença do drama bíblico	53
4 O PROJETO MODERNIZADOR DO BRASIL EM <i>DOIS IRMÃOS</i>: UM OLHAR DE MILTON HATOUM	63
4.1 Processos de Modernização	63
4.2 Manaus: Símbolo da Narrativa Hatouniana.....	69
4.3 Progresso e Decadência em Manaus	76
4.4 A Casa e a Decadência de Manaus: vivendo à margem da História.....	81
4.5 Domingas e a Questão Indígena	84
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	91
REFERÊNCIAS	93

1 INTRODUÇÃO

A relação entre História e Literatura é um tema em destaque na historiografia, sobretudo a partir da História Cultural. Pensando nas relações entre os desdobramentos da História, o presente trabalho, tem por finalidade analisar a obra do escritor manauense Milton Assi Hatoum¹, *Dois Irmãos* (2000), que recebeu o Prêmio Jabuti 2001 de melhor romance. Busca-se e mapear e as relações históricas contidas no romance e discutir como Hatoum (2000) trabalha na obra a questão histórica, como a situação de Manaus na década de 1960. Para tanto, procura-se, a partir de um exercício de reflexão, pontuar os principais eventos históricos na obra, para, com isso, estabelecer um diálogo entre a História e a Literatura.

Também se busca encontrar elementos tradicionais e culturais das cidades de Manaus, como seu cenário, cultura, representação, política, bem como elementos e discussões que permitam relacionar a conjuntura da obra e seu condicionamento social. Para isso, recorre-se a Antônio Cândido, na tentativa de relacionar a Literatura e a sociedade.

A aproximação entre a História e a Literatura gerou trabalhos e debates profundos na concepção da historiografia. Estaria a História, ao aproximar-se da Literatura, “perdendo” suas credenciais de cientificidade ou, ao fazer isso, a História estaria conquistando novos objetos, métodos e ferramentas? Tal questão ainda é muito discutida no campo, principalmente a partir da História Cultural. Allan Megill (2016), no capítulo: “Literatura e história, no livro *História e Narrativa*, organizado pelo historiador Jurandir Malerba, fundamenta os debates entre História e Literatura, identifica como é possível dialogar com tal objeto e aborda problematizações sobre a escrita e a prática do historiador. Allain Megill (2016, p. 265), discorre sobre tal debate:

O tópico “Literatura e história” imediatamente suscita a questão de como devemos definir dois termos extremamente amplos. A “história” será entendida aqui não como passado. Quanto ao termo ainda amorfo “literatura”, a abordagem mais óbvia no contexto atual é defini-la como a escrita do que não é literalmente verdade, mas é, ao invés disso, ficcional, imaginativa e criativa.

¹ Milton Hatoum nasceu em 1952, em Manaus (Amazonas), onde passou a infância e uma parte da juventude. Em 1967, mudou-se para Brasília, onde estudou no Colégio de Aplicação da UnB. Morou, durante a década de 1970, em São Paulo, onde se diplomou em arquitetura na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, trabalhou como jornalista cultural e foi professor universitário de História da Arquitetura. Em 1980, viajou como bolsista para a Espanha, onde morou em Madri e Barcelona. Depois, passou três anos em Paris, onde estudou literatura comparada na Université Sorbonne (Paris III). Autor de quatro romances premiados, sua obra foi traduzida em doze línguas e publicada em catorze países. (BIOGRAFIA. **Miltom Hatoum**, [s. d.]. Disponível em: <http://www.miltonhatoum.com.br/biografia/a-historia-do-autor> Acesso em: 28 ago. 2020).

Há, aqui, uma contribuição quando se pensa no debate entre História e Literatura, no sentido de buscar através do documento/fonte alternativas para se pensar e escrever História. Principalmente, a partir da escola historiográfica francesa *Annales*, tal campo começa a ser pesquisado e debatido, permitindo ampliar o conceito de pesquisa de pesquisa histórica. Sendo assim, outros autores procuraram pensar a escrita da História a partir da Literatura, como é o caso de Sandra Jatahy Pensavento (2008).

Pensavento (2008), na sua obra *História e História Cultural*, no primeiro capítulo, *Clio e a grande vira da História*, aponta na mitologia grega o surgimento da Clio, filha de Zeus e Mnemosines e irmã de Calíope. Para a autora, a História (Clío) é filha da Memória (Mnemosines) e irmã da Literatura (Calíope). E, nesse sentido, a História busca através da Memória elementos de registros e narrativas, para a construção de sua identidade.

Tal identidade remonta à construção da História Cultural, sobretudo às novas formas, ferramentas e metodologias da História. Coube, a partir dos desdobramentos da História Cultural, apontar os novos objetos da História, assim como os novos personagens para a História, permitindo o ofício de dar voz ao silêncio. Surge nesse sentido, reflexões sobre o comportamento humano, crenças, culturas, políticas, representações e identidades.

Ao dar voz ao silêncio, e permitir a construção dos comportamentos e culturas de uma determinada coletividade, a História Cultural, contribui para se pensar o presente trabalho. A Literatura colabora para o processo de análise da sociedade, assim como reflexões acerca da contribuição literária presentes em outros autores, como Antônio Cândido (1995) e Roger Chartier (2002).

Porém, a pergunta para Cândido (1995) é a seguinte: seria a Literatura um bem compressível ou incompressível? Diante dessa questão, o autor propõe um apontamento acerca da Literatura em que define a mesma como um processo de humanização, de verificação dos problemas, portanto indispensável para a compreensão dos problemas sociais. A partir dessa representação de Literatura e sociedade, é possível, para o autor, a compreensão e construção das identidades através da literatura, o autor discorre:

A função da literatura está ligada à complexidade da sua natureza, que explica o papel contraditório, mas humanizados (talvez humanizador porque contraditório). Analisando-a, podemos distinguir pelo menos três faces: (1) ela é uma construção de objetos autônomos como estrutura e significados; (2) ela é uma forma de expressão, isto é, manifesta emoções e a visão do mundo dos indivíduos e dos grupos; (3) ela é uma forma de conhecimento, inclusive como incorporação difusa e inconsciente (CANDIDO, 1995, p. 178-179).

Já para Roger Chartier, “[...] a tarefa do historiador das ideias, é, pois substituir a

busca de uma determinação pela de uma função, função que não pode, aliás, ser apreendida senão considerada global do sistema ideológico da época considerada.” (CHARTIER, 2002, p. 43). Por essa premissa, é possível resgatar, no campo da História, aspectos relacionados ao estudo do cotidiano das pessoas, como instrumento cultural, como no caso de Dois Irmãos. Outra análise possível em Chartier é o critério de cientificidade e as operações técnicas para o ofício do historiador, na aproximação com a literatura. Chartier (2002, p. 98) discorre:

Contra uma tal abordagem, ou um tal shift, deve-se lembrar que a meta do conhecimento é constitutiva da própria intencionalidade histórica. Ela funda as operações específicas da disciplina: construção e tratamentos de dados, produção de hipóteses, crítica e verificação dos resultados, validação da adequação entre o discurso de saber e seu objeto. Mesmo que escreva em forma “literária”, o historiador não faz literatura, e isso devido a sua dupla dependência. Dependência em relação ao arquivo, portando em relação passado de que este é o traço.

Chartier (2002) ajuda a compreender como a Literatura surge nesse momento como uma possibilidade de fonte histórica na historiografia. Com características singulares, a literatura pode ser entendida como uma documentação não do “real”, tampouco uma representação do científico, filosófico e jurídico. A literatura seria uma ficção, que representa a transfiguração da realidade a parte do mundo irreal. Porém, apesar de ser lúdica e fantasiosa, está sempre enraizada na sociedade, pois os mundos criados e representados pelo autor na peça literária estão ligados à sua condição de tempo, espaço, cultura e relações sociais.

Compete ao historiador, nessa situação, estabelecer como os juízos acerca das obras formaram-se nas diferentes sociedades, e quais gêneros literários compõe a obra em análise, suas especificações e particularidades. Além disso, compete entender o romance histórico, isto é, a obra literária que retoma a compreensão do passado por parte do público.

Nesse caminho, os documentos literários permitem ao historiador entender as vozes dos diferentes personagens, do autor, a complexidade do imaginário de uma época, a inserção de determinados grupos dentro de uma sociedade e outras abordagens. Apesar da verossimilhança das representações das obras, elas continuam sendo ficção. Logo, o historiador deve confrontar as fontes literárias, com outras fontes e registros, aproximando sua análise dos significados múltiplos da História.

Desse modo, utilizando da ferramenta literária, pode-se verificar como o escritor Milton Hatoum observou o cenário amazonense e elencou questões históricas que traduzem a formação e o desenvolvimento de Manaus no século XIX, a partir das fontes literárias. Podemos perceber o papel do historiador nesse jogo, envolvendo o real e a ficção, e como é possível pensar a literatura como fonte para as abordagens históricas. Encerramos o presente

capítulo pensando sobre os usos e ferramentas literárias na construção da narrativa do historiador, como campo de conhecimento e aprendizado, sobretudo, compreendo a importância de *Dois Irmãos* (2000) como obra essencial na construção de Manaus no século XIX.

Dois Irmãos (2000), romance urbano, enfoca a história de uma família, na cidade de Manaus, durante as décadas de 1920 a 1970. O enredo central é o conflito entre os dois irmãos, Yaqub e o caçula, Omar, e suas relações com Halim (pai), Zana (mãe) e Rânia (irmã). O livro é narrado por um dos integrantes da casa, Nael (narrador em primeira pessoa), o qual busca, através dos relatos orais, reconstruir a história, ora como testemunha, ora como narrador. A relação tumultuosa entre os irmãos exige uma postura extrema dos pais: ou melhor, principalmente da mãe, ao mandar o filho mais velho para o Líbano. Essa postura, diferentemente do que Halim e Zana acreditavam, acaba por ainda mais acentuar a disputa entre Yaqub e Omar.

Milton Hatoum procura resgatar através da memória do personagem Nael, testemunha e personagem da obra, as experiências das individualidades e coletividades da construção de Manaus-AM, assim como as questões políticas e culturais que se estabeleceram na região Norte do país. Nesse sentido, procura-se analisar em que medida Nael contribui para a construção da memória no decorrer da obra, e assim pensar acerca de questões históricas trazidas por Milton Hatoum.

A presente reflexão se faz necessária em virtude dos desafios do mundo moderno, onde os espaços culturais e históricos se modificam rapidamente e constantemente, construindo novos sujeitos, identidades e representações culturais, e a existência de novas abordagens, que permitem o intercâmbio entre os diferentes contextos políticos e econômicos. Se faz necessário analisar as relações entre os sujeitos, identidades e hibridismo cultural. Sendo assim, as trocas entre os mais diversos indivíduos históricos permitem enriquecer o mundo moderno, para compartilhamento de experiências e transferências de conhecimentos.

Diante desse quadro, fica perceptível que as relações entre os sujeitos se modificaram no decorrer do tempo, possibilitando a inclusão e exclusão de novos integrantes e figuras no cenário nacional. Com isso, pensar a relação da formação cultural implica reconhecer historicamente a formação de uma determinada nação, e suas nuances. Nesse sentido, na presente dissertação, também procura-se problematizar na obra do autor manauense a idealização da cidade de Manaus no romance ficcional.

Além disso, busca-se perceber as narrativas oriundas da região norte do Brasil, e como Hatoum compreendeu as representações das identidades na obra. Para isso,

procuraremos refletir como o autor procura perceber a relação entre História e Memória dentro da obra.

O romance *Dois Irmãos* se passa na região norte do país, sobretudo em Manaus, durante a década de 1920 a 1960, destacando a economia da cidade: ciclo da borracha (látex), suas culturas e as imigrações sírio-libanesas que começaram a surgir na região. Hatoum, procura resgatar, através da memória do personagem Nael, testemunha e personagem da obra, as experiências das individualidades e coletividades da construção da cidade, assim como as questões políticas e culturais que se estabeleceram na região. Assim, Nael, busca reconstituir através dos relatos dos personagens do enredo, o cenário manauense, promovendo uma articulação entre os pensamentos de cada protagonista, e a aproximação entre a História e Memória².

Para isso, pretendemos fragmentar a produção em três capítulos, facilitando a escrita e sua compreensão. No primeiro capítulo, *Milton Hatoum e Dois Irmãos, uma Abordagem entre o Narrador e sua Obra*, procura-se entender o espaço de Milton Hatoum no cenário social e político atual, além de analisar a importância de *Dois Irmãos*, procurando discutir os aspectos históricos que fazem parte da narrativa hatouniana. Pensando nisso, o capítulo é dividido em três partes.

No primeiro subitem, enfatiza-se a importância da obra no atual cenário político, procurando entender em que medida ela dialoga com os temas contemporâneos e como o autor propõe sua fundamentação para o público leitor. Também é averiguado como a obra traz para o seu plano de fundo, a atuação dos atuais movimentos sociais, que buscam, a partir da democracia, combater as prerrogativas autoritárias que ferem os direitos sociais.

A seguir, entende-se como uma obra produzida em 2000, possibilita um olhar atencioso para o território Norte do país, criticando as formas de exploração e descasos públicos que corriqueiramente a região enfrenta. Aborda-se a trajetória pessoal e intelectual de Hatoum, contextualizando as publicações das suas obras e identificando a importância social do autor como romancista brasileiro e o seu lugar de fala e escrita. Para isso, parte-se dos inúmeros discursos, entrevistas e apresentação de Milton Hatoum para compreender o seu espaço na literatura brasileira, e estabelecer a representatividade do autor na academia

² O conceito de memória tem sofrido inúmeras ressignificações na História, permitindo a construção das memórias individuais e coletivas de um determinado grupo/região. Tradicionalmente, a memória está relacionada às lembranças dos fatos passados, porém, ela também está relacionada a uma problematização/crítica de um determinado tempo histórico, bem como à reconstrução, às omissões e às parcialidades de um determinado dado/acontecimento. Vamos perceber ao longo do trabalho como a memória vai sendo debatida/analisaada por Hatoum.

científica, através de dissertações e teses que discorram sobre o lugar social de Milton Hatoum.

Recuperam-se os principais temas e abordagens que os cursos de pós-graduação no Brasil analisam sobre o escritor Milton Hatoum e suas obras. Destacam-se, nesse sentido, os enfoques que cada área do conhecimento apresenta, dialogando com o presente trabalho e, posteriormente, são traçadas as principais pesquisas que se relacionam com a temática de Manaus e os espaços regionais na obra do escritor. Desse modo, busca-se compreender, através da divisão das temáticas, como as áreas do conhecimento debatem o autor e contextualizam sua obra no século XXI.

Dessa forma, o primeiro capítulo propõe atribuir a importância da obra *Dois Irmãos* sobretudo para o debate acadêmico. Pretende analisar o lugar de fala de Milton Hatoum e o seu lugar como romancista brasileiro. Além disso, busca-se mapear as principais críticas literárias que analisam o autor e sua obra e entender como o livro é recebido pela academia. Finaliza-se discussão apresentando como a História se diferencia das demais áreas, no que tange à análise e à discussão da obra.

No segundo capítulo, *O romance histórico: uma análise da identidade, cultura e representação, presente em Dois Irmãos de Milton Hatoum*, destaca-se a preocupação do escritor em representar o Brasil na obra ficcional analisada. Destaca-se, com isso, ao longo da discussão, os elementos culturais, regionais e econômicos que perpassam o final do século XIX e início do XX, no Norte brasileiro. É mapeado, no segundo capítulo, como os temas históricos, a imigração sírio-libanesa, a presença do sistema capitalista e a rivalidade bíblica se encontram na obra. Para isso, o segundo capítulo é dividido em cinco subitens: 2.1) Enredo da obra *Dois Irmãos*, 2.2) Contexto histórico em *Dois Irmãos*, 2.3) Imigração Sírio-Libanesa, 2.4) Rochiram: e a presença do inglês em Manaus e 2.5) Yaqub e Omar: a rivalidade entre gêmeos, e a presença do drama bíblico.

Destaca-se o enredo do romance *hatouniano*, apontando os principais personagens e fatos que perpassam a obra. Perceberemos como o romance é narrado em primeira pessoa, por Nael, filho da empregada e índia, Domingas, o qual busca reconstruir, através de relatos, a história da cidade de Manaus e, também, a sua própria história. Além disso, busca-se compreender a gênese da rivalidade entre os gêmeos, Yaqub e Omar, e como ela é identificada na obra.

Apresentaremos os fatos históricos que pairam *Dois Irmãos*, observando a realidade que cerca determinados fenômenos na obra *hatouniana*. Para isso, parte-se da epígrafe de Carlos Drummond de Andrade, *Liquidação*, que aparece logo no início da obra, identificando

suas aproximações com a obra hatouniana. Logo depois, são analisadas as transformações políticas, econômicas e sociais do Brasil, no final do século XIX, apresentando as principais temáticas, analisadas a partir dos relatos e vivências do personagem Nael nos itens seguintes.

Também se procura pensar a questão da imigração sírio-libanesa no norte Brasileiro, a partir de *Dois Irmãos*, buscando compreender historicamente como Milton Hatoum recupera tais questões na obra e pensar como elas transformaram o nosso território brasileiro, produzindo uma série de elementos novos em nossa cultura, economia e política. Recorre-se ao campo histórico para pensar os movimentos de imigração e seus desdobramentos, procurando, dessa forma, contextualizar esses eventos.

Posteriormente, é identificado como o a presença inglesa se manifesta na obra, sobretudo, a partir da figura do inglês Rochiram. Aborda-se como a cidade de Manaus, nesse momento, modifica-se, a partir de uma leitura ideológica capitalista, e sublinha-se como essa questão é apresentada na obra, a partir da construção de prédios, comércio de chocolates e bugigangas. Por fim, debate-se a rivalidade entre os gêmeos, Yaqub e Omar, que atesta a influência bíblica na obra.

No terceiro e último capítulo, *O projeto modernizador do Brasil em Dois Irmãos: um olhar de Milton Hatoum*, identificaremos como a utilização da borracha nas indústrias europeias e americanas no mundo produziu uma corrida para a Amazônia brasileira, onde milhares de imigrantes penetram a floresta e começam a trabalhar na obtenção do látex brasileiro. O mercado brasileiro, durante o ciclo da borracha (1890-1910), obtém o “boom da borracha”, crescimento esse que tem uma relação direta com o desenvolvimento da Segunda Revolução Industrial na Europa e nos Estados Unidos.

Por sua vez, a Revolução Industrial, tem como seu grande símbolo a indústria automobilística, onde a produção de peças e pneus influencia na produção crescente do látex brasileiro. O Brasil desperta interesse dos produtores mundiais e, com isso, há um crescimento da região de Manaus, produzindo riqueza e desenvolvimento para a região. Embora o tema do desenvolvimento e progresso no norte brasileiro seja tão contraditório no debate histórico, reflete-se sobre como é possível analisar o progresso e a decadência da região de Manaus, relacionando com como Milton Hatoum utiliza esses conceitos na obra. Além disso, procura-se compreender como acontecimentos e processos históricos corroboram a narrativa hatouniana, permitindo ao historiador vislumbrar os fenômenos históricos através da literatura.

Também procura-se examinar, no mesmo capítulo, como os personagens da obra hatouniana são frutos da decadência de Manaus, em especial Omar e Domingas, personagens

que vivem à margem da História, nas ruínas da narrativa. Desse modo, será analisado como o fenômeno histórico da destruição de Manaus está relacionado diretamente com a vida dos personagens referidos.

Por fim, procura-se entender como esses personagens são descritos e (re)construídos na obra de Hatoum, sobretudo, após o projeto de modernização do Brasil, onde as identidades dos mesmos são desfiguradas com o advento do progresso na região. Assim, busca-se esmiuçar como o projeto de modernização é pensando na ótica do autor, ponderando-se como os contextos históricos brasileiros influenciam nos direcionamentos dos personagens da obra em análise.

2 MILTON HATOUM E *DOIS IRMÃOS*, UMA ABORDAGEM ENTRE O NARRADOR E SUA OBRA

Pensar e compreender a importância de uma determinada obra para o cenário contemporâneo, sem dúvidas, é um trabalho árduo. Ele requer um conjunto de metodologias para assimilar as informações extraídas da narrativa, além de estabelecer relações com a tríade autor, obra e público, conforme pensando por Antônio Candido (1995). Pensando nisso, procuraremos demonstrar como a obra *Dois Irmãos* (2000), do escritor Milton Hatoum, colabora para pensar o mundo atual, além de provocar o público leitor a refletir sobre determinados acontecimentos históricos nacionais. Dessa forma, partiremos da tríade mencionada para refletir sobre a relevância de *Dois Irmãos* para a discussão historiográfica.

No presente capítulo, busca-se compreender a importância da obra no atual cenário social e político, dialogando em que medida a narrativa coopera para o leitor assimilar as lutas travadas no território amazonense, sua cultura e identidades. Também se pretende compreender o lugar social de Milton Hatoum, entendendo o espaço do autor como romancista e indicando os trajetos profissionais e pessoais que percorreu para a escrita da obra.

Lançada no ano 2000, *Dois Irmãos*, traz diversos temas importantes para o debate histórico, como o processo de exploração das reservas naturais do norte do país, o conflito entre diferentes gerações, os problemas gerados pelo contato da população nativa com os exploradores e migrantes trabalhadores de outras regiões e a exploração da borracha. Mesmo com o lapso temporal de 20 anos, a obra lançada em 2000 ainda retrata temas frequentes na atualidade amazônica. Os problemas continuam e, para isso, Milton Hatoum procura retratá-los em forma de depoimentos, poemas ou entrevistas, como será observado posteriormente.

Diante desse quadro serão apresentadas as maneiras como as produções Milton Hatoum são lidas e interpretadas na academia, relacionando as principais discussões em torno do livro e procurando estabelecer as fundamentais problematizações temáticas que relaciona Literatura com História. Por fim, busca-se compreender como o trabalho do historiador diferencia-se dos demais no que tange à análise da obra e sua discussão. Desse modo, entenderemos como a narrativa possibilita a reconstrução dos eventos históricos, os quais são indispensáveis para a escrita da História, além de discutir como o trabalho do historiador inova na discussão.

2.1 *Dois Irmãos*: um olhar sobre a importância da obra e suas contribuições

A obra *Dois Irmãos*, publicada no ano 2000, recupera em seu desfecho fatos importantíssimos para a compreensão da história de Manaus e, ao mesmo tempo, das individualidades que se formam no enredo. Analisaremos como Milton Hatoum, propõe uma discussão nos anos 2000 que dialoga profundamente com fatos recentes do cotidiano, evidenciando a formação do norte do país, enquanto aborda características de povos minoritários.

Tal investigação faz parte de uma tentativa de Hatoum em mobilizar o público leitor com questões que, por muitas vezes, são ignoradas e esquecidas pela política pública, aguçando uma preocupação em reconstruir o cenário manauense e destacando temas tão caros à História brasileira. Dessa forma, será averiguado como o autor mobiliza o leitor a um debate sobre a importância das minorias e suas lutas identitárias, provocando discussões que aproximam da atualidade.

Nota-se que a discussão faz parte de um processo de uma conscientização, permitindo que os mesmos tomem ciência de fatos claros e importantes no contexto histórico atual. Desse modo, será destacado como a obra mobiliza o público para uma conversa atual sobre a importância do território amazonense e, conjuntamente, como proporciona um debate sobre as coletividades dos vários grupos étnicos que fazem parte da narrativa. Tal debate se faz necessário na academia em virtude das contradições sociais, políticas e econômicas do nosso território e, também, dos discursos autoritários que fazem presente no cenário brasileiro.

A presente dissertação, elaborada entre 2019 e 2020, perpassa temas complexos da história política brasileira e, por isso, optamos em analisar como esse discurso de dominação perpassou todo o cenário nacional e colaborou com o massacre das minorias. Diante desse quadro de incertezas e ódio do território brasileiro, a obra *Dois Irmãos* busca compreender os desdobramentos desses discursos dominantes, que ferem os direitos humanos e suas existências.

Embora escrita no ano 2000, a obra contribui eficazmente para refletir e examinar o período brasileiro em questão, destacando as diferenças e semelhanças territoriais, assim como as desigualdades econômicas e políticas, acarretadas por desprezo e ignorância dos atuais governos. Nesse sentido, por meio de uma obra ficcional, busca-se entender a realidade brasileira e averiguar como *Dois Irmãos* toca em temas delicados e caros para a História, passando por eventos históricos tão atuais.

Entre os temas atuais presentes na obra, podemos destacar a contribuição que o autor concede para o território manauense, evidenciando o espaço de Manaus, suas identidades e culturas. Na obra, percebemos que o norte é captado pelas lentes de Hatoum como uma região rica e potencialmente capaz de dialogar com todo o território nacional. A percepção do autor permite que Manaus seja reconhecida por sua contribuição cultural, econômica e social, muitas vezes perdida pelos regimes autoritários que sufocam suas potencialidades. Assim, o território amazonense, para Hatoum, resgata essas lutas por reconhecimento, a busca por estabelecer suas próprias credenciais.

Vale mencionar que o território norte brasileiro, atualmente, é alvo de uma série de discursos que menosprezam e inferiorizam a região, contribuindo para a intolerância cultural e religiosa, além de preconceitos oriundos do espaço territorial. *Dois Irmãos* se destaca como uma ferramenta metodológica histórica para compreender e analisar o cenário nacional, sobretudo, a virada do século XIX para o XX no norte brasileiro, além de resgatar a noção de identidade e formação do território. Podemos encontrar discussões sobre temáticas históricas e seus desdobramentos, como a presença indígena, o papel da mulher na sociedade patriarcal, o drama e a presença bíblica na obra, imigração sírio-libanesa e o processo de modernização na cidade de Manaus. Esses temas colaboram para a relevância da obra no atual cenário político.

A obra produzida nos anos 2000 ajuda o exercício de entender o distante, o outro, no caso, o norte brasileiro. De modo crítico, Milton Hatoum permite a seu leitor perceber as nuances que giram em torno da temática “Amazonas”, concedendo ao público um olhar minucioso para o território nacional e mobilizando-o para assimilar a complexidade do território. Esse olhar é uma provocação de Hatoum em face das generalizações e o senso comum com o Norte brasileiro. Desse modo, o autor suscita possíveis questionamentos na obra, que dialogam, através da história e ficção, com um olhar crítico para a não inserção da região norte nos anseios políticos do país, sinalizando, dessa forma, comportamentos de desprezo com o território amazonense.

Outro tema evidenciado na obra diz respeito à preservação do território amazonense. Em uma entrevista concedida no dia 06 de setembro de 2019, ao programa *Metrópole*, da TV Cultura, Milton Hatoum evidencia os impactos causados pelas queimadas e devastação, ocorridos na Amazônia brasileira, em setembro de 2019. O autor, abalado com a situação, escreve o poema inédito sobre essa destruição, intitulado, o fim que se aproxima:

O fim que se aproxima

Amazonas: mito grego
 menos antigo que os mitos da Amazônia.
 Os que vivem no Cosmo há milênios
 são perseguidos por mãos de ganância,
 olhos ávidos: minério, fogo, serragem, fim.
 Quem são vocês,
 incendiários desde sempre,
 ferozes construtores de ruínas?
 Os que queimam, impunes, a morada ancestral,
 projetam no céu mapas sombrios:
 manchas da floresta calcinada,
 cicatrizes de rios que não renascem.
 atrás da humanidade amazônica?
 Que triste pátria delida,
 mais armada que amada:
 traidora de riquezas e verdades.
 Quando tudo for deserto,
 o mundo ouvirá rugidos de fantasmas.
 E todos vão escutar, numa agonia seca, o eco.
 Não existirão mundos, novos ou velhos,
 nem passado ou futuro.
 No solo de cinzas:
 o tempo-espaco vazio (HATOUM, 2019, *apud* BRASIL, 2019).

No poema, Milton Hatoum chama atenção, no poema sobre os riscos que ameaçam a extinção da floresta amazônica. O título, propositalmente, elenca o futuro próximo que atemoriza nossa maior floresta tropical e, conseqüentemente, acelera o seu término, ora por eventos naturais, ora por ação humana. Publicado no jornal Estadão, em setembro de 2019, para lastimar os incêndios que destruíram a floresta amazônica, o poema também procura sensibilizar os leitores³ para problemas presentes do atual cenário, conscientizando a população para salvar a maior floresta tropical da terra.

O nosso maior território florestal encontra-se comprometido. Milton Hatoum (2019), ressalta sobre as políticas ambiciosas que ameaçam a integridade da Amazônia, projetos de cunho ambiciosos, que extraem: “minérios, fogos, serragem e fim”, lógica de um sistema predador e ganancioso que mata e destrói vidas. O autor ainda indaga sobre a rapidez das destruições do território: “ferozes construtores de ruínas”? A dúvida, embora de forma sarcástica, grande jogada de Hatoum, permite que o leitor possa se comover com o tema e, ao mesmo tempo, pensar na política de preservação do território florestal, conscientizando sobre sua diversidade e reconhecendo-o como patrimônio cultural.

Por fim, o poema de Milton Hatoum, evidencia as cicatrizes deixadas pela ação humana no território. O autor ainda provoca o leitor a pensar sobre “quando tudo for deserto,

³ Não é a primeira vez que Milton Hatoum utiliza-se do poema para sensibilizar os leitores sobre temas de tragédia ambiental. Atento a realidade brasileira, o autor, participou em novembro de 2015 de uma mobilização pelo clima ambiental, sobretudo pela tragédia do Rio Doce, onde a população foi devastada pela lama tóxica. (NUNES, 2019).

o que restará? O mundo ouvirá rugidos de fantasma”. Tal circunstância, evidencia a agonia de Hatoum perante a Amazônia. A preocupação sobre o futuro da Amazônia e os riscos da devastação também estão presentes na obra *Dois Irmãos*, através do narrador, Nael, onde o mesmo refere-se aos exploradores das reservas naturais de Manaus, os seringueiros, como “soldados de borracha”:

Halim [...] vendia de tudo um pouco aos moradores dos Educandos, um dos bairros mais populosos de Manaus, que crescera muito com a chegada dos soldados da borracha, vindos dos rios mais distantes da Amazônia. Com o fim [do Ciclo da Borracha e] da guerra, migraram para Manaus, onde ergueram palafitas à beira dos igarapés, nos barrancos e nos clarões da cidade. Manaus cresceu assim: no tumulto de quem chega primeiro (HATOUM, 2000, p. 41).

Nael, ao descrever sobre a chegada dos “soldados da borracha” na Amazônia, evidencia a busca dos trabalhadores na região por mercado de trabalho e, conseqüentemente, a extração do látex em Manaus. Os trabalhadores tiveram uma participação importante no desenvolvimento da cidade, bem como no seu crescimento. Nesse sentido, percebemos como o contexto histórico favoreceu a migração dos trabalhadores para a região, e como isso acarretou a desorganização da cidade⁴.

No início do século XIX, o látex, o principal produto de exportação brasileiro, destacou-se no território europeu, como objeto indispensável para sua economia local. A região da Amazônia torna-se o centro da atenção nacional e internacional, conforme aponta Júnior e Garvão (2013):

Quando se falava de economia regional, limitava-se ao plantio de cacau, açúcar, algodão, tabaco, arroz e café, com uma pequena exportação para países da Europa, como França e Holanda, caracterizando-se como uma economia puramente extrativista. Com o tempo, a Amazônia se tornou região de relativa atração para imigrantes nacionais e estrangeiros (JÚNIOR; GARVÃO, 2013, p. 158).

É nesse momento que as cidades do norte do Brasil, começam a se destacar pelos seus recursos naturais, como: Belém e Manaus, tornando-se atrativas para a exploração, sobretudo, pela descoberta da borracha. A Amazônia, nesse momento, sofre mudanças econômicas e estruturais, como destaca Ugarte (2005):

⁴ Nesse momento, brevemente será discutido o papel do látex em Manaus, pois, enfatizamos que a discussão sobre a importância do látex na região norte do país, sobretudo em Manaus, será apresentada mais detalhadamente no terceiro capítulo, onde, a partir de um contexto histórico, entenderemos sobre sua chegada e transformação no território. Portanto, a discussão no primeiro capítulo será meramente preliminar.

Beneficiada pela presença abundante e quase exclusiva da *Hevea Brasiliensis* (a seringueira), a Amazônia passou, então, a ser palco de uma corrida internacional pela aquisição do “ouro negro”, como então se chamava o produto. Em poucos anos, diversas firmas internacionais estabeleceram-se na região, domando e agenciando a expansão do extrativismo por meio de empréstimos e adiantamentos, não só de capital (em menor escala), mas, sobretudo, de gêneros alimentícios (arroz, feijão, farinha, etc.) e implementos (terçados, lampiões, botas, espingardas, etc.) necessários para a montagem e funcionamento da estrutura produtiva dos seringais (URGARTE, 2005, p. 02).

Nesse sentido, Manaus, recebe inúmeros trabalhadores, oriundos de diferentes estados, para trabalharem na extração do látex, contribuindo, assim, para a expansão do extrativismo nessa região, além do crescimento desenfreado da cidade, acarretando problemas ambientais e prejuízos na infraestrutura. Na obra *Dois Irmãos*, tal momento é evidenciado logo no primeiro capítulo, onde Milton Hatoum explana sobre a vinda do casal, Halim e Zana, ao Brasil. Nesse momento, podemos perceber o encontro de várias culturas, indígena, árabe, espanhola e marroquina que, juntas, simbolizam a diversidade do nosso território.

Talvez, a crítica que Milton Hatoum indica na obra seja a necessidade de refletir sobre as cidades do norte brasileiro, essencialmente Manaus, território onde os interesses de destruição e ambição contribuíram para o desmantelamento da cidade e trouxe sérios prejuízos financeiros, por conta da expansão do extrativismo. O autor procura (re)pensar sobre como as medidas autoritárias, carregadas por um viés de destruição e interesse capitalista, contribuem para o enfraquecimento do território amazonense, retirando suas principais fontes de economia e produzindo inúmeros problemas ambientais, como evidenciado no poema *O fim que se aproxima*.

Sendo assim, *Dois Irmãos*, inova em sua abordagem, ao debater temas tão contemporâneos, que dialogam diretamente com o atual momento político e econômico brasileiro. Fazendo uma crítica sobre os abusos cometidos pela extração das reservas naturais da região norte do país e, ao mesmo tempo, denunciando os descasos das políticas públicas do cenário nacional, a obra também permite que o público leitor atente aos fatos contemporâneos, o que contribui para o leitor tornar-se um cidadão crítico e participativo na construção de uma sociedade mais humana e democrática.

Desse modo, *Dois Irmãos* possibilita aos leitores formação educacional, capacitação autônoma e participativa da sociedade, exercício fundamental da cidadania, contribuindo para a perspectiva crítica da sociedade e para o exercício da democracia. No próximo tópico, serão analisados os caminhos percorridos por Milton Hatoum, enfatizando suas trajetórias profissionais e pessoais, que permitiram ao autor escrever e publicar seus romances. Pretende-

se entender, também, qual a sua importância no cenário político atual e como suas obras recuperam as transformações ocorridas no Brasil após o século XIX.

2.2 Milton Hatoum: o autor e seus itinerários

Milton Assi Hatoum é escritor, professor, jornalista e tradutor. Nascido em Manaus, no dia 19 de agosto de 1952, descendente de libaneses, passa a maior parte da sua infância na capital do Amazonas. Posteriormente, Milton Hatoum, muda-se para Brasília, onde ingressa no ensino médio e, após concluí-lo, dirige-se para São Paulo, na década de 1970, onde morou e formou-se em Arquitetura e Urbanismo na Universidade de São Paulo (USP). Em 1978, ministrou aulas de História da Arquitetura na Universidade de Taubaté, e, em 1980, viaja para a Espanha, vivendo nas cidades de Madrid e Barcelona como bolsista do Instituto Iberoamericano de Cooperación. Depois de três anos, em 1983, estudou literatura comparada na Université Sobornne Paris (III), e voltou para o Brasil, onde fica entre 1984 e 1999 para ministrar aulas de Literatura Francesa na Universidade Federal do Amazonas.

Segundo informações extraídas no site oficial do autor⁵, Milton Hatoum, também foi professor visitante da Universidade da Califórnia, Berkeley, em 1996, e escritor residente na Yale University (New Haven/EUA), Stanford University e na Universidade da Califórnia (Berkeley). Publicou, em 1989, seu primeiro romance, *Relatos de um Certo Oriente*, recebendo o Prêmio Jabuti⁶ de melhor romance. O autor também recebeu outro prêmio em 2000, com *Dois Irmãos*, eleito o melhor romance brasileiro entre 1950 e 2005, em pesquisa feita pelos jornais Correio Braziliense e O Estado de Minas. Em 2005, com a obra, *Cinzas do Norte*, recebe o Prêmio de Portugal, Telecom, o livro do ano pela Câmara Brasileira do Livro (CBL), e, mais uma vez, o Prêmio Jabuti de melhor romance. Entre 2008 e 2013, o autor publicou: *Órfãos do Eldorado*, segundo lugar no Prêmio Jabuti, *A cidade Ilhada*, livro de crônicas, e *Um solitário à espreita*, livro de contos. Atualmente, Milton Hatoum mora em São Paulo e é colunista do caderno 2, do jornal *Estado de São Paulo*.

Em 2017, divulgou o seu primeiro livro da trilogia, *O lugar mais sombrio*, intitulado *A noite da espera*. Em novembro de 2019, o segundo livro, *Pontos de Fugas*, chegou nas livrarias para venda. O autor pretende lançar o próximo livro em 2020, ainda sem data

⁵ BIOGRAFIA. **Miltom Hatoum**, [s. d.]. Disponível em: <http://www.miltonhatoum.com.br/biografia/a-historia-do-autor> Acesso em: 28 ago. 2020.

⁶ O Prêmio Jabuti é o mais tradicional prêmio literário do Brasil, concedido pela Câmara Brasileira do Livro (CBL). Criado em 1959, foi idealizado por Edgard Cavalheiro quando presidia a CBL. O novo formato do prêmio em 2018 divide-se em dezoito categorias, contemplando quatro eixos: literatura, ensaios, livros e inovação.

prevista. Sua carreira impressiona, o escritor acumula títulos e homenagens. Entre elas, está a homenagem recebida pelo 13ª Festival de Literatura de São João del Rei e Tiradentes, onde Hatoum comenta para o jornal *O Tempo*, sobre a importância de suas obras no cenário político e atual, além de comentar sobre a devastação e intensificação das queimadas no território amazonense. Indagado sobre a trilogia, o autor responde:

A trilogia iniciada com “Noite de Espera”, constitui um romance de formação que é atravessado pelo período da ditadura no Brasil. Como você percebe os possíveis diálogos entre essa narrativa e os dias atuais?

Eu acho que o segundo volume, “Contos de Fuga”, tem até maior relação com o que está acontecendo agora, em que presenciamos um retrocesso enorme. Claro que eu não escrevi essa história pensando nisso. Eu estou trabalhando nesses três volumes desde 2007. Eu noto que os conflitos, a brutalidade, a censura, que eram muito diretos na época da ditadura, estão voltando, ainda que de uma forma mais ou menos velada. O autoritarismo está muito presente neste momento, e eu acho que muitos leitores têm percebido essa relação entre o presente e os meus livros, o que foi totalmente involuntário. Eu nem poderia pensar que o Brasil fosse passar por tamanho retrocesso.

Você vem se dedicando a esse projeto há mais de uma década. A composição dessa trilogia tem te exigido mais do que suas obras anteriores?

Na verdade, não, porque eu encontro dificuldades até mesmo para escrever uma crônica. Não escrevo com rapidez, meu ritmo para ler é muito mais veloz. O que sempre me dá trabalho é armar a estrutura do livro. Isso aconteceu com “Cinzas do Norte” e com “Relato de um Certo Oriente”. Mas, enfim, essa trilogia, na verdade, será um romance de 800 páginas, e estabelecer o ponto de vista do narrador, dos personagens, é algo que dá muito trabalho. Eu venho pensando nesse trabalho desde 1980. Houve uma tentativa lá atrás de escrevê-lo, quando eu morava na Espanha, mas eu acabei adiando. Nesse intervalo, eu escrevi “Cinzas do Norte”, que tem algum parentesco com essa trilogia, e agora eu me meti nessa aventura. Tem um pouco de ousadia e de risco, e eu acho que vale a pena assumir os riscos, assim como também recuar diante de um projeto que está dentro de você. Eu pensei esse romance (dividido em uma trilogia) como uma espécie de acerto de contas comigo mesmo, com minha própria experiência e, enfim, tem um pouco da minha vida, mas eu acho que tudo ali foi mesmo construído, inventado e imaginado.

Recentemente, você escreveu um poema, “O Fim que se Aproxima”, provocado pelas queimadas na Amazônia. A maneira como o país lida com essa região tem piorado, a seu ver?

Na verdade, os governos brasileiros nunca tiveram um projeto para a Amazônia e, além disso, o mais grave é que eles nunca ouviram os anseios das comunidades da Amazônia, e isso envolve mais de 20 milhões de pessoas. O que pode ser interessante para o Tocantins ou Mato Grosso, pode não ser para o Acre, o Amapá, o Pará ou Rondônia. A Amazônia é muito celebrada, mas, ao mesmo tempo, ela é ignorada pelo poder público. Eu já previa isso que está acontecendo agora em um livrinho de poesias que publiquei em 1978, chamado “Amazonas: Palavras e Imagens de um Rio entre Ruínas”. Ali, há vários poemas muito amargos, um tanto pessimistas. Na década de 70, aconteceram as primeiras grandes queimadas na região do Pará. Mas, de lá para cá, isso nunca mais parou. E agora o presidente estimulou isso com um discurso antiambientalista, anti-indigenista. Tem uma coisa que eu acho importante falar, as pessoas falam da queima da floresta, mas não é só isso, é o impacto na vida das pessoas, das populações ribeirinhas, dos caboclos, das comunidades e dos indígenas. Como diz Viveiros de Castro, não é que a terra pertença aos indígenas, mas o principal é que eles fazem parte da floresta (SIQUARA, 2019. Grifo nosso).

Notamos que o romance, para Milton Hatoum, é muito mais do que explorar e denunciar os descasos públicos com o nosso território brasileiro. É, também, o papel das linguagens artísticas como ferramenta de comunicação e potencial instrumento para repensar o exercício da cidadania. Com uma narrativa atraente, o autor perpassa todo o território nacional, contextualizando a formação e idealização da região norte brasileira, além de comparar as construções que se foram levantadas, do sul desenvolvido e o norte atrasado. Vale ressaltar que o autor não comunga dessa premissa dicotômica de região desenvolvida e atrasada, faz justamente o contrário na obra *Dois Irmãos*. Aponta como esses discursos são elaborados no senso comum para reforçar cada vez mais os distanciamentos dos territórios sul e norte.

Nessa perspectiva, o autor demonstra como é possível, através da literatura, analisar o contexto histórico de um determinado país, problematizando sobre sua concepção e aguçando um olhar mais delicado para as regiões mais afastadas do cenário nacional. Como evidenciado na entrevista acima citada, Hatoum não sabia que viveríamos um momento tão delicado e com tanto retrocesso. Suas obras estão em diálogo com sua vivência, e, por isso, podemos perceber que o autor evidencia os problemas pertinentes e os contrastes gerados pela ação humana, em especial Manaus. É um autor atual, que vive o seu tempo, procurando pontuar a formação histórica brasileira. Ao mesmo tempo, resgatar a crítica como forma de resistência.

Com uma narrativa atraente, e uma literatura que mergulha nas experiências obtidas do autor com a Amazonas, São Paulo, Brasília e o Líbano, Milton Hatoum impulsiona o mercado editorial brasileiro, se inserindo na categoria *best-seller* nacional e até mesmo internacional. É o que Andrei Netto (2015), correspondente do jornal O Estado de São Paulo, aborda na matéria: “Colunista do ‘Estado’, Milton Hatoum, é o *best-seller* do Salão do Livro de Paris deste ano”. O evento ocorreu em 2015, no Parque de Exposição de Porte de Versailles, na França, e contou com a presença do escritor, Milton Hatoum, cabendo ao mesmo, o posto de autor brasileiro mais vendido na 35ª edição do evento, deixando para trás nomes renomados, como o escritor Paulo Coelho. Pela segunda vez, o evento contou com a presença de um brasileiro, e Milton Hatoum, de uma maneira simpática, agradeceu ao público francês pela presença e confiança no trabalho, e destacou sobre os livros vendidos: “Ser campeão de vendas? Eu fico um pouco deprimido. Na França não é ruim, é chique. No Brasil, ser campeão de vendas é temeroso. A maioria dos *best-sellers* são ruins” (NETTO, 2015).

Ser reconhecido em território nacional e internacional é, sem dúvidas, um trabalho árduo, dedicação, e Milton Hatoum rouba a cena no que tange ao conhecimento. Ele é considerado o escritor brasileiro mais citado fora do Brasil, segundo o Itaú Cultural (COZER, 2009). Tal inclinação editorial permite que o autor seja traduzido em vários idiomas e, ainda segundo o site oficial do autor⁷, Milton Hatoum já foi traduzido em 12 línguas e publicado em 14 países. Hatoum, contribui para ensaios e artigos sobre a literatura brasileira e latino-americana em revistas brasileiras, francesas e italianas, tendo como foco de abordagem, as formações das cidades brasileiras, suas lutas travadas e um olhar delicado para as relações de identidade e cultura nacional.

Para Milton Hatoum, a cidade ganha um sentimento de pertencimento, identidade e luta, como o caso do Amazonas, onde o autor remonta suas narrativas para recuperar o seu espaço de infância. Em entrevista concedida ao *Na Ponta do Lápis - Almanaque da Olimpíada Escrevendo o Futuro*, Milton Hatoum responde sobre a relação de Manaus com sua literatura:

Na sua literatura, Manaus é a referência. Como funciona essa relação da cidade, de sua origem e a sua obra?

Milton Hatoum – O lugar da minha ficção é o Amazonas. Muitas vezes, as pessoas não entendem isso. A minha Amazonas é uma Amazonas metropolitana, urbana. Eu não sou filho da floresta, a floresta não é o meu habitat. A minha literatura é urbana, mas com muitos vínculos com a floresta, o rio. Eu acho que o lugar da literatura é o lugar da infância. Onde eu vou, levo Manaus comigo. Mas não uma Manaus qualquer. É a Manaus do começo dos anos 1960, fim dos anos 1950. Um lugar que eu aprendi a inventar coisas. As pessoas, os jovens de Manaus, não reconhecem mais essa cidade dos meus livros. É curioso... Parece que eles têm uma nostalgia não vivida. Eles têm nostalgia de uma coisa que eles não viveram, que eles não vivenciaram, porque eles não conheceram essa cidade de desenho europeu, essa cidade, como dizia Euclides da Cunha, caipira e cosmopolita ao mesmo tempo. Essa Manaus *belle époque*, cheia de estilos neoclássicos. Eles não conheceram essa cidade perfeitamente anfíbia, que os igarapés, os rios, entram na cidade, participam da vida e do lazer dos seus habitantes. Os jovens não conheceram o que há de mais importante numa cidade do Amazonas, que é a água. Eles não podem tomar banho nos igarapés porque todos foram comidos a partir dos anos 1980. A Manaus que eu conheci é ainda uma cidade encantada. A Manaus deles é a pós Zona Franca, é uma metrópole violenta, destruída, perversa. Havia perversões, naquela época, que eu guardei na minha literatura, mas elas não eram perversões públicas, eram perversões privadas. Que é o que interessa para a literatura (HATOUM, 2008. Grifo nosso).

Hatoum deixa claro o lugar do qual está falando, da cidade grande, desenvolvida numa região da floresta. Evidencia a Manaus urbana e carregada de divisões e disputas, distinguindo aqui o amplo termo Amazonas. A duplicidade sobre a construção e a concepção de Manaus é percebida pelo autor como um verdadeiro desafio, onde é necessário para o

⁷ Disponível em: <http://www.miltonhatoum.com.br/biografia/a-historia-do-autor>. Acesso em: 28 ago. 2020.

autor, apontar, através da literatura, as relações cotidianas que perpassam o imaginário da cidade e suas relações com o homem, natureza e cultura.

Hatoum nos revela na entrevista a abordagem de sua narrativa, de caráter urbanista e metropolitano, apresentando a cidade de Manaus, procurando entender criticamente o processo contemporâneo, desde o final dos anos 1950, período referente à construção daquela cidade. O autor também valoriza a floresta e sua diversidade, questionando o intercâmbio entre cidade e floresta, o que representa o processo de exploração da cidade. Retomando o que Milton Hatoum evidenciou anteriormente, nenhum governo tem um projeto para aquela região, porque não pensa nas pessoas que lá vivem, o que ocasiona as contradições existentes entre cidade e florestas, em Manaus. Dessa forma, podemos perceber que Manaus, para Milton Hatoum, é uma recuperação histórica da sua infância. O autor pode reconstruir seu passado através da narrativa, rememorando os fatos e acontecimentos históricos.

Ainda sobre a literatura de Milton Hatoum e sua relação com a memória, o autor, ao ser entrevistado por Luiz Henrique Gurgel, enfatiza:

Não há literatura sem memória. A pátria de todo escritor é a infância. Acho que o momento da infância e da juventude é privilegiado para quem quer escrever. É onde a memória sedimenta coisas importantes: as grandes felicidades, os traumas, as alegrias e também as decepções. Certamente, não estou falando da lembrança pontual e nítida. O que interessa é a memória desfalcada, a memória não lembrada. Isso é bom para a literatura, porque aí é que se instala o espaço da invenção (HATOUM, 2008, p. 04).

Percebemos que em ambas as entrevistas, Milton Hatoum, retrata sobre a potencialidade do Amazonas, percorrendo cenário manauense e seus espaços culturais. O autor preocupa-se em reconstruir, através da memória, os traumas e alegrias, vivenciados durante a infância e os transforma em narrativas para o leitor, o qual pode desfrutar do ambiente ora imaginado, ora vivenciado pelo autor. Essa estratégia permite que Hatoum transforme sua obra em narrativas que buscam recuperar o passado, ao mesmo tempo, evidenciando o seu cotidiano durante o período em que se inicia sua infância, de 1950 a 1960, mesmo período do processo de modernização da cidade.

Com isso, entender o espaço territorial amazonense, para Milton Hatoum, é recuperar a discussão histórica local e regional, temas tão caros e complexos para a História, que se fazem presente a todo momento em sua obra. Vale destacar que a busca por assumir uma história regional e local em suas obras permite que o autor rompa com os aspectos tradicionais de uma narrativa dominante, e incorpore aspectos culturais e sociais do norte brasileiro, destacando o território e suas configurações políticas e culturais.

No próximo item, será analisado como Milton Hatoum e sua obra *Dois Irmãos* são trabalhados no espaço acadêmico. É proposto verificar um número determinado de trabalhos que melhor dialogam com esta pesquisa, apesar de haver inúmeros trabalhos publicados atualmente. No campo da História, esta é a primeira pesquisa que relaciona Milton Hatoum e a obra *Dois Irmãos*.

2.3 A repercussão da obra *Dois Irmãos* nos espaços acadêmicos: diálogos e aproximações

Nota-se que Milton Hatoum, além de ganhar espaço nos lares brasileiros com suas narrativas atraentes, que envolvem o cenário e a cultura de Manaus e do norte do Brasil, o autor também é recebido pela academia. Suas obras e entrevistas são fontes de análises e interpretações nas diferentes áreas de programas de pós-graduação, contribuindo de forma significativa para o trabalho do pesquisador. Sobretudo, para o historiador, pois este analisa a importância de sua obra para entender os caminhos traçados pelo autor e como suas produções contribuem para o diálogo em determinados momentos históricos. Por isso, será analisado nesta seção como as obras de Milton Hatoum aparecem nas discussões acadêmicas, em especial a obra *Dois Irmãos*, de modo a trazer para consideração os principais temas abordados e estabelecer em que medida o autor contribui para se pensar o Brasil, sua formação e desenvolvimento.

Apresentaremos como a grande mídia, os meios de comunicação, e a academia, interpretam e analisam sobre o escritor amazonense, Milton Hatoum, sem nos preocupar em analisar exclusivamente o trabalho cinematográfico e os seus desdobramentos, já que essa não é nossa preocupação inicial nesse capítulo e, sim, a recepção acadêmica. Será visto, de modo breve, como a obra *Dois Irmãos* ganhou espaço na televisão brasileira, sendo adaptada por uma minissérie da Rede Globo, baseada no romance homônimo de Milton Hatoum, sob a direção de Luiz Fernandes Carvalho, no ano de 2017.

Posteriormente, será identificado como seu trabalho influencia os brasileiros. Assim, busca-se entender como é possível pensar o nome de Milton Hatoum no cenário nacional e internacional, como sua voz é caracterizada e compreendida, e qual sua representatividade crítica.

O olhar direcionado ao cenário amazonense, sua cultura, memória e os espaços criados durante a transição do século XIX para o XX, além dos personagens que compõem a trama de sua narrativa, faz com que Milton Hatoum seja reverenciado pela academia, sobretudo pelo destaque que o autor dá à região norte do país.

Em 2014, o evento Encontros de Interrogação⁸, realizado no Itaú Cultural, em São Paulo, sob a responsabilidade dos curadores Heloisa Buarque de Holanda e Lourival Holanda, reuniu muitos escritores e escritoras para discorrerem sobre as indagações, dúvidas e inquietações diante de suas obras e criações. Na oportunidade, o escritor Milton Hatoum participou do evento como convidado especial, destacando sobre suas obras, a linguagem e suas dificuldades para a produção, além de elencar referências para o estudo do fazer literário. Ao final, o autor apresentou sobre a importância da leitura e da sua oportunidade como ferramenta para o aprendizado. O objetivo desse encontro foi proporcionar um debate em torno da cultura, obra e sua produção, a partir da concepção dos entrevistados, na ocasião, Milton Hatoum.

Posteriormente, em 2019, quatro anos após o evento citado, o escritor Lourival Holanda, professor titular da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Doutor em Letras pela Universidade de São Paulo (1992), realiza a publicação do livro, *Realidade inominada: ensaios e aproximações*, o qual nos apresenta, em aspectos gerais, a linguagem na obra literária, além da recuperação do sentido da memória para a função da escrita. Holanda (2019) remete aos: “[...] limites das linguagens, o lugar desestabilizador do desejo, o discurso da ciência – sempre precário – sobre o que nos faz propriamente humanos, a importância organizadora da memória, a tensa e produtiva relação entre filosofia e poesia” (HOLANDA, 2019, p. 6-7) .

Pensando na definição das linguagens, o autor nos ajuda a compreender e entender melhor a representação crítica de Milton Hatoum, possibilitando um diagnóstico da sua obra. Holanda (2019, p. 6-7) afirma:

Quando Milton Hatoum surgiu na literatura brasileira, no final de 1980, vinha como figura emblemática do que se concebia como cultura brasileira: Hatoum resolvia em modo magistral os impasses teóricos de certa sociologia sequiosa de definições definitivas quanto a questões identitárias. A literatura sempre paga um dízimo ao real. Um *link* entre o texto confessional da crônica e a transfiguração romanesca permite seguir o propósito de uma elaboração: “Eu ainda não conheci ninguém, falava pouco, era um vestibulando sem vocação profissional, um provinciano meio perdido numa cidade desconhecida, que, naquela época, me parecia hostil”. (*Um solitário à espreita*, p. 31). Em *A noite da espera* é já outro ritmo narrativo, o deslocamento de foco; é a mesma realidade – que a escrita desfamiliariza.

Havia aqui um empenho em reconstituir, pela configuração da linguagem literária, as multiplicidades culturais que formam a complexa densidade do Amazonas, onde, sobre o elemento local, indígena, é ainda marcante a confluência das componentes judaica, nordestina, árabe. Com as raízes orientais de Hatoum, víamos florescer em Manaus, terra de acolhida, a um tempo flutuante e fecunda de trânsitos, um modo surpreendente de renovar e inovar as formas de romance pela insidiosa sedução de

⁸ A entrevista completa dos Encontros de Interrogação de 2014 pode ser encontrada disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kNgyrAhXxM4>. Acesso em: 20 out. 2019.

sua prosa. Era um *Norte* que vinha impor sua presença na literatura brasileira recente, como um norteio.

Para Holanda, a narrativa de Milton Hatoum traz a questão sociológica para o cerne do debate, enfatizando as relações sociais e identitárias na construção da cidade de Manaus. Como evidenciado no excerto acima, Holanda está dialogando com a tradução sociológica que pairou sobre os debates acadêmicos brasileiros na década de 1920 e 1930, em uma tentativa de dar visibilidade à pobreza do norte brasileiro.

Nota-se que, para Holanda (2019), Milton Hatoum faz severas denúncias contra as desigualdades sociais e políticas provocadas por projetos modernizadores em Manaus. Porém, dentro de uma concepção histórica, notamos que o objetivo de Milton Hatoum pode ser, sim, denunciar as contradições da região em pleno anos 2000, porém, sem um cunho de engajamento social e político, isto é, estamos falando de tempos distintos aos que Milton Hatoum vivencia. O tratamento do autor é diferente da concepção tradicional sociológica da década de 1920 e 1930, pois ele aborda o Brasil dos anos 2000, diferentemente do que acredita Holanda.

Percebemos, ainda, que para Holanda (2019), Milton Hatoum carrega o sentido sociológico na sua obra, ao analisar e pensar sobre Manaus. O autor destaca o contexto histórico da sua escrita por volta da década de 80, época que a literatura, enquanto artefato, contribui para a interconexão entre a ficção e o real, permitindo o que denominou como *link*. O acesso entre os dois mundos distintos, real e ficção, pensado e idealizado por Milton Hatoum, permitiu a representação sociológica de Manaus, assim como a representação do norte, imigrante, índio e outras minorias étnicas e raciais. Holanda ainda chama a atenção para o romance sedutor de Hatoum, além dos seus aspectos regionais e culturais na obra *Dois Irmãos*.

A narrativa hatouniana nos impressiona ao retomar temas que, até então, eram esquecidos pela História. Com um olhar atento e preocupante para o Amazonas, Milton Hatoum possibilita a reconstrução de um novo espaço proporcionado à região norte. Diferentemente de como aponta Holanda (2019), ao assumir que Milton Hatoum procura focar em sua narrativa experiências com o regionalismo do norte, Birman (2007), na tese de doutorado *Entre-narrar: relato da fronteira em Milton Hatoum*, apresentada ao Programa de Literatura de Pós-Graduação em Ciência da Literatura, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, não acredita no aspecto regionalista do autor. Segundo Birman:

Hatoum não subordina seu projeto literário a paisagens, formas e temas característicos da literatura de sua região, não se preocupando em reafirmar, por meio de sua obra, seu vínculo com a Amazônia, Manaus ou a nacionalidade brasileira. Se os traços brasileiros ou amazônicos surgem em seu texto, como certamente o fazem, estes não o determinam e sujeitam. Ou seja, sua literatura não busca documentar nem descrever o pedaço de Brasil que ele recorta e recria. E seus significados não estão depositados numa exterioridade, que ela se limita a reduplicar, apagando-se como linguagem. Pelo contrário, sua linguagem é fortemente marcada pela auto-reflexividade e pelo questionamento de suas próprias possibilidades (BIRMAN, 2007, p. 52).

Birman propõe dispensar ou recusar qualquer aproximação entre Milton Hatoum com a narrativa do Norte e do Amazonas. Para Birman, o autor ao dialogar com o território Norte do país, o faz não se identificando ou assumindo como pertencente do Amazonas. Birman analisa como o espaço familiar e o olhar estrangeiro está presente nas obras de Milton Hatoum, entre elas, *Relatos de um certo Oriente*, *Dois Irmãos* e *Cinzas do Norte*. Outro ponto destacado pela autora diz respeito ao vínculo com o Oriente de Hatoum, procurando entender o ponto de partida da obra do autor.

Para isso, Birman (2007) propõe discutir a narrativa hatouniana em diferentes pontos. No primeiro capítulo, *Canibalismo literário*, ela apresenta a construção da narrativa de Milton Hatoum, propondo um exercício de pensar como o autor, aborda o tema orientalismo em suas obras e traz para o debate a noção de hibridismo cultural e fronteiras. Vale ressaltar que o trabalho pensando por Birman é fundamental para entender como Milton Hatoum propõe uma reflexão sobre o outro, sobretudo o orientalismo, atividade tão delicada e cara para a História atualmente.

Há aqui um trabalho histórico: pensar nas aproximações e contribuições linguísticas e culturais de outra cultura, tornando-se possível romper com o estereótipo oriental e distante, como proposto por Said (2007), em *Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente*, e permitir a conexão entre culturas diferentes. Como apresentado por Birman (2007):

Ao longo do livro, continuaremos a nos deparar com referências ao nosso imaginário sobre o Oriente, como suas iguarias típicas, a reza voltada para Meca, o aprendizado do árabe, referências que serão mescladas à descrição e à narrativa sobre o povo, os costumes e a fauna da Amazônia. As culturas presentes no romance de Hatoum são, portanto, de grande contraste, fáceis de atrair e de serem lidas ou transformadas em objetos exóticos - tanto na sua dimensão amazônica quanto na oriental. Contudo, de modo geral, o escritor não explora a categoria do exótico, entendida aqui como uma espécie de barreira à experiência de encontro ou de conhecimento daquele que difere de nós; uma forma de ver o Outro que o cristaliza, enquadrando-o numa diferença inalcançável. Nesse contexto, se o exótico implica reconhecimento da diferença, este prioriza a irredutibilidade desta no lugar da potencialidade do encontro; isso mesmo, quando o indivíduo se deixa atravessar e perturbar pelo Outro. Como veremos, Hatoum não enfatiza esse olhar que congela e isola imagens do amazonense, do oriental ou do índio da região. Pelo contrário, o

autor buscará, antes explorar temas como o trânsito entre territórios, culturas, e criará personagens marcados por diferentes costumes (BIRMAN, 2007, p. 22-3).

Birman (2007) também enfatiza que ao aproximar das questões orientais, Milton Hatoum, em suas obras, propõe uma reflexão com o outro, sem, no entanto, adentrar na concepção exótica do termo. O autor propõe uma recuperação do território amazonense, da cultura libanesa, da culinária e das mais diversas linguagens em suas obras, especialmente em *Dois Irmãos*. Dessa forma, o que Milton Hatoum está propondo em realizar para Birman é um trânsito cultural, isto é, a aplicação de várias culturas e identidades em um mesmo espaço territorial, no caso em *Dois Irmãos*, a cidade de Manaus.

O primeiro capítulo da obra de Birman (2007) é de suma importância para situarmos a discussão de Milton Hatoum e entender o lugar de fala do escritor. Para a autora, a narrativa hatouniana é caracterizada por um discurso denunciador, elevando as contradições sociais e econômicas de Manaus, a partir de suas obras. Acreditamos que tal abordagem, adotada por Birman, permite observar como Milton Hatoum inova em seus trabalhos, sendo uma das principais referências no combate e denúncias de projetos ambiciosos modernos, e da falta de planejamento político para o Amazonas, sobretudo para a cidade de Manaus.

Nesse sentido, concordamos com Birman ao definir que Milton Hatoum contribui para se pensar o Norte brasileiro e seus desdobramentos. Uma das possíveis razões para essa abordagem de Milton Hatoum está no fato de que o autor vivencia grande parte da sua vida em Manaus. Sendo assim, o lugar de fala do autor, como evidenciado no campo histórico, permite que Milton Hatoum denuncie as faltas de política pública e as ambições modernistas de exploração da região em suas obras.

Nos demais capítulos, Birman (2007) propõe uma abordagem mais detalhada da obra, em especial o lugar ocupado pelos personagens: Nael, de *Dois Irmãos*, e Lavo, de *Cinzas do Norte*. A autora os situa dentro da narrativa hatouniana, dialogando em como esses personagens aparecem na obra, e analisando todos os fatos envolvendo-os, como o seu papel, família, tipo de relação, entre outros. Nota-se que tal abordagem proposta por Birman, será apresentada aqui superficialmente e rapidamente, já que no próximo capítulo, retornaremos às questões dos personagens que compõem a narrativa hatouniana, sobretudo em *Dois Irmãos*.

Já para Tânia Pellegrini, Professora Emérita da Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR), com mestrado e doutorado em Teoria Literária, pela Universidade Estadual de Campinas (1987 e 1993), graduada em Letras, Português e Francês, pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (1971), atualmente, Professora Sênior do Departamento de Letras da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e pesquisadora, também, pelo

Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS), as obras de Milton Hatoum mantêm-se com um vínculo entre a estética regionalista, ao mesmo tempo que propõe “elaborar conscientemente uma realidade humana” (PELLEGRINI, 2004, p. 122).

A professora Pellegrini (2004), analisa no ensaio, *Milton Hatoum: e o regionalismo revisitado*, as condições sociológicas das obras hatounianas, procurando entender como o autor recupera, através da narrativa, o poder do discurso denunciador. Entendemos aqui por discurso, elemento que traduz uma exposição metódica sobre certo assunto, no caso de Milton Hatoum, a aproximação com a identidade manauense e o orientalismo, temas presentes em suas obras. Pellegrini aponta:

O que emana do discurso com mais contundência é o sentido da busca de uma identidade: manauara, brasileira, mestiça, libanesa ou tudo isso ao mesmo tempo, expressa sobretudo na figura do narrador. Não se trata aqui de uma relação com o que se tem denominado multiculturalismo [...]. Nos textos em questão, a busca da identidade corresponde à histórica busca da expressão nacional que sempre orientou a ficção brasileira, pois, além da experiência compartilhada da desigualdade – mais que o essencialismo desta ou daquela identidade – elabora-se [...] uma dupla comprovação. De um lado, registra-se que a cultura presente na comunidade manauara, em permanente mutação, compõe-se de valores particulares, historicamente elaborados: são os elementos indígenas, os mestiços e os resultantes dos vários fluxos migratórios; de outro, corrobora a energia criadora que move essa cultura, fazendo-a muito mais que um simples conjunto de normas, comportamentos [...], pois trata-se de uma força poderosa que cria nexos profundos e originais no interior das narrativas (PELLEGRINI, 2004, p. 129).

Para Peleggrini (2004), a obra de Milton Hatoum carrega em suas estruturas, narrativas próximas a construção e idealização do Norte do país, em especial de Manaus. Podemos identificar, então, os movimentos de migração, imigração, cultura e retrato da construção brasileira, na virada do século XIX para o XX, onde é possível perceber as nuances histórica, políticas e culturais do território em formação. Além dos aspectos externos da obra, como a reconstrução da memória da cidade manauense, a partir do personagem Nael, em *Dois Irmãos*, o processo de modernização no Norte brasileiro e a corrida do látex na região, a autora também enfatiza aspectos internos da obra, como o drama da família, e o jogo de poder e resistências que estão tão presentes em Milton Hatoum. Esses elementos, traduzidos por Peleggrini (2004), exprimem os espaços territoriais e culturais que Hatoum busca em suas obras, tornado possível pensar o Norte brasileiro e suas diversidades culturais e sociais.

A autora ainda aponta que Milton Hatoum ressalta em suas obras literárias, traços da identidade manauara, brasileira, mestiça e libanesa, e que tal intencionalidade faz parte de uma preocupação do autor, em discorrer sobre o norte brasileiro, em especial o Amazonas,

região abandonada do nosso território. A proposta adquirida por Hatoum pode ser entendida pela professora Pellegrini (2004) como aspectos da transculturação, conjunto de fatores que aproximam o autor de uma história regionalista, preocupada com os elementos históricos e culturais da região Norte do país. Pellegrini (2004, p. 135) pontua: “compõe um tecido rico no seu hibridismo, que conserva vivas todas as suas fontes e é capaz de continuar transmitindo a herança delas recebida. É uma herança renovada que, todavia, ainda se identifica completamente com o passado, resgatando-lhe a identidade”. A herança aqui estabelecida por Pellegrini (2004) permite que identifiquemos Milton Hatoum como precursor de uma luta de identidade, cultural e política em Manaus, onde o autor utiliza de suas obras para mostrar as faces do Norte brasileiro.

Embora entendemos que Milton Hatoum não seja o único autor brasileiro a levar essas questões sobre a identidade manauense e as lutas travadas no território Norte brasileiro em seus discursos, análises e obras, acreditamos que por ter um papel importantíssimo no cenário social e político contemporâneo, mantendo um lugar de destaque nos jornais, mídias e outras plataformas, como um dos principais autores brasileiros em questão, Milton Hatoum nos provoca ao exercício da reflexão crítica, ao abordar questões como o hibridismo, herança e identidade. Tais reflexões permitem que diferenciemos Milton Hatoum de outros autores que transitam no território Norte brasileiro, entre eles: Olga Savary, Otávio Afonso, José Concesso, Mário Souza, Manoel Bispo Corrêa e Nenê Macaggi, com suas respectivas obras: *Sumidouro* (1977), *Cidade Morta* (1980), *Meu primeiro picolé* (2004), *Galvez, Imperador do Acre* (1976), *Cristais das Horas* (1978) e *Águas Parada* (1933)⁹.

Sendo assim, a obra *Dois Irmãos* (2000), de Milton Hatoum, embora não seja a única e exclusiva a trazer questões particulares do Norte brasileiro, em especial a construção da cidade de Manaus, ela se diferencia pela popularidade do autor, Milton Hatoum, responsável pelos holofotes nacionais e internacionais, em suas lutas travadas pela defesa do território Norte brasileiro e por suas inúmeras produções, como apresentado por Pellegrini (2004), no ensaio *Milton Hatoum e o regionalismo revisitado*:

[...] ele consegue não esquecer, mas lembrar; não superar, mas resgatar, em termos artísticos de inegável valor, o impasse criado pelas desigualdades de fundo da vida social e da multifacetada cultura brasileira, num movimento de incorporação simultânea de termos heterogêneos e numa síntese de profundo significado humano e político (PELLEGRINI, 2004, p. 136).

⁹ Não se pretende, neste trabalho, refletir sobre as obras em questão, tampouco analisar seus enredos. Nosso objetivo aqui é apontar outros autores que dialogam com a temática do norte brasileiro, procurando identificar o autor e a temporalidade. As presentes obras citadas trazem para o debate/análise os seguintes Estados, respectivamente: Pará, Rondônia, Tocantins, Acre, Amapá e Roraima.

Podemos concluir que para Pellegrini (2004), o caráter literário de Milton Hatoum é expressar as nuances de Manaus, possibilitando a reconstrução da região Norte, através da literatura. Além disso, o autor possibilita uma nova leitura do território, proporcionado, a partir da sua narrativa, dar espaço e construir significado humano e político para a região, caracterizando, então, sua preocupação com o Norte, o que a autora denominou como regionalismo. Diferentemente do que define Pellegrini (2004), Birman (2007) aponta que Hatoum não trata aspectos do multiculturalismo, mas uma análise minuciosa da região norte, sobretudo compartilhando a desigualdade dessa região do país, além de ressaltar a formação da sua identidade e cultura. Nesse sentido, ambas autoras convergem na maneira como o autor recupera o espaço de Manaus, e divergem na representação do que é o multiculturalismo, assim como na concepção da história norte.

Trazendo a questão cultural para o campo histórico, notamos que o itinerário pessoal e profissional de Milton Hatoum, enquanto interlocutor da região norte brasileira, permite que o autor identifique elementos essenciais para entender e compreender o cenário amazonense, enfatizando a relação econômica, social e cultural da região. Suas obras, em especial *Dois Irmãos*, perpassam temas tão delicados na História brasileira, como a questão indígena, a relação da mulher e outros temas que exigem uma maior reflexão no cenário atual.

Dessa forma, percebemos a contribuição singular de Milton Hatoum para a História, ao trazer temas tão complexos e delicados para análise. O autor também procura, através de outros elementos, destacar seus posicionamentos frente ao atual cenário político brasileiro, demonstrando a preocupação na manutenção e conservação da floresta Amazônica, além de refletir sobre as políticas ambiciosas que devastaram o Norte brasileiro em busca de um projeto modernizador, e consolidação de interesses capitalistas, sem se preocuparem com as questões sociais e culturais.

Partiremos, a partir desse ponto da presente dissertação, mapear e identificar a relevância do lugar de *Dois Irmãos*, e a construção do espaço na obra literária, além das interferências sociológicas, filosóficas e estruturais, presentes na vida social dos personagens na obra. Para isso, recorreremos a Júlio Cezar Pereira de Assis, em sua dissertação de mestrado, apresentada ao Programa de Mestrado em Teoria Literária pela Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de Letras e Linguística em 2010, intitulada *A casa libanesa e o universo manauara: uma leitura topoanalítica da obra Dois Irmãos, de Milton Hatoum*.

Assis busca analisar a configuração da casa libanesa e o espaço manauara na obra *Dois Irmãos*, a partir da perspectiva da topoanálise, que segundo a definição de Bachelard

(2008), em *A poética dos espaços*, refere-se aos estudos psicológicos dos locais de nossa vida íntima. Para Bachelard, a topoanálise seria “[...] o estudo psicológico sistemático dos locais de nossa vida íntima” (BACHELARD, 2008, p. 88).

O olhar para Milton Hatoum, e a obra *Dois Irmãos*, faz com que Assis (2010) inicie a dissertação discutindo sobre como os personagens da obra ficcional estão relacionados com o local que habitam a narrativa, isto é, como Milton Hatoum utiliza dos personagens para compor o cenário manauense, carregando a arquitetura, geografia e a História da região, e, depois, discutindo sobre o conceito inicialmente apresentado como topoanálise. O termo, sugere um olhar para os espaços internos e externos ao homem, sua trajetória e as relações e experiências com o mundo. Nesse sentido, a topoanálise está presente em *Dois Irmãos*, a partir do personagem Nael, narrador da obra, quem conduz sobre a história da família libanesa e a chegada na cidade de Manaus, a partir da memória obtida ao longo da narrativa.

Nael¹⁰ busca compreender o espaço político, econômico e social de Manaus, a partir da memória. É um olhar que vem de fora, pois, o personagem é filho da indígena, Domingas e sua participação na casa do fundo passa despercebida pelas lentes do leitor, embora tal estratégia seja proposital por Milton Hatoum, pois permite que o personagem, mesmo esquecido, ganhe voz e poder. Assis (2010) enfatiza sobre os principais pontos que Nael conecta ao longo da narrativa, envolvendo a floresta e o rio Amazonas:

O cenário engloba os espaços criados e habitados por homens. Por meio de sua cultura, o indivíduo modifica o espaço e o constrói a sua imagem e semelhança. São exemplos de cenário importante para os topoanalistas, a casa e seus cômodos, a rua, os meios de transporte, a escola, as bibliotecas, o rio, etc. A natureza abarca os espaços não construídos pelo homem. Dois exemplos forte de natureza que serão analisados nesse trabalho sobre a obra *hatouniana*, são a floresta e o rio Amazonas, presenças constantes como personagens da cidade flutuante. E, embora seu conceito seja pouco claro nas teorias sobre o espaço, o ambiente seria o cenário e a natureza impregnados de um clima psicológico, ou seja, quando esses se relacionam diretamente aos sentidos e ações da narrativa. Se há, por exemplo, um confronto ou tensão entre duas personagens, geralmente, o clima da cena é reforçado por uma tempestade ou um vento forte. No romance de Hatoum, sempre há a chuva ou o rio Negro presentes em alguns dos momentos de maior tensão na trama, como quando Omar foge de casa e vai morar em um barco ancorado perto de casa e na cena final, quando assistimos a última visão do rosto do caçula (ASSIS, 2010, p. 24).

Nota-se que para Assis a narrativa hatouniana carrega elementos importantíssimos da cultura amazonense, identificados na obra através dos personagens ou por meio de passagens

¹⁰ Não avançaremos na discussão sobre o personagem no primeiro capítulo, pois no próximo, procuraremos entender a funcionalidade de Nael na obra *Dois Irmãos* e mapear como o personagem recupera a história da família libanesa e sua chegada em Manaus, além de situar os vários acontecimentos históricos que norteiam a obra.

que remetem sobre o cotidiano regional de Manaus. O principal articulador dessa recuperação histórica é o próprio Nael, personagem que recupera a história do desenvolvimento da cidade de Manaus, a partir da chegada da família libanesa, Yalim e Zana. Dessa forma, Assis identifica a obra *Dois Irmãos*, de Milton Hatoum, como uma possibilidade de interpretação da ideia de topoanálise, isso é, entender em que medida a cultura e identidade libanesa está sendo pensada pelo autor, na cidade de Manaus, além de analisar como a figura feminina é caracterizada, sobretudo a partir das personagens: Rânia, Zana e Domingas.

Para isso, Assis (2010) organiza sua dissertação dividindo-a em dois momentos, o primeiro capítulo: a casa libanesa, onde o autor analisa a função estabelecida por cada personagem no interior da casa, além de entender o poder da memória na construção da narrativa hatouniana; já no segundo capítulo: o universo manauara, o autor busca compreender como o regionalismo e o local se fazem presente na obra de Milton Hatoum, além de apontar como o escritor traz para o enredo os costumes e os problemas da cidade de Manaus, sobretudo ao abordar sobre o índio, seringueiro e o mascaste.

Para finalizar, Assis (2010) entende que a presença da discussão sobre a identidade libanesa e suas marcas na cultura brasileira em *Dois Irmãos*, caracteriza-se especialmente, pela infância de Milton Hatoum, como identificado pelo autor:

Podemos considerar que o autor Milton Hatoum, em *Dois irmãos*, trabalha o espaço de maneira bem significativa e, principalmente, aliando-o às características centrais das personagens. Segundo os preceitos de Bachelard sobre o espaço, já é possível caracterizar a disposição dos móveis da casa libanesa, bem como a própria estruturação de seus cômodos e associá-los aos habitantes do lugar. Percebemos, por exemplo, que quanto mais apagada é a personagem na trama, mais escura é a descrição de seus aposentos. Rânia, cujo quarto é pouco descrito, representa a mulher que vive à sombra dos irmãos, renunciando até a sua condição feminina para ser notada como indivíduo em um espaço degradado. Halim é outro exemplo de personagem que apresenta duas caracterizações: uma, ao casar com Zana e viver várias noites de amor e sexo; outra, se trata da visão da personagem sobre a vida, após o nascimento e crescimento dos filhos, tornando-o um homem triste, solitário e fechado em seu próprio universo. O quarto, a rede e o sofá cinzento (este último em que a personagem Halim falece), são os espaços da decepção do homem diante de uma existência anulada, uma vida relegada a mero provedor de uma família condenada à ruína. E, se considerarmos a condição de agregado do narrador, percebemos que este observa e avalia o mundo de acordo com a posição social e espacial em que se insere na casa que o acolheu. A personagem é vista como um estrangeiro em sua própria terra, metáfora perfeita retomada pela questão do duplo na obra. Aqui, os irmãos representam o homem dividido, angustiado por não possuir uma identidade e uma significação durante as transformações que as mudanças de espaço podem lhe trazer. O exemplo disso está na personagem Yaqub. Permanecer na casa libanesa e em Manaus, é ser um indivíduo apagado já que está sempre em rivalidade com o irmão e carregando em seu rosto sempre a marca da discórdia, além de enfrentar, diariamente, nesse espaço (aparentemente acolhedor), a tentativa da matriarca em dedicar o seu carinho ao gêmeo Omar (ASSIS, 2010, p. 84).

Sendo assim, a obra aborda questões que perpassam o cotidiano do autor, Manaus, Líbano, seringueiros, indígenas entre outros temas, como próprio apresentado por Hatoum (1993) na *Passagem para um Certo Oriente*, onde o autor recorda sobre a memória de sua infância.

Dessa forma, apresentamos na presente discussão, os caminhos e possibilidades para construção da narrativa, contidos na obra de Milton Hatoum, perpassando por uma discussão teórica, envolvendo a teoria literária e sua aplicação na História e, posteriormente, procuramos analisar como as obras do autor representam o cenário Norte brasileiro, enfatizando sua produção e a leitura crítica de seus livros. Assim, procurou-se entender a importância de Hatoum em uma perspectiva histórica, que aborda um momento da história brasileira, através da literatura e ficção, instrumentos que permitem compreender e analisar o cenário social, político e econômico de um determinado contexto.

3 O ROMANCE HISTÓRICO: UMA ANÁLISE DA IDENTIDADE, CULTURA E REPRESENTAÇÃO PRESENTE EM *DOIS IRMÃOS*, DE MILTON HATOUM

Na literatura brasileira, a ficção retrata uma das possibilidades de se analisar o conjunto de informações de uma determinada cidade, além de transformações culturais, sociais dos personagens contidos na obra. Pensando assim, o romance *Dois Irmãos* recupera a história de Manaus, na década de 1920, contribuindo significativamente para entender a transição da cidade manauense no período de 1820 a 1960, e as relações históricas nela contida. Nesse sentido, pretende-se, neste capítulo, analisar como o autor recupera, por meio de Nael, narrador onisciente, as relações de memória, identidade, cultura e história familiar na cidade de Manaus, produzindo elementos que permitem problematizar a obra e a própria história atribuída à cidade de Manaus.

Identificaremos na obra os elementos que compõem o cenário de Manaus, São Paulo e Líbano, e suas peculiaridades. Além de elencar fatores históricos, como a Segunda Guerra Mundial, a extração do látex na região Norte do país, a construção dos Dois Brasis¹¹, e aspectos da ditadura militar no norte do país. Para tanto, procuraremos, a partir do exercício de reflexão, caracterizar como Hatoum ressignifica os eventos históricos na obra, e como ela dialoga com a História e Literatura¹², permitindo uma aproximação entre o real e a ficção.

Para relacionar melhor o contexto histórico, o presente capítulo se divide em seis tópicos: 3.1) Enredo da obra *Dois Irmãos*; 3.2) Contexto histórico em *Dois Irmãos*; 3.3) A imigração sírio-libanesa; 3.4) Processo de modernização; 3.5) Rochiram e a presença do sistema capitalista; e 3.6) Yaqub e Omar: a rivalidade entre os gêmeos, e a presença do drama bíblico.

3.1 Enredo da obra *Dois Irmãos*

O romance *Dois Irmãos* se passa na região Norte do país, sobretudo em Manaus, durante a década de 1920 a 1960, destacando a economia da cidade: ciclo da borracha (látex), suas culturas e as imigrações sírio-libanesas que começaram a surgir na região. Milton

¹¹ Entendemos por Dois Brasis a diferenciação cultural e econômica, que marcam as regiões Sul e Norte do país durante muito tempo. Tais contrastes são analisados pela Sociologia como uma diferenciação de regiões civilizadas e urbanizadas em detrimento de outras pacatas e desvalorizadas economicamente. Hoje, o debate em torno dessa questão gera várias interpretações, e não pretendemos analisá-las aqui, em virtude de inúmeros trabalhos acerca dessa questão.

¹² Vale mencionar, que Milton Hatoum dialoga com a história constituída por meio da literatura. Ou seja, por meio da ficção ele reconstrói aspectos históricos da sua região.

Hatoum procura resgatar, através da memória do narrador, Nael, personagem onisciente, as experiências das individualidades e coletividades da construção de Manaus, assim como as questões políticas e culturais que se estabeleceram na região. Sendo assim, Nael, busca reconstituir, através dos relatos dos personagens do enredo, o cenário manauense, promovendo uma articulação entre os pensamentos de cada protagonista.

Halim e Zana formam um casal que vive em Manaus e possuem três filhos: os gêmeos Yaqub, Omar e Rânia. Oriundos do Líbano, o casal se dirige para o Brasil para tentar ganhar a vida. *Dois Irmãos* inicia-se no prólogo, com a morte da matriarca Zana, perguntando se os filhos já fizeram as pazes, e não obtendo a resposta, morre. Podemos perceber a temporalidade do enredo, recuperando aspectos do presente e passado. O enredo da obra, narra a rivalidade dos irmãos gêmeos, Yaqub e Omar e percorre toda a cidade de Manaus durante a década de 1920 à 1960. Os conflitos e brigas, gerados pelos irmãos, fazem com que os pais, Zana e Halim, enviem o filho mais velho, Yaqub, para um vilarejo no Líbano, procurando, com o tempo, distanciar os irmãos dos choques e desavenças, após o episódio com Livia, onde Omar, guiado pelo ciúme e raiva, atira uma garrafa de vidro contra Yaqub. O episódio em questão representa o clímax da obra. Essa situação possibilita a separação dos irmãos gêmeos.

A passagem de Yaqub pelo Líbano é dura e cruel. Anos depois, retorna para o Brasil, e de uma maneira objetiva, se dedica aos estudos, ignorando a família e o irmão, muitas vezes. Se despede da família e segue seus sonhos na capital paulista, São Paulo, enquanto Omar, permanece em Manaus com suas algazarras. A obra atravessa vários momentos históricos, os quais serão minimamente analisados e permitem ao leitor desfrutar de um ambiente rico em informações. Para isso, pontuaremos alguns recortes para investigar os eventos históricos contidos em *Dois Irmãos*, além de outros personagens que compõem a narrativa.

3.2 Contexto histórico em *Dois Irmãos*

A obra *Dois Irmãos*, em sua trama, transcorre todo o contexto do Brasil na transição do século XIX para XX. Tendo como o cenário a construção de Manaus, da década de 1910 até o regime militar no norte do país (1960), o escritor utiliza, através do personagem onisciente, Nael, a busca e compreensão das memórias históricas¹³ contida na obra. Nesse

¹³ Entende-se como memória histórica, as vivências e acontecimentos que perpassam uma determinada localidade em uma época, como destaca Le Goff (1990), em seu livro *História e memória*, onde o autor

sentido, vamos pontuar em que medida Nael busca narrar os fatos históricos, e qual o sentido dos mesmos na obra, além de buscar compreender quais passados são mobilizados em *Dois Irmãos*.

Vale destacar que Milton Hatoum, com a literatura, alcança a busca do que Roger Chartier (1990) convencionou chamar de ressignificação¹⁴. Em *Dois Irmãos*, o escritor atribui um novo significado para os momentos históricos, buscando, através do simbólico, a reconstrução do real. Para tanto, vale ressaltar a importância do narrador, Nael, filho da empregada Domingas, e neto de Halim, o narrador onisciente, que utiliza da memória e dos relatos orais para reconstruir o cenário de Manaus. Vale frisar a trajetória que Nael acaba por assumir, e quais as intenções e convencimentos para os quais o personagem está chamando atenção ao longo da narrativa. A obra *Dois Irmãos*, inicia-se através da epígrafe de Carlos Drummond de Andrade:

Liquidação
 A casa foi vendida com todas as lembranças
 Todos os móveis todos os pesadelos
 Todos os pecados cometidos ou em via de cometer
 A casa foi vendida com seu bater de portas
 Com seu vento encanado sua vista do mundo
 Seus imponderáveis [...] (ANDRADE, 2006, p. 943).

O poema *Liquidação* anuncia a tragédia que está por acontecer na obra. A destruição da família e do lar dos integrantes da casa. Nesse sentido, a recuperação do poema de Carlos Drummond de Andrade apresentado no prólogo do enredo, denuncia e aponta as consequências da infelicidade familiar e demolição dos sonhos da matriarca, Zana, a qual, em todos os momentos, procura a aproximação dos gêmeos Yaqub e Omar. A estratégia de Hatoum em recuperar o poema de Drummond, é apontar em que medida as memórias do lar foram esquecidas.

Os elementos da casa: lembranças, móveis, pesadelos, pecados, o bater de portas, vento encanado e seus imponderáveis (dúvidas), fazem referência, possivelmente, de um sujeito que vivenciou e possuía memórias do lar. A escolha do poema é proposital, *Liquidação*, remetendo a queima/aniquilamento do lar que foi abandonado. Algo facilmente

salienta que “[...] como o passado não é a história, mas o seu objeto, também a memória não é a história, mas um dos seus objetos e [...] um nível elementar de elaboração histórica.” (LE GOFF, 1990, p. 50).

¹⁴ Entendemos aqui por *ressignificação* a prática das diferentes modalidades de significados criados pelo ser humano, confrontando a realidade histórica. Nesse sentido, atribuem-se a função de simbolização nos objetos, permitindo reconstruir novos conceitos.

detectável na narrativa de Hatoum, onde o mesmo procura analisar os efeitos dessa liquidação e as consequências da memória no lar libaneses.

No final do poema, Drummond ressalta que a casa foi vendida “por vinte, vinte contos”¹⁵, o valor, que por sinal é insignificante, é uma tentativa de dialogar sobre a importância da memória/lembrança do lar, que se perde por motivos econômicos. Diante disso, ambos os autores, Hatoum e Drummond, percebem que as recordações do lar valiam mais do que o valor pelo qual a casa foi vendida.

É interessante perceber que assim como o poema *Liquidação*, a obra *Dois Irmãos* carrega em sua temática os esquecimentos da memória e o abandono do lar. E, nesse sentido, os autores procuram dialogar como os fatores econômicos predominaram nos lares, favorecendo o abandono das lembranças contidas naquele espaço físico, uma vez que, segundo Drummond, nenhum valor econômico poderia comprar as recordações e rememoração do lar.

Percebe-se que Drummond procura atribuir um valor sentimental de lembrança para a casa e os seus móveis. Zana, a matriarca da família libanesa, também na obra *Dois Irmãos*, procura atribuir ao lar, significado e existência, atribuindo notoriedade à casa. Exemplos visíveis dessa postura podem ser visualizados na imagem de seu pai, no centro da casa, o espelho que a matriarca ganhou de casamento, o sofá cinzento do lar, o qual recordava a memória de seu esposo, Halim, e vários objetos que a mesma atribuía valor.

Quem recupera toda a narrativa é Nael, o narrador, até então, sem nome¹⁶, sem pai, e que busca constantemente sua identidade, através da memória. A história inicia-se com a morte de Zana, mãe de Yaqub e Omar, protagonistas da obra. No seu leito de morte¹⁷, Nael descreve:

Eu não a vi morrer, eu não quis vê-la morrer. Mas alguns momentos antes de sua morte, ela deitada na cama de uma clínica, soube que ergueu a cabeça e perguntou em árabe para que só a filha e a amiga quase centenária entendesse (e para que ela mesma não se traísse): “Meus filhos já fizeram as pazes?”. Repetiu a pergunta com força que lhe restava, com a coragem que a mãe aflita encontra na hora da morte. Ninguém respondeu. Então, o rosto quase sem rugas de Zana desvaneceu; ela ainda virou a cabeça para o lado, à procura da única janelinha na parede cinzenta, onde se apagava um pedaço do céu crepuscular (HATOUM, 2000, p. 10).

¹⁵ Enfatiza-se que o final do poema: “por vinte, vinte contos” não aparece na obra *Dois Irmãos*, e nesse sentido, as considerações apontadas aqui, dizem respeito a supostamente uma das interpretações do poema.

¹⁶ Vale mencionar que o nome do personagem é revelado apenas no nono capítulo, deixando um ar de mistério na obra.

¹⁷ A obra *Dois Irmãos* inicia-se em um determinado tempo: final do próprio livro, com a morte da matriarca Zana.

Zana casou-se com Halim e tiveram três filhos: os gêmeos Yaqub e Omar, e a filha Rânia. Filha do libanês Galib, Zana chegou no Norte do Brasil durante a década de 1910, época essa que caracteriza a chegada, em grande massa, dos imigrantes sírio-libaneses e outros. Manaus, nessa época, vivencia o fim da extração do látex (borracha), momento em que a cidade recebe muitos imigrantes. Percebe-se, também, que sua vinda está implicada com a perseguição da fé católica no Líbano e, por isso, refugia-se no Norte do território. Seu pai, ao chegar ao Brasil, constrói o restaurante *Biblos*¹⁸, centro de grande comércio e contatos com vários grupos¹⁹ étnicos. O contato com Halim se deu através da ajuda de Tanus, o poeta que o orientou a recitar versos de *gazais*²⁰ para Zana. Casaram-se e tiveram os três filhos.

Os gêmeos tinham personalidade completamente diferentes. Yaqub é o mais velho, compenetrado e estudioso, vive durante três anos fora do país e, ao voltar, decide sair de casa para morar em São Paulo, onde se casa com Lívia. O caçula era o oposto, baderneiro e xodó da sua mãe, Zana. Omar era o centro das atenções em Manaus. Sua vida implicava em festas e algazaras pela rua manauense. Já a indígena, Domingas, a empregada da casa, aparece depois que Zana a compra com as irmãs do convento. Catequizada conforme os preceitos/orientações cristãos, a indígena tem um papel primordial na casa, desempenhando as funções de ajudante e cozinheira. Da relação, supostamente, de um dos irmãos com Domingas, nasce o narrador e personagem da obra, Nael.

O filho bastardo busca constantemente suas raízes, identidades e cultura na obra. Graças ao poder da memória e narrativa, Nael vai reconstruindo a história da família libanesa, ao passo que vai elencando as várias memórias históricas em *Dois Irmãos*. O mesmo tem “sede de lembranças de um passado desconhecido, jogado sei lá em que praia no rio” (HATOUM, 2000, p. 67). A busca da trajetória histórica em Nael permite extrair importantes contribuições para a obra. Por meio da recuperação e exercício da memória, o narrador reconstrói a história de Manaus, durante a década de 1910 a 1960 e, conseqüentemente, ajuda na estruturação/criação da narrativa, possibilitando pensar os espaços da cidade, os personagens e as modificações que ocorreram ao longo da obra.

Dessa maneira, parte-se de um fragmento da história de Nael, para reconstituir os vários momentos históricos, presentes em *Dois Irmãos*, permitindo, dessa forma,

¹⁸ Identificamos que *Biblos* é uma cidade na costa mediterrânea do atual Líbano. Conhecida pelos seus vestígios arqueológicos, a cidade desperta interesse para os arqueólogos. Segundo o filósofo e historiador Filon de Alexandria, era famosa por ser a mais antiga cidade do mundo.

¹⁹ O restaurante *Biblos* é o principal ponto de contatos dos grupos na obra *Dois Irmãos*, entre eles: pobres, indígenas, libaneses, manauenses e outros grupos. Identifica-se também, a sua particularidade na gastronomia, resgatando pratos típicos de Manaus e do Líbano. Nesse sentido, o restaurante é um importante elemento para entendermos a manifestação cultural e social na obra.

²⁰ *Gazais* é uma forma de poema lírico, tendo como conteúdo, o aspecto amoroso/romântico.

compreender quais fatos/eventos históricos que são buscados, por quê são reconstruídos e de qual maneira aparecem na obra. Sendo assim, dividiremos as análises temporais em tópicos, para melhor facilitar o entendimento da narrativa, e compreender os fatos históricos no livro.

3.3 Imigração Sírio-Libanesa

Buscar entender o processo de imigração Sírio-Libanesa na obra *Dois Irmãos*, é, especialmente, analisar a importância da sua cultura, memória, narrativa e outros elementos históricos que possibilitam captar de qual maneira e sentido, Milton Hatoum examina a chegada de outras cultura no Norte do país, além de compreender em qual logicidade o autor ressignifica a noção de imigração, e compreender como é atribuído outros significados na obra, percebendo as transformações históricas e culturais que ocorreram após a chegada da família sírio-libanesa no Norte do país, na década de 1910.

A chegada dos imigrantes sírio-libaneses no Brasil, para Manuel Diegues Júnior²¹ (1977), está relacionada a fatores políticos e econômicos. Em sua obra *Etnias e Cultura no Brasil*, o autor apresenta os contextos históricos da chegada dos imigrantes no Brasil, por volta de 1880, após a visita de Dom Pedro II, no Líbano, fator que representa acordos diplomáticos entre os dois países. Segundo Diégues Júnior (1977), a entrada dos imigrantes, está relacionada aos problemas enfrentados na economia, falta de perspectiva econômica na região, pelo controle exercido dos turco-otomanos, e a tributação de inúmeros impostos pelo governo. Esses motivos possibilitaram avanços desses povos no Brasil, na virada do século XIX para o XX, em busca de refúgio e proteção.

O autor ainda discute as perseguições religiosas dos sírio-libaneses, pelos Império Otomanos. Uma das medidas do governo libanês passou a ser a questão do alistamento militar obrigatório dos cristãos. Prática que acarretou a emigração de inúmeros cristãos para fugir do serviço militar. Nesse contexto, muitos sírio-libaneses chegam no Brasil, no início do século XX, com o objetivo de encontrar uma região onde pudessem se refugiar dos interesses e perseguições dos turco-otomanos.

²¹ Destacado antropólogo, sociólogo, jurista e folclorista brasileiro, reconhecido internacionalmente, Manuel Baltazar Pereira Diégues Júnior, filho de Manuel Baltazar Pereira Diégues e Luísa Amélia Chaves Diégues, nasceu em Maceió/AL no dia 21 de setembro de 1912. Formou-se em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito do Recife, no ano de 1935. Veio a ser professor de antropologia cultural e antropologia do Brasil e Diretor do Departamento de Sociologia e Política da PUC/RJ. Teve intensa participação nos estudos relacionados ao folclore. Deu cursos em universidades estrangeiras. Pertenceu à American Anthropological Association e ao Instituto Histórico Brasileiro, entre outras instituições culturais, tendo presidido a Associação Latino Americana de Sociologia (ESTADO DE ALAGOAS. Manuel Diegues Júnior. **Secretaria de Estado da Cultura**. Disponível em: <http://www.cultura.al.gov.br/politicas-e-acoes/mapeamento-cultural/alagoanos-ilustres/manuel-diegues-junior>. Acesso em: 05 de ago. 2019).

Para o professor Jeffrey Lesser²², em sua obra *A negociação da identidade nacional: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil*, é preciso estabelecer como os processos imigratórios do século XIX e XX, foram de grande importância no processo de formação nacional brasileira, destacando o deslocamento de vários grupos, e como foram articulados no cenário político do território. Para isso, o autor chama a atenção para a imigração sírio-libanesa no Brasil, que se iniciou pelos árabes, no final do século XIX, em virtude do domínio do Império Turco-Otomano. Eles vieram refugiados pela dominação/perseguição da fé islâmica contra as comunidades cristãs árabes e, diferentemente de outros grupos que vieram para o território brasileiro em busca de trabalho, os sírio-libaneses iniciaram sua jornada como mascates ou varejistas.

As grandes imigrações²³ para o Brasil se intensificaram de forma massiva na virada do século XIX para o XX. Foi então que os sírio-libaneses chegaram ao nosso território, mais precisamente em Manaus. O primeiro fator que se relaciona com essa vinda, pode ser condicionado à política diplomática de Dom Pedro II. Segundo Andrade (2006): “Um dos motivos para a vinda de libaneses para o Brasil, segundo estudiosos da área, foram também as duas visitas do Imperador D. Pedro II ao Líbano. D. Pedro esteve presente naquele país nos anos de 1871 e 1876, e fez propaganda, pessoalmente, do país” (ANDRADE, 2006, p. 14).

O segundo motivo, de ordem religiosa, enfatiza a perseguição religiosa contra os sírio-libaneses, como afirma Oswaldo Truzzi (1991):

Os sírios e libaneses, em sua terra de origem, constituíram um grupo relativamente marcado por conflitos de natureza étnica, regional e religiosa. Seria fastidioso e inoportuno, rememorar a extensa cronologia de conflitos envolvendo essas populações. Sobre estes, pesou, sobretudo, o fato de que tantos os quase quatro séculos de domínio turco, quanto os mais recentes 25 anos de colonialismo francês, tiveram como sustentáculo fundamental, a política do dividir para reinar (TRUZZI, 1991, p. 12).

Com isso, podemos perceber que a imigração sírio-libanesa, como apresentada por Truzzi (1991), está ressignificada na obra **Dois Irmãos** (2000), na presença dos personagens, o casal, Zana e Halim. Hatoum (2000) recupera, através do personagem Nael, a história do

²² Jeffrey Lesser, professor Samuel Candler Dobbs, diretor do Instituto Halle de Pesquisa e Aprendizado Global e presidente do Departamento de História; história moderna da América Latina, com foco em etnia, imigração e raça, especialmente no Brasil (EMORY COLLEGE OF ARTS AND CIENCES. **Jeffrey Lesser**. Disponível em: <http://history.emory.edu/home/people/faculty/lesser-jeffrey.html>. Acesso em: 26 ago. 2019).

²³ Um dos fenômenos históricos que permitiram as grandes imigrações, para a historiadora, Zuleika Alvim, era sem dúvidas, a essência do modelo capitalista, onde favorecidos pelo mercado e mão de obra, os trabalhadores percorriam grandes distâncias para terem oportunidades de trabalho (ALVIM, Zuleika. Os imigrantes. **Revista Nossa História**, n. 24, Editora Vera Cruz, out. 2005).

casal, uma vez que Zana imigra para o Brasil, refugiada da perseguição da fé islâmica, pois professava a fé católica maronita. E, esse episódio de abandono, é reconstruído na obra:

Zana teve de deixar tudo: o bairro portuário de Manaus, a rua e declive sombreada por mangueiras centenárias, o lugar que, para ela, era quase tão vital quanto a Biblos de sua infância: a pequena cidade no Líbano que ela recordava em voz alta, vagando pelos aposentos empoeirados até se perder no quintal, onde a copa da velha seringueira sombreava as palmeiras e o pomar cultivado por mais de meio século (HATOUM, 2000, p. 09).

Como apontado, o território de Manaus se (re)configura na obra, a partir da chegada de novos povos. Com isso, a Identidade, Memória e Cultura da cidade vai sendo (re)construída, principalmente, a partir do contato de outros povos. Percebemos, nesse sentido, que Diegues Júnior (1977) e Jeffrey Lesser (2015), caracterizam a chegada dos imigrantes sírio-libaneses no Brasil como fatores políticos, econômicos e religiosos. Sobretudo, enfatizando os poderes exercidos pelo governo turco-otomanos. Recuperar esse contexto histórico em *Dois Irmãos*, é analisar como essa discussão é reinterpretada por Milton Hatoum e como o autor ressignifica eventos históricos. Para tanto, enfatizaremos o plano de fundo da obra, articulando como a chegada dos imigrantes é caracterizada, além de discutir como a cultura sírio-libanesa contribuiu para a construção da cidade de Manaus.

O contato entre diferentes povos sempre existiu na História. E, no Brasil, não é diferente. Desde a compreensão do Novo Mundo²⁴, o nosso território foi marcado pela presença de vários povos e culturas, expressão essa definida por Peter Burke (2003), como hibridismo cultural²⁵. A presença dos imigrantes, marcam em nosso território, o contato com o novo, a cultura, história, crença, política, além dos aspectos sociais. E, nesse sentido, captar esse momento histórico, sem dúvidas, é procurar entender como estes contatos ocorreram. Para Burke (2003, p. 23):

Exemplos de hibridismo cultural podem ser encontrados em toda parte, não apenas em todo o globo como na maioria dos domínios da cultura – religiões sincréticas, filosofias ecléticas, línguas e culinárias mistas e estilos híbridos na arquitetura, na

²⁴ Expressão essa que caracteriza a “descoberta” pelos europeus (velho mundo) de um novo mundo, com suas próprias memórias, culturas e identidades. Entre os continentes “dominados” pelos europeus, encontra-se a América e Oceania. A formação do Brasil está atrelada diretamente com esse contato entre europeus e povos nativos. Isso ajuda a entender a alegoria no nosso território, sobretudo a partir do personagem Nael, onde o mesmo recebeu influências de culturas diferentes: indígenas, libanesas, manauense e diversos povos imigrantes.

²⁵ Vale mencionar que a ideia de *hibridismo cultural* assumida aqui, remete a perspectiva de um fenômeno histórico, político e social de deslocamento de determinados povos para outras regiões. Esse contato proporciona a formação de vários grupos distintos, tornando-se possível as várias manifestações artísticas, culturais, gastronômicas e outras.

literatura, ou na música. Seria insensato assumir que o termo hibridismo tenha exatamente o mesmo significado em todos esses casos.

Burke (2003) enfatiza três tipos de hibridismo ou processos de hibridização no contexto histórico: artefato, práticas e povos (BURKE, 2003, p. 23). Para o autor, entender os processos de contatos entre povos de diferentes nações, auxilia na compreensão das manifestações culturais, além de permitir entender a contextualização do cenário sociopolítico. Sendo assim, a interação e contato de diferentes povos, resultam em construções de novos aprendizados e trocas culturais, fator esse que vamos analisar na obra de Milton Hatoum, dialogando com a noção de hibridismo ou processos de hibridização em Peter Burke (2003).

Porém, antes de analisar como o ocorre o contato de diferentes povos, na obra, e como isso modifica o cenário manauense na década de 1910, é necessário entender o significado dos artefatos híbridos para Burke (2003). Para o autor, os artefatos híbridos podem ser relacionados a ideia de construção (obra), arquitetura, imagens e textos. Nesse sentido, tudo que é produzido a partir do contato com outra cultura, resulta em expressões artísticas e culturais, tornando possível entender os desdobramentos históricos.

Em *Dois Irmãos*, identificamos inúmeros artefatos híbridos, como a construção do restaurante Biblos, que marca o ponto de encontro de vários grupos étnicos na obra, as expressões sírio-libanesas: *araks*²⁶, *narguilés*²⁷, *gazais*, entre outras²⁸. Além das arquiteturas, como o Teatro Amazonas. Outro elemento primordial na obra, diz respeito a construção de obras, destacando-se a Igreja Maronita²⁹.

Em relação às práticas híbridas, podem ser identificadas, para Burke (2003), “[...] na linguagem, no esporte, nas festividades e alhures.” (BURKE, 2003, p. 28). Halim, frequentemente jogava em sua loja, ou na casa de seus amigos, o bilhar. Prática essa bem comum entre os imigrantes na obra, que reuniam semanalmente para conversarem e compartilharem experiências/informações. Nael recupera uma das passagens: “Jogávamos

²⁶ Bebida alcoólica de origem árabe, destilada da tâmara ou uva, aromatizada com anis dentre outras especiarias.

²⁷ Cachimbo de água utilizado para fumar.

²⁸ Vale destacar que nos concentramos em verificar primeiramente as expressões orientais, na obra, e posteriormente vamos analisar as expressões culturais, indígenas, manauenses e outras em outro tópico.

²⁹ A Igreja Maronita é uma igreja cristã, do rito oriental, em plena comunhão com a Sé Apostólica, ou seja, reconhece a autoridade do Papa, o líder Igreja Católica Apostólica Romana. Tradicional no Líbano, a Igreja Maronita possui ritual próprio, diferente do rito latino adotado pelos católicos ocidentais. O rito maronita prevê a celebração da missa em língua aramaica. Os maronitas tiveram vários de seus religiosos canonizados ou beatificados (EPARQUIA MARONITA DO BRASIL **História dos Maronitas**, [s. d.] Disponível em: <http://www.igrejamaronita.org.br/conteudos/?eFh4fDEXNQ==>. Acesso em: 02 ago. 2019).

bilhar na casa do Balma... Tu te lembras?” (HATOUM, 2000, p. 84). A inauguração do restaurante de Galib, marca também uma grande festividade na obra:

Por volta de 1914, Galib inaugurou o restaurante Biblos no térreo da casa. O almoço era servido às onze, comida simples, mas com sabor raro. Ele mesmo, o viúvo Galib, cozinhava, ajudava a servir e cultivar a horta, cobrindo-a com véu de tule para evitar o sol abrasador. No Mercado Municipal, escolhia uma pescada, um tucunaré ou um matrinchã, recheava-o com farofa e azeitonas, assava-o no forno de lenha e servia-o com molho de gergelim. Entrava na sala do restaurante com a bandeja equilibrada na palma da mão esquerda; a outra mão enlaçava a cintura de sua filha Zana. Iam de mesa em mesa, e Zana oferecia guaraná, água, gasosa, vinho. O pai conversa em português com os clientes do restaurante: mascates, comandantes de embarcação, o Biblos foi um ponto de encontro de imigrantes libaneses, sírios e judeus marroquinos que moravam na praça Nossa Senhora dos Remédios e nos quarteirões que a rodeavam. Falavam em português misturado com árabe, francês e espanhol, e dessa algaravia surgiam histórias que se cruzavam um pouco de tudo: um naufrágio, a febre negra num povoado do rio Purus, uma trapaça, um incesto, lembranças remotas e o mais recente: uma dor ainda viva, uma paixão ainda acesa, a perda coberta de luto, a esperança de que os caloteiros saldassem as dívidas. Comiam, bebiam, fumavam, e as vozes prolongavam o ritual, adiando a sesta (HATOUM, 2000, p. 36).

As várias manifestações artísticas, culturais e sociais estão presentes na obra *Dois Irmãos*. Desde a alimentação, por pratos típicos de Manaus ou do Líbano, entre eles: peixes, farofa, azeitona e alface; ou pelo ponto de encontro de vários grupos no restaurante Biblos, onde manifesta-se as crenças, histórias e paixões, entre os povos: libaneses, sírios, judeus marroquinos, que comunicavam em francês, árabe ou espanhol. Esse espaço recriado por Hatoum, permite compreender melhor a noção de diversidade cultural, manifestado durante a chegada dos imigrantes; e reconstituir este episódio brasileiro é, sem dúvidas, atribuir significado para a cidade de Manaus em sua formação durante o tempo histórico. Vale mencionar a rede de sociabilidade que se forma em torno daqueles que vêm de outros espaços, tornando um lugar multicultural na obra.

Os espaços recriados por Hatoum também podem ser entendidos como lugares em constante transformação, uma vez que a noção de família, cidade, identidade, vão se mudando conforme os personagens e as transformações históricas. Um exemplo, é a figura de Nael, filho da indígena Domingas, e neto de sírio-libanês, o personagem procura constantemente sua identidade na obra.

A busca pela construção do Norte do país, faz com que *Dois Irmãos*, tenha como plano de fundo a cidade de Manaus, resgatando suas peculiaridades culturais, além de registrar várias memórias históricas. Peleggrini (2004), identifica a escrita de Hatoum como “regionalismo revisitado”:

[O] regionalismo revisitado de Hatoum consiste [...] numa mescla de elementos que brotam de todos os matizes de uma matéria dada por uma região específica, com outros advindos de matrizes narrativas de inspiração europeia e urbana, formadoras de nossa literatura, tudo filtrado por um olhar que contém horizontes perdidos num certo Oriente e num outro tempo. Com isso, o autor relativiza o gênero, num momento da história da ficção brasileira em que ela parecia aos poucos estar se esgotando (PELLEGRINI, 2004, p. 129).

Peleggrini (2004) busca associar a reconstrução da cidade de Manaus, a partir dos projetos de urbanização europeus, que objetivavam ampliar a população local e proporcionar mercado de trabalho para eles, durante a formação da capital amazonense. Quem nos ajuda a entender melhor sobre como a memória histórica da imigração libanesa é apresentada em *Dois Irmãos*, é o personagem apresentando inicialmente, Nael. Ele busca discorrer sobre a chegada do casal, Halim e Zana, apresentando como eles adentraram no Norte brasileiro, e com o comércio, começaram a ganhar a vida em Manaus. Posteriormente, Nael nos apresenta a trajetória/narrativa da perseguição religiosa de Zana no Líbano, o que contribuiu para sua vinda ao Brasil.

É importante dizer que Nael fala da imigração a partir de uma perspectiva particular, pois ele relata a chegada do casal, e não de todos os imigrantes. O relato é a partir de uma experiência particular do personagem, do que ele ouviu, uma vez que ele não viveu o processo. Sendo assim, Nael, ao ouvir as memórias transmitidas pelos outros personagens, conta ao leitor a partir de suas experiências.

Desse modo, percebemos que Hatoum (2000) identifica o processo de migração sírio-libanesa no Norte do país, a partir dos personagens, Zana e Halim, os quais permitem compreender, historicamente, em que medida isso ocorre na obra. Diante disso, elencamos o contexto histórico da sua chegada e compreendemos por que o Brasil, mais especificamente Manaus, é recebido massivamente pela imigração sírio-libanesa.

3.4 Rochiram: a presença do inglês em Manaus

Noite de blecaute no Norte, enquanto a nova capital do país estava sendo inaugurada. A euforia que vinha de um Brasil tão distante, chegava a Manaus como um sopro amornado. E o futuro, ou a ideia de um futuro promissor, dissolvia-se no mormaço amazônico. Estávamos longe da era industrial, e mais longe ainda do nosso passado grandioso. Zana, que na juventude aproveitara os resquícios desse passado, agora se irritava com a geladeira a querosene, com o fogareiro, com o jipe mais velho de Manaus que circulava aos sacolejos e fumegava (HATOUM, 2000, p. 128).

Nesta seção, procura-se identificar e recuperar como a presença do modelo econômico capitalista está sendo interpretada e analisada por Milton Hatoum, através do consumismo e da presença de objetos de valores encontrados na obra, além, é claro, de enfatizar como o autor trás para a narrativa a figura de Rochiram³⁰, personagem central dos interesses da elite do país. Outro ponto que será discutido é a contextualização histórica da presença das ideias burguesas dentro do cenário manauense em 1952.

A mudança da capital do Amazonas, Manaus, aparece a partir do quinto capítulo na obra *Dois Irmãos*. O advento e o avanço da tecnologia são percebidos com a chegada de um dos personagens, Rochiram, assim como as mudanças físicas da cidade da borracha. Rochiram é um sujeito que aparece na obra e apresenta-se como inglês e gerente de um banco. Sua aproximação com Omar se dá através do clube noturno manauense, e ambos decidem por meio de uma parceria/sociedade, investir em um novo mercado de trabalho, entre: “Chocolate suíço, roupas e caramelos ingleses, máquinas fotográficas japonesas, canetas, tênis americanos. Tudo o que naquela época não se via em nenhuma cidade brasileira: a forma, a cor, a etiqueta, a embalagem e o cheiro estrangeiro” (HATOUM, 2000, p. 105).

O novo acordo planejado e organizado pelos agora sócios, Rochiram e Omar, contribuíram para uma nova abertura de mercado para a cidade de Manaus, proporcionado a criação da Zona Franca de Manaus. Esse fator, em especial, proporcionou mudanças no cenário social, político e econômico da cidade, como afirma Sousa:

[...] do início do século com suas colônias de imigrantes, seus restaurantes franceses (que lhe garantiam o codinome de “Paris das selvas”), e depois a decadência dos barões da borracha, a guerra e a presença americana, a chegada de um outro comércio nos anos 60 e 70, a invasão militar na época do golpe, a perseguição política, a destruição de bairros da cidade, para a construção daquilo que se esperava ser um novo progresso. Contudo, [...] trata-se do início de uma miséria ainda mais vasta e impiedosa, com o seu cotejo de leprosos, pedintes, abandonados de todos os tipos. Assim, a chegada do comércio eletrônico aparece mais como uma condenação à qual está sujeita a cidade, ela também é personagem dessa história. É, também, a ocasião de uma nova leva de imigrantes, não só mais preocupados com o progresso, mas com o acúmulo de dinheiro e de poder. São os coreanos, chineses e indianos que chegaram à cidade, atraídos pelo apelo fácil do comércio (SOUSA, 2001, p. 23-37).

³⁰ Na obra *Dois Irmãos*, identificamos dois personagens que estão diretamente relacionados com o sistema econômico capitalista, Rochiram o inglês, e o Wyckhan o indiano. Ambos permitem entender como Milton Hatoum recuperou esse momento histórico brasileiro, e permitem compreender como suas presenças estão relacionados com uma política exploratória e econômicas, obedecendo um sistema de dominação. Nota-se que fizemos a opção de analisar um único personagem, Rochiram, pois entendemos que o mesmo é mais representativo na obra de Hatoum.

O período em questão, diz respeito a década de 1950, onde o Brasil, através de um plano elaborado pelo então presidente Juscelino Kubitschek, se industrializa-se e moderniza-se, a partir do Plano Nacional de Desenvolvimento, como medida econômica do programa: “Cinquenta anos em cinco”. A política econômica em questão, proporcionou mudanças nos estados brasileiros, permitindo a entrada do progresso econômico e social. E, nesse sentido, a obra *Dois Irmãos* perpassa esse acontecimento histórico, elencando as modificações da cidade manauense do período acima.

Destaca-se na obra, o crescimento da cidade amazonense, posteriormente à implantação do plano econômico. Entre os fatores que permitem identificar tal conjuntura, é a entrada de vários grupos étnicos que chegaram na capital amazonense em busca de trabalhos e melhores condições de vida. E, sendo assim, Manaus, que até pouco tempo atrás era conhecida como “Paris das selvas”, passa agora por uma nova revitalização, destacando-se por suas mudanças estruturais e econômicas. Essas mudanças só são possíveis de pensar devido à Rochiram,

Depois pedia que Rochiram contasse um pouco de sua vida. O indiano falava pouco, mas saciou a curiosidade de Zana. Ele vivia em trânsito, construindo hotéis em vários continentes. Era como se morasse em pátrias provisórias, falasse línguas provisórias e fizesse amizades provisórias. O que se enraizava em cada lugar eram os negócios. Ouvira dizer que Manaus crescia muito, com suas indústrias e seu comércio. Viu a cidade agitada, os painéis luminosos com letreiros em inglês, chinês e japonês. Percebeu que sua intuição não falhara (HATOUM, 2000, p. 169).

Diferentemente do comércio de Halim, o personagem Rochiram é identificado como fruto do capitalismo selvagem, que destrói as relações sociais e apresenta como um novo mercado de trabalho, nesse sentido, o personagem encontra no cenário de Manaus a oportunidade de crescimento econômico. Vale mencionar que no final da obra, a casa é demolida, assim como seus sonhos, para a construção de um cassino e hotel, representando, assim, os interesses capitais em Manaus. A mãe de Omar, Zana, desconfiou de Rochiram, suspeitando, desde o primeiro momento, de sua apresentação na casa da família, mas não pôde evitar a tragédia que estava por vir:

“Zana vivia desconfiada”, disse Halim. Ele hesitava, e eu não sabia se queria calar ou contar tudo. Desistira de apaziguar os filhos, mas não de influir no destino de Omar, homem feito, mas cheio de aresta esquisitas. “Um imprevisível... Levou para a casa um inglês empetecado, [...] que se dizia gerente de um banco estrangeiro. Comia que nem uma mocinha, sentava-se com pose debutante e tinha medo de provar o molho, o peixe e até o tabule. Um sujeito que tem medo de provar comida, pode?” [...] beliscou os quitutes de Domingas, recusou a sobremesa e deve ter levantado da mesa faminto. Quando saiu, Omar o acompanhou e, então, nós vimos à

porta da casa um Oldsmobile conversível, prateado, os bancos forrados de azulão. Era um carro e tanto. E, para nossa surpresa, era o carro de Omar (HATOUM, 2000, p. 103).

A desconfiança era tardia, o projeto que, eventualmente, poderia aproximar mais uma vez os irmãos Yaqub e Omar, se diluem, e Rochiram faz com que os sonhos de Zana se percam e a casa se dissolva em ruínas. Desse modo, Hatoum denuncia e condena a presença da sistema capitalista na obra *Dois Irmãos*, enfatizando o aspecto destruidor e usurpador de Rochiram, além de enfatizar as contradições econômicas e sociais que o modelo proporciona à população. Apresentada a discussão sobre o sistema econômico capitalista na obra de Milton Hatoum, vamos analisar, no último subcapítulo, a rivalidade entre os gêmeos e a presença do drama bíblico, evidenciando as aproximações da narrativa bíblica com a obra de Hatoum.

3.5 Yaqub e Omar: a rivalidade entre os gêmeos e a presença do drama bíblico

A obra *Dois Irmãos*, além de carregar em seu fundo temático o cenário manauense e suas transformações na virada do século XIX para o XX, também ressignifica uma importante discussão bíblica: a rivalidade entre os irmãos gêmeos, Yaqub e Omar. Tal discussão percorre o primeiro livro do Pentateuco³¹, o Gênesis³², nas disputas entre os irmãos, Caim e Abel, e Esaú e Jacó. Nesse sentido, procuraremos entender como Milton Hatoum utiliza da representação bíblica para dialogar com a questão da rivalidade entre os irmãos, Yaqub e Omar, além de salientar como a questão religiosa está intrinsecamente relacionada com a obra.

Yaqub e Omar, irmãos gêmeos na obra *Dois Irmãos*, são idênticos fisicamente, mas diferentes em seus comportamentos. Enquanto o primeiro, Yaqub, é o mais velho, inteligente, engenheiro e que viveu durante cinco anos em uma vila no Líbano, o outro, o caçula, era o centro das atenções da casa, filho favorito, chamava a atenção por suas algazarras e festividades. Percebe-se que até os 13 anos de idade, os irmãos gêmeos convivem de forma pacífica, sem nenhum atrito, porém, um fator em especial os separou, e fomentou ainda mais a disputa dos dois, a presença de Lívia. Cobiçada por ambos, no cinema, a responsável pela

³¹ O Pentateuco são os primeiros cinco livros da Bíblia: *Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio*.

³² Gênesis é o primeiro livro da bíblia hebraica e cristã, e narra a criação do mundo a partir de uma perspectiva religiosa, a fixação dos povos no Egito e outras histórias. Desse modo, buscaremos entender como a questão da rivalidade dos gêmeos é trazida por Hatoum, recuperando a obra do Gênesis, e estabelecendo em quais medidas as duas obras se aproximam e distanciam.

separação entre os irmãos, a jovem de cabelos louros, chama a atenção pelo seu olhar e beleza, seduzindo Yaqub e Omar, desencadeando momento mais intenso da obra.

O clímax do enredo é a briga entre os gêmeos, episódio anteriormente apresentado pela garrafa, onde o caçula observando o irmão mais velho aproximar de Livia, beijando-a, irrita-se, e em um gesto grotesco, parte em direção do irmão, com uma garrafa, quebrando em sua cabeça. Tal ato provocou um corte na testa de Yaqub³³. A marca, carregada pelo mais velho, é o principal problema e discussão da obra, que permeia toda a narrativa do enredo, conforme nos apresenta Hatoum

Selos, soldados e canhões foram esquecidos. O chorinho da vitrola, apagado. Um relógio antigo bateu quatro vezes. Uma correria pela escada de madeira estremeceu a casa e em pouco tempo o porão foi povoado de gritos, as cadeiras da primeira fila foram disputadas. Yaqub reservou uma cadeira para Livia e o Caçula desaprovou com o olhar esse gesto polido. Da escuridão surgiam cenas em preto e branco e o ruído monótono do projetor aumentava o silêncio da tarde. Nesse momento, Domingas despediu-se dos Reinosos. A magia no porão escuro demorou uns vinte minutos. Uma pane no gerador apagou as imagens, alguém abriu uma janela e a platéia viu os lábios de Livia grudados no rosto de Yaqub, depois, o barulho das cadeiras atiradas no chão e o estouro de uma garrafa estilhaçada, e a estocada certa, rápida e furiosa do Caçula. O silêncio durou uns segundos. E, então, o grito de pânico de Livia ao olhar o rosto rasgado de Yaqub. Os Reinosos desceram ao porão, a voz de Abelardo abafou o alvoroço. O caçula, apoiado na parede branca, ofegava, o caco de vidro escuro na mão direita, o olhar aceso no rosto ensanguentado do irmão (HATOUM, 2000, p. 22).

A famosa cerimônia de transmissão de filme na casa da família Reinoso, era um dos principais eventos que atraía o público infanto-juvenil de Manaus. Os Reinosos eram conhecidos de Zana, e participavam frequentemente de encontros na casa de Halim, compartilhando notícias, trocando informações e festejando. A aproximação dos casais, aconteceram em um desses encontros. A família convidou os gêmeos Yaqub e Omar para a exibição do filme, na casa do casal. O convite foi aceito e Domingas foi encarregada de levá-los. Logo na entrada, ambos foram aguardados pelo casal, os quais receberam com doces e pipocas. Na casa também havia outros jovens e crianças, que viam naquela oportunidade a chance de conhecer um novo espetáculo.

Domingas se despede dos irmãos gêmeos. A casa do casal Reinoso encontra-se preparada para receber a todos. Foi nessa ocasião que Yaqub planejou e organizou o seu

³³ Salienta-se que a partir dessa cena tem-se a principal diferença, esteticamente, entre os irmãos gêmeos, a presença da marca de cicatriz e corte de Yaqub. O corte distancia os irmãos, sendo que a atitude de Zana e Halim foi de imediatamente mandar o irmão mais velho para um vilarejo no Líbano, como uma forma de tentar aproximar os irmãos. A tentativa frustrada de separar eles alimenta ainda mais a tensão de obra, provocando disputas a todo o momento, como verificaremos posteriormente. Desse modo, entenderemos como este episódio específico desencadeou em uma série de atrito entre Yaqub e Omar, e como Milton Hatoum perpassa essa discussão na obra.

encontro com Livia, após, com tamanha frustração, presenciar seu irmão beijando-a no baile da cidade. O baile aconteceu anteriormente à exibição do filme, quando a cidade de Manaus festejava o carnaval. Todos os adultos e crianças se divertiam com suas máscaras e confetes, demonstrando alegria e felicidade durante a festa. Aconteceu que, durante a festividade, Zana e Halim obrigaram Yaqub a levar sua irmã Rânia para casa. O filho obedeceu e levou a irmã, com a condição de voltar para a casa do casal Reinoso. Posteriormente, quando retorna, vê seu irmão se aproximando de Livia e beijando-a, logo ela, a garota que Yaqub tanto gostava. A cena desagradara o irmão mais velho, que remoeu todo o episódio.

É claro que Yaqub não perdoou o irmão pelo acontecimento, e encontrou na casa da família Reinoso, a oportunidade de mudar a situação, organizando uma estratégia para dar o troco no irmão. Foi assim que Yaqub se aproximou de Livia, oferecendo um lugar na cadeira próximo a ele. Quando o filme foi iniciado, houve uma pane no sistema do projetor, e as crianças avistaram Yaqub beijando Livia. Tal situação desencadeou uma fúria do caçula, que derruba as cadeiras e vai ao encontro do irmão, lançando em sua direção uma garrafa de vidro, que provoca um corte em sua testa.

O fato consolidado faz com que o casal, Halim e Zana, se desesperem. Halim atribui a culpa ao caçula, que sempre foi o mais mimado e protegido de Zana. Já a mãe, acredita que o filho mais novo nunca teve culpa, e que tal ato foi um fato “natural”. O casal chega em um consenso, opta pela viagem de Yaqub para o Líbano. “Então, Halim decidiu: a viagem, a separação. A distância que promete apagar o ódio, o ciúme e o ato que os engendrou.” (HATOUM, 2000, p. 23).

Yaqub, embora não demonstre explicitamente na obra, nunca perdoou os pais pela viagem. Pelo contrário, a separação alimentou ainda mais o poder de vingança do irmão mais velho. E foi assim que o ódio e a vingança, surgem na obra *Dois Irmãos*³⁴, como uma insatisfação do irmão mais velho frente às luxúrias e privilégios recebidos pelo irmão mais novo.

O plano de Yaqub foi rápido e eficiente. Ele maquinou e anunciou, durante a ceia da família, no natal de 1949, a sua ida para a cidade de São Paulo, motivada pelo professor e padre Bolisbau: “Vá embora de Manaus. [...] Se ficares aqui, serás derrotado pela província e devorado pelo teu irmão.” (HATOUM, 2000, p. 32).

³⁴ Analisaremos pontualmente, no decorrer do texto, como o ciúme e a vingança desencadeou a intriga entre os irmãos, Yaqub e Omar, promovendo conflito entre a família, além de buscarmos na narrativa bíblica, os elementos fundacionais dessa perspectiva religiosa, que discorrem dos irmãos Esaú e Jacó. Nesse sentido, faremos uma aproximação entre as duas obras, elencando em que medida elas se distanciam e aproximam.

O mesmo professor, Bolisbau, que aconselha a saída de Yaqub da província³⁵, foi vítima de um ataque pessoal pelo irmão mais novo, Omar. O caçula, por sentir reprimido pelo castigo imposto pelo padre, dirige-se ao seu encontro, dando-lhe soco e pontapés, ironiza o professor, ao ponto de ridicularizar na presença de todos. “O Bolisbau parrudão viu todas as estrelas, mama. E nem tinha no céu. Não é um milagre? Ver uma constelação sem céu?”³⁶ (HATOUM, 2000, p. 29). O gesto do caçula provoca sua expulsão do colégio: “Acertei em cheio o professor de matemática, o mestre do teu filho querido, o que tem só cabeça” (HATOUM, 2000, p. 27), e também a indagação de sua mãe. Zana, inconformada com a expulsão do filho, se dirige ao colégio para tomar as medidas necessárias e proteger o filho:

Zana e Halim foram convocados pelo diretor. Só ela foi, ela e Domingas, sua sombra servil. Soltou cobras e lagartos nas ventas do irmão diretor. O senhor não sabia que o meu Omar adoeceu nos primeiros meses da vida? Por pouco não morreu, irmão. Só Deus sabe... Deus e a mãe... Ela suava, entregue ao êxtase de grande mãe protetora. Ouviram o sino bater seis vezes, o vozeiro e a agitação dos internos que se encaminhavam ao refeitório, e logo o silêncio, e a voz dela, mais calma, menos injuriada, quantos órfãos deste internato comem à nossa custa, irmão? E as ceias de Natal, as quermesses, as roupas que nós mandamos para as índias das missões? Domingas abanava o corpo da patroa. O irmão diretor suportou o desabafo, olhou para fora, para anoitecer morno que começava a esconder o imenso edifício dos salesianos. Cabras pastavam no quintal do colégio. Os meninos órfãos, fardados, brincavam de gangorra, os corpos equilibrados sumindo lentamente na noite. Ele abriu uma gaveta e entregou a Zana o boletim médico sobre o estado da saúde mental do padre Bolisbau, o professor de matemática. Entendia a indignação de uma mãe ferida, entendia o ímpeto e a imprudência de alguns jovens, mas dessa vez tinha sido inevitável. A única expulsão nos últimos dez anos. Então, o irmão diretor perguntou pelo outro, O Yaqub. Continuará no colégio? (HATOUM, 2000, p. 27).

A chantagem da mãe, ao falar da doença e saúde comprometida na infância, assim como a fragilidade do caçula, não alterou a conduta adotada pelo diretor. Zana não conseguiu seduzir pela via democrática, e recorreu a usurpação, comovendo o diretor sobre a importância da família na atuação social da igreja, como doações, oferendas, presentes e benesses. Inconformada com a situação e indeferimento do padre, a mãe sai enfurecida da escola.

A cena retratada demonstra claramente a preferência de Zana pelo filho caçula. Em um gesto repentino, a mãe tenta proteger seu filho do castigo e punição sofrida pelo colégio, e

³⁵ O padre Bolisbau aconselha a saída de Yaqub por dois motivos: abandonar a província e da proximidade do irmão caçula. Segundo o padre, a cidade de Manaus era pequena demais para os anseios e objetivo do irmão mais velho, e além disso, a cidade não oferecia estrutura alguma para alimentar seus conhecimentos e técnicas. Além disso, ele também aconselha sua saída, para livra-se da ambição do caçula, o qual poderia comprometer o seu futuro.

³⁶ De forma irônica, o caçula, Omar, remete-se ao fato do professor Bolisbal ver estrela como uma metáfora (sentido figurado), no qual, no sentido real, aplica-lhe uma surra, tornando-o inconsciente após a briga. A provação trazida por Omar, ver uma constelação sem céu, é uma forma de brincar com a situação, tornando-a mais provocativa.

ênfatiza: “Esse Bolisbau errou”, murmurava. “Meu filho só quis provar que é homem... que mal há nisso?” (HATOUM, 2000, p. 29). A inadimplência do aluno, faz com que Zana matricule o caçula no famoso colégio Liceu Rui Barbosa, o águia de haia, ou, também conhecido como “o galinheiro dos vândalos”.

O colégio Liceu Rui Barbosa era conhecido pela sua repercussão ruim na cidade, distante do centro de Manaus, faltas excessivas dos professores, além das péssimas condições de estruturas, e mau comportamento dos alunos. “O galinheiro dos vândalos”, adjetivo que refere a desordem da unidade escolar, onde concentravam-se filhos de pessoas pobres e sem nenhuma condição de vida. Percebe-se que nesse colégio, os alunos não possuem uma rotina educacional, e procuram nos vícios, como bebidas, além de outros meios ilícitos, uma maneira de se refugiar. É nesse contexto que surge a figura do professor Atenor Laval³⁷.

O professor Atenor Laval, poeta, tem um papel importantíssimo no enredo da obra *Dois Irmãos*. Através da arte, literatura e do poema, inspira os alunos do colégio Liceu Rui Barbosa a recitarem versos e poesias, como instrumento de aprendizado e conhecimento. A prática pedagógica do professor, influencia a maioria dos estudantes, dentre eles Omar e, posteriormente, Nael, os quais simpatizam com suas ideias e pensamentos³⁸. Nota-se que, além do convívio dentro da escola, o poeta também saía com os alunos pelas ruas e bares de Manaus, bebendo e recitando poemas.

Muitos atribuíam ao professor como “um militante vermelho, dos mais afoitos, chefes dos chefes, com passagem por Moscou. Este, não negava, nem aprovava” (HATOUM, 2000, p. 144).

A referência ao professor Atenor Laval como chefe e líder de um determinado grupo, em especial por uma passagem por Moscou, faz alusão ao contexto histórico da Revolução Russa de 1917. Na oportunidade, o grupo do partido bolchevique, liderado por Vladimir Lênin, encabeçou uma grande massa de operários e camponeses, iniciando-se assim a renúncia da monarquia russa, dando-se origem a União Soviética, o primeiro país socialista do mundo. As rebeliões geralmente eram organizadas por líderes que participavam dos protestos russos para reivindicarem, juntamente com a população, melhor qualidade de vida, pois grande parte da população trabalhava muito e não tinha boas condições de vida.

³⁷ Apresentaremos uma pequena discussão sobre a importância do personagem, Atenor Laval, na obra *Dois Irmãos*. Julgamos necessário apresentar primeiramente o professor/poeta, para depois retomar a discussão sobre as características entre os gêmeos: Yaqub e Omar, pois, percebe-se que Laval influenciou diretamente o caçula, proporcionando mudanças no seu pensamento e identidade.

³⁸ Vele frisar que após a morte do poeta, Atenor Laval, temos pela primeira e única vez a aproximação de Omar e Nael, os quais compactuavam com seus pensamentos. Dessa forma, percebemos como o professor restabelece a conexão entre os personagens.

O poeta, Laval, não era um líder, como prescrevia a cartilha russa. Tampouco um guerrilheiro que planejava e organizava estratégias militares em prol da revolução. Na obra, *Dois Irmãos*, o professor é um poeta, que recitava poemas no colégio Liceu Rui Barbosa. Sua participação no colégio se dava a partir das aulas ministradas de francês, onde o poeta, por meio dos poemas, os clássicos da literatura francesa, realizava noções de conhecimento dos alunos.

Ele também era visto frequentemente ingerindo bebida alcoólica e andando pelas ruas e casas de Manaus. Sua personalidade nunca incomodou a quase ninguém, a não ser os militares, que o viam como agente de uma organização ideológica que influenciava os cidadãos manauenses e inspirava alunos da rede pública de ensino. Em uma dessas rebeliões, Laval foi acusado injustamente de liderar uma manifestação contra o governo:

Foi humilhado no centro da praça das Acácias, esbofeteado como se fosse um cão vadio à mercê da sanha de uma gangue feroz. Seu paletó branco se explodiu de vermelho e ele rodopiou no centro do coreto, as mãos cegas procurando um apoio, o rosto inchado voltado para o sol, o corpo girando sem rumo, cambaleando, tropeçando nos degraus da escada, até tombar na beira do lago da praça. Os pássaros, os jaburus e a seriemas fugiram. A vaia e os protestos de estudantes e professores não intimidaram os policiais. Laval foi arrastado para um veículo do Exército, e logo depois as portas do Café Mocambo foram fechadas. Muitas portas foram fechadas quando dois dias depois soubemos que Atenor Laval estava morto. Tudo isso em abril, nos primeiros dias de abril (HATOUM, 2000, p. 142).

A morte do professor Laval na obra *Dois Irmãos*, ocorre em abril de 1964, e, não por acaso, nesse mesmo período, transcorre no Brasil o Golpe Militar. Evento que encerra as atividades democráticas do presidente eleito João Goulart, conhecido como Jango, iniciando o período da tomada dos militares ao poder. A potencialidade da ação do Exército, faz com que o Brasil vivencie um dos episódios mais conturbados do seu contexto histórico, fase quando a censura aos meios de comunicação e a repressão política aos manifestantes do governo, ocupam o cenário brasileiro.

Hatoum, em uma tentativa de enfatizar sobre o período militar brasileiro, procurou, através da obra, ressignificar o acontecimento histórico, discorrendo sobre as ameaças do regime militar no Norte do país, em especial Manaus. Elencando a chegada das tropas do exército à capital do Amazonas, além de asseverar como a cidade se transformou em um colapso econômico e social, em que o direito dos cidadãos fora abandonado e esquecido, durante essa fase do governo.

O evento reestabelecido pelo autor, influencia na composição da cidade, momento antes da retomada do governo militar. Percebemos que a cena se inicia na praça central de

Manaus, ponto de encontro de vários grupos e comunidades. Os jovens estudantes concentraram-se no interior da praça, reivindicavam por melhores condições de vida, estruturas para a cidade, além de condições básicas de saúde. Entre os estudantes que compunham a cena, estavam: Omar e Nael.

As tropas do Exército invadiram a capital amazonense, massacrando e prendendo os líderes do protesto. Entre eles, o professor Atenor Laval, que estava à frente do movimento. Ele foi acusado injustamente, esbofetado e, conseqüentemente, morto pelas tropas militares.

Hatoum, ao retomar um tema tão delicado como o Golpe Militar de 1964, utilizando da figura de Nael e Manaus, na obra *Dois Irmãos*, pretende, com a ficção, acusar e apontar as conseqüências do regime militar no Norte do país, essencialmente as formas de censura, perseguição e abusos dos militares. A proposta do autor é mobilizar os leitores através da literatura, um recorte histórico do período militar em Manaus, dando ênfase às suas abrangências no território e suas formas de dominação. Desse modo, identifica-se que, a partir de uma trajetória pessoal e profissional, Hatoum relembra o golpe de 64 como um evento organizado, calculado e planejado pelos militares, onde cercearam e feriram os direitos democráticos, censuraram a imprensa, e os canais de comunicação local³⁹.

Retomando as características de aproximação e distanciamento entre os gêmeos, Yaqub e Omar, percebemos que o professor e poeta, Atenor Laval, proporciona diretamente uma mudança no pensamento e forma de questionar do caçula. Embora, muitas vezes, o mesmo se apresente como o centro das atenções na obra, galante, mimado, briguento e famoso pelas suas algazaras nas noites manauaras, o caçula, ou como preferia Zana, “o peludinho”, sempre chamou atenção. “O caçula se contorcia, arrotava, mandava todo mundo à merda, se exibia, era um touro [...]” (HATOUM, 2000, p. 66).

Porém, sua sensibilidade foi despertada a partir de um determinado momento histórico: a tomada dos militares na praça de Manaus. O evento que acarretou a morte do poeta Atenor Laval, despertou no irmão caçula um senso mais humano, interessando-se por engajamentos e lutas sociais. Embora, na obra, Omar volte a aprontar inúmeros problemas, nesse momento, ele se comove com a situação, tornando-se para Nael um sentimento de luta⁴⁰.

³⁹ A trajetória pessoal e profissional de Milton Hatoum possivelmente contribuiu para o autor instigar o tema do regime militar no norte do país. Por nascer em Manaus, e ser perseguido pelo regime militar brasileiro e pelo Departamento de Ordens Políticas e Social (DOPS), durante sua graduação na Universidade de Brasília (UnB), Hatoum utiliza do artefato literário como possibilidade de analisar e compreender os desfechos históricos de Manaus durante a década de 1960.

⁴⁰ Nael retrata em uma das suas confissões, que em um dos poucos momentos que se sensibiliza com as atitudes do irmão caçula, Omar, é quando o mesmo toma dores da morte do poeta, Atenor Laval. Nesse momento, o

Obviamente, a sensibilidade de Omar se deteriora na obra, e ele volta a causar confusão. Como o dia em que o caçula recebeu na sua casa o irmão dos Calistos, onde os personagens “[...] fizeram uma festinha a dois: dançaram em redor do altar, fumaram narguilé e beberam à vontade” (HATOUM, 2000, p. 68). No dia seguinte, Halim percebe o cheiro forte de pupunha cozida, as garrafas de araks e as roupas espalhadas no chão, assim como as cascas de frutas sobre a Bíblia, e a moça nua no sofá da casa. Certamente, essa cena, enfureceu ainda mais Halim, o qual, em uma situação inesperada, se dirige ao encontro do caçula e:

O pai desceu lentamente, a moça despertou, assustada, envergonhada, e Halim, no meio da escada, esperou que ela se vestisse e fosse embora. Depois se aproximou do filho, que fingia dormir, ergueu-o pelo cabelo, arrastou-o até a borda da mesa e, então, eu vi Omar, já homem feito, levar uma bofetada, uma só, a mãozorra do pai girando e caindo pesada como um remo no rosto do filho. Todos os pedidos que Halim lhe fizera em vão, todas as palavras rudes estavam concentradas naquele tabefe. Foi um estalo de martelada em pau oco. Que mão! E que pontaria. O valentão, o notívago, o conquistador de lutas estatelado sobre o tapete. O Caçula não se levantou. O pai o acorrentou na maçaneta do cofre de aço, sentou-se uns minutos no sofá cinzento, tomou fôlego e saiu de casa. Sumiu por dois dias. Zana não pode interferir, não teve tempo de socorrer o filho. Ela esbravejou, gritou, sentiu-se mal ao ver o filho acorrentando, apoiado ao cofre enferrujado, a face esbofeteada em alto-relevo. No meu íntimo, aquele tabefe soava como parte de uma vingança (HATOUM, 2000, p. 68).

Sem dúvidas, a surra levada por Omar e, conseqüentemente, o seu acorrentamento na sala da casa, pelo seu pai, muda toda a concepção da obra. Primeiro, pelo fato de que Halim nunca se atreveu a se aproximar do caçula por conta do ciúme da esposa, Zana, e esse fato é único e exclusivo na obra, uma vez que ele sempre se manteve imparcial diante da situação, neutro. Segundo, mostra que o pai agiu impulsionado pelo ódio, contra o filho, o qual provocara inúmeros problemas na casa. E, terceiro, que a partir dessa situação, percebemos ainda mais a rivalidade entre os irmãos Yaqub e Omar, fato que consolida a constante disputa entre os gêmeos, que eram diferentes.

“O duelo entre os gêmeos era uma centelha que prometia explodir” (HATOUM, 2000, p. 46). A disputa entre os irmãos, Yaqub e Omar, percorre toda a obra *Dois Irmãos*, e deixa bem claro a concorrência pela disputa do poder, razão e orgulho.

Os conflitos gerados, na maioria das vezes, pelo ciúme e pertencimento, marcam toda a obra de Hatoum. Identificaremos, a partir de agora, como a narrativa bíblica está presente em *Dois Irmãos*, apontando em que medida o drama bíblico aparece na obra, e como

narrador onisciente, identifica no caçula sua solidariedade e sentimento (uma das poucas vezes que isso ocorre na obra).

o autor utiliza das figura dos gêmeos: Yaqub e Omar, para aproximarem-se dos gêmeos do Gênesis: Esaú e Jacó, e Caim e Abel.

Filhos de Adão e Eva, Caim e Abel, são dois personagens que compõem a trama bíblica do primeiro livro do pentateuco, o Gênesis. Irmãos gêmeos, por natureza, os irmãos se diferenciavam em muitas posturas. “O homem conheceu Eva, sua mulher, ela concebeu e deu à luz a Caim, e disse “[...] adquiri um homem com a ajuda de Iahweh”. Depois ela deu à luz a Abel também, irmão de Caim. Abel tornou-se pastor de ovelhas e Caim cultivava solo (BÍBLIA, Gênesis, 4:1). Enquanto Caim cultivava a terra, Abel era pastor de ovelhas.

Narra a passagem bíblica, que o primeiro irmão, Caim, ofereceu a Deus os frutos do seu plantio, enquanto Abel ofereceu as primeiras ovelhas que nasceram do seu rebanho. “Passado o tempo, Caim apresentou produtos do solo em oferenda a Iahweh. Abel, por sua vez, também ofereceu as primícias e a gordura do seu rebanho. Ora, Iahweh agradou-se de Abel e de sua oferenda. Mas não se agradou de Caim e de sua oferenda” (BÍBLIA, Gênesis, 4:3). O Deus dos cristãos, Iahweh, elegeu a oferta de Abel por julgar mais justa, enquanto acusava a de Caim, por não ser sincera. O fato de Deus optar pela oferenda de Abel, faz com que Caim, por ciúmes e inveja, armasse uma emboscada que acarretaria com a morte do seu irmão. Posteriormente, foge para outro território e tem um filho chamado Enoque.

A morte acarretada por Caim, é resultado do primeiro homicídio bíblico⁴¹ e, sendo assim, a narrativa do Gênesis nos auxilia a pensar como o ciúme e a inveja são resgatados pela comunidade cristã, além de discorrer sobre como é possível analisar o seu surgimento deste muito tempo atrás.

Nesse sentido, procuramos entender como Hatoum utiliza-se da narrativa bíblica para construir a obra *Dois Irmãos*, especialmente, a partir dos irmãos, Yaqub e Omar. Vamos também analisar em que medida os dois irmãos se aproximam ou se distanciam da narrativa bíblica, enfatizando como o autor ressignifica a narrativa do Gênesis.

Os irmãos, Yaqub e Omar, se aproximam de Caim e Abel no sentido de que ambos, por um motivo, ou outro, procuram, a todo o momento, agradar o ambiente familiar. Esse fato, em especial, faz com que o ciúme e a inveja predominem na casa, além de provocar a ira e os conflitos familiares. Diferentemente com o que ocorre na narrativa bíblica, com a morte de Abel, provocada pelo seu irmão, Caim, no enredo de *Dois Irmãos*, os irmãos não se matam, embora haja um conflito a todo momento na obra.

⁴¹ Nota-se que a primeira passagem do Gênesis que retrata a morte de uma pessoa é a partir dos irmãos: Caim e Abel. Posteriormente, na morte de Abel, Deus escreve por meio de Moises, os dez mandamentos, entre eles: não matarás, encontrado no livro do Êxodo. Esse mandamento em especial, reputa qualquer ato de violência contra o irmão, e portando, a lei divina, como uma medida corretiva contra o ciúme e inveja.

Os conflitos são motivados por uma série de interesses pessoais. O primeiro embate entre os irmãos na obra, o grande divisor de águas, que afastou Yaqub de Manaus, e o fez ir para o vilarejo no Líbano, foi relacionado aos ciúmes criados por Lívia. Ambos os irmãos disputavam sua atenção, e Omar, intencionalmente, atinge Yaqub com uma garrafa de vidro, provocando ferimentos e corte na sua testa. A marca, carregada ao longo da obra, simboliza o esquecimento e a indiferença com a família frente à Yaqub. Fator esse que impulsiona sua saída para a capital paulista, São Paulo.

Percebemos que Milton Hatoum se aventura em trazer a narrativa bíblica para a obra *Dois Irmãos* em uma tentativa de dialogar sobre como o ciúme, inveja e ira destroem todo um relacionamento familiar, acarretando o desmantelamento dos laços familiares e no acirramento das disputas das identidades. Vale mencionar que Hatoum se baseia no caso mais tradicional de ciúmes e inveja das narrativas conhecidas em sua obra. Dessa maneira, nota-se a importância da narrativa do Gênesis para compreender as estruturas da família manauense na obra, e colaborar para discutir/refletir sobre o ciúme e inveja, como destaca, Mello (2014, p. 176):

Os gêmeos, desse modo, se intercalam, ora flertando com as semelhanças, ora flertando com as diferenças expostas na aproximação a Caim. Um jogo de espelhos que captura e convoca o narrador Nael a refazer o que já foi escrito, a partir de conexões intertextuais. Nessa rede complexa se estabelece a conversa com os narradores bíblicos, especialmente com os que constroem o longo caminho de embates fraternos presente no livro do *Gênesis*, Desde Caim e Abel, Esaú e Jacó (...)

E, sendo assim, percebemos que Mello (2014) aproxima as discussões da narrativa bíblica com a obra *Dois Irmãos*, apresentando uma aproximação entre os personagens, Yaqub e Omar, com duas fontes intertextuais: Caim e Abel, Esaú e Jacó. Nesse sentido, podemos perceber que a obra bíblica serve para Hatoum como inspiração para o caráter punitivo e a herança familiar, discutindo sobre a presença do ciúme e raiva e, conseqüentemente, sobre a destruição dos lares. Desse modo, o escritor recupera, através da discussão bíblica, a origem da discórdia entre os irmãos, Yaqub e Omar, perpassando no ambiente religioso, a busca da raiva e da discórdia no seio da família.

4 O PROJETO MODERNIZADOR DO BRASIL EM *DOIS IRMÃOS*: UM OLHAR DE MILTON HATOUM

No fim do século XIX, é crescente a utilização da borracha nas indústrias europeias e americanas no mundo. Esse fenômeno, em especial, produz uma corrida para a Amazônia brasileira, onde milhares de imigrantes, penetram a floresta e começam a trabalhar na obtenção do látex brasileiro. O mercado brasileiro, durante o ciclo da borracha (1890-1910), obtém o “boom da borracha”, crescimento esse que tem uma relação direta com o desenvolvimento da Segunda Revolução Industrial, na Europa e nos Estados Unidos.

Por sua vez, a Revolução Industrial, tem como seu grande símbolo a indústria automobilística, onde a produção de peças e pneus influencia na produção crescente do látex brasileiro. O Brasil desperta interesse dos produtores mundiais e, então, há um crescimento da região de Manaus, produzindo riqueza e desenvolvimento para a região. Embora o tema do desenvolvimento e progresso no norte brasileiro seja tão contraditório no debate histórico, será analisado, no presente capítulo, como é possível analisar o progresso e a decadência da região de Manaus, principalmente, relacionando como Milton Hatoum utiliza desses conceitos na obra *Dois Irmãos*. Além disso, procura-se compreender como os fenômenos históricos corroboram para a narrativa hatouniana, permitindo ao historiador vislumbrar os fenômenos históricos, através da literatura.

Também se busca examinar neste capítulo como os personagens da obra hatouniana são frutos da decadência de Manaus, em especial Omar e Domingas, personagens que vivem à margem da História, nas ruínas da narrativa. Desse modo, abordaremos como o fenômeno histórico da destruição de Manaus está relacionado diretamente com a vida dos personagens, Omar e Domingas.

Por fim, procuraremos entender como esses personagens são descritos e (re)construídos na obra hatouniana, sobretudo, após o projeto de modernização do Brasil, onde as identidades dos mesmos são desfiguradas com o advento do progresso na região. Assim, procuraremos esmiuçar como o projeto de modernização é pensando através da ótica de Milton Hatoum, articulando como o contexto histórico brasileiro influencia no direcionamentos dos personagens, na obra *Dois Irmãos*.

4.1 Processos de Modernização

Entendemos por modernização, tornar moderno, acomodar-se aos usos modernos,

adaptar aos tempos modernos, amodernar. Sendo assim, a modernização, refere-se ao processo que uma determinada sociedade, através da urbanização e industrialização, modifica-se, tornando-se mais moderna. Nesse sentido, vamos procurar articular, neste próximo tópico, como Hatoum analisa, a questão da modernização em *Dois Irmãos*, elencando o seu significado, e procurando entender como o conceito é visualizado na obra. Para tanto, apresentaremos um pequeno contexto histórico, elencando os projetos de modernização criados no Brasil, e os seus desdobramentos nas cidades de Manaus e São Paulo.

Para Landes (1994, p. 11-12), a modernização pode ser entendida como:

A industrialização, por seu turno, está no coração de um processo maior e mais complexo, muitas vezes, designado como modernização. Trata-se da combinação de mudanças - no modo de produção e de governo, na ordem social e institucional, no corpo do conhecimento e nas atitudes e valores - que possibilita a uma sociedade manter-se no século XX, isto é, competir em termos de igualdade na geração de riquezas materiais e culturais, preservar sua independência e promover mudanças, adaptando-se à elas. A modernização abrange avanços como a urbanização (concentração de população em cidades que servem como núcleos de produção industrial, de administração e de atividade intelectual e artística); a redução acentuada das taxas de natalidade em comparação com os níveis tradicionais (a chamada transição demográfica); o estabelecimento de uma burocracia governamental eficaz e bastante centralizada; a criação de um sistema educacional capaz de formar e socializar as crianças, levando-as a um nível compatível com suas aptidões e com os melhores conhecimentos contemporâneos; e, é claro, a aquisição da capacidade dos meios de utilizar uma tecnologia atualizada.

Como apresentado por Landes, a modernização é uma combinação de mudanças, que consiste nas mais diferentes configurações políticas, econômicas e sociais, que utilizam a tecnologia como mecanismo de facilidade e capacidade. Neste sentido, pensando historicamente o nosso território nacional, a busca pela modernização do Brasil acarretou processos de mudanças políticas, econômicas e sociais, desde o Império.

Ainda no século XIX, com o fim do processo abolicionista e o crescimento das atividades comerciais urbanas, o Brasil se destacava pela sua forte economia, tendo o café como o principal comércio interno. Com isso, o território nacional passou por mudanças estruturais, a fim de criar condições favoráveis para o seu crescimento. Destacam-se as construções de ferrovias, portos e estradas, para facilitar o tráfico e deslocamento do produto. Vale mencionar que o empresário, Evangelista de Souza, o Barão de Mauá, sobressaiu-se como o grande nome da economia brasileira nesse período. Ele construiu, em 1854, a primeira estrada de ferro brasileira entre as cidades de Petrópolis e Rio de Janeiro, com aproximadamente 18 quilômetros de extensão.

Outra construção que merece destaque, é a idealização da ferrovia *Recife and São Francisco Railway Company*, juntamente com os ingleses. Os projetos ambiciosos de Evangelista de Souza, permitiram que o Brasil fosse reconhecido mundialmente, como o principal exportador de café. Salienta-se que as principais regiões beneficiadas com a modernização do Barão de Mauá, foram as cidades do Rio de Janeiro, São Paulo e cidades do interior de São Paulo, conhecidas como Oeste Paulista, as quais alcançaram notoriedade na economia brasileira. A importância dos cafeicultores é tamanha para o período, em que os proprietários de terras e fazendeiros, influenciavam na dinâmica econômica da cidade, como aponta Valverde (1960, p. 52):

No início, os fazendeiros eram homens rudes e xucros. Contudo, com o passar do tempo, a maioria dos fazendeiros se educou, e já no final do império orgulhavam-se de seu senso estético e requinte. No vale do Paraíba, formou-se uma nova classe, os “Barões do Café”, constituindo-se uma nobreza rural, que influenciava decisivamente na vida econômica, política e até cultural do Império, o que pode ser ilustrado ao consideramos que “dentre os quase mil títulos nobiliárquicos concedidos pelos imperadores, cerca de um terço foi constituído por cafezistas, comissários e banqueiros ligados ao café”.

Posteriormente, com o advento da Proclamação da República, em 1889, o Brasil continuaria com sua principal economia, o café, como base agrária exportadora, porém, outras atividades ganhariam destaques: setores alimentícios e têxtil. Durante esse período, conhecido como Primeira República ou República Velha (1889-1930), algumas cidades do Norte brasileiro despertou o interesse das elites, entre elas, as cidades de Porto Velho, Belém e Manaus. Inicia-se, nesse momento, o Ciclo da Borracha, período que se estende entre 1890 a 1910.

O “boom do látex” inicia-se após o desenvolvimento da Segunda Revolução Industrial, na Europa e Estados Unidos, onde as fábricas automotivas⁴² começaram a surgir. Esse motivo, em especial, permitiu o crescimento econômico da cidade de Manaus. Vale frisar, que as construções, arquiteturas, eletricidade, museus e cinemas, foram construídos nesse período, conhecido como “*Belle Époque Amazônica*”. A geógrafa e antropóloga, Ana Daou (2000), em seu livro, *A belle époque amazônica*, define esse momento histórico como um legado arquitetônico e urbanísticos, que transformou as cidades do norte do Brasil. A construção do teatro Amazonas, o porto flutuante, e outras obras arquitetônicas em Manaus,

⁴² Enfatiza-se que, após o surgimento, das fábricas automotivas, alguns produtos e matérias primas seriam essenciais para o seu desenvolvimento, entre elas, destaca-se a borracha, para confecção dos pneus dos carros. E nesse sentido, vamos ter um grande crescimento do norte brasileiro, sobretudo a cidade de Manaus, onde o comércio do látex, era a grande mola propulsora da economia brasileira. Esse período, também é conhecido como o ciclo da borracha.

marcam a transformação dos hábitos brasileiros, passando por um processo de modernização e profundas modificações nos traços paisagísticos, artísticos e culturais. Por isso, há “[...] uma alteração positiva da prosperidade pública, a purificação de nossos costumes e o aperfeiçoamento dos espíritos” (DAOU, 2000, p. 28).

Ainda segundo Daou (2000), a modernização de Manaus ganha destaque com a administração do engenheiro militar de Eduardo Ribeiro⁴³, onde o mesmo implanta serviços de rede de esgotos, iluminação elétrica, telégrafos e bondes. Toda essa mudança nas estruturas físicas de Manaus, simbolizam, cada vez mais, a aproximação aos moldes europeus e, com isso, a cidade desperta uma maior atenção dos estrangeiros, os quais depositavam esperanças em uma vida melhor. Nesse período, temos uma enorme entrada de vários povos em Manaus, que interessados na vida econômica, projetam expectativas para mudanças de vida na cidade.

Ao mesmo tempo em que a modernização e urbanização tomam conta da cidade de Manaus, acarretando desenvolvimento da cidade, outros fatores se desenvolvem no seu interior, como o predomínio dos interesses e dominação das elites, além das péssimas condições de trabalho e moradia dos trabalhadores. E, nesse sentido, que a modernização de Manaus é encarada com certa cautela, uma vez que atendia aos interesses de um determinado grupo social e ignorava os demais. Para elencar melhor essa abordagem, procuraremos, por meio da historiadora Edineia Mascarenhas Dias, em sua dissertação *Manaus, 1890-1920: a ilusão do Fausto*, listar como o projeto de modernização em Manaus, acarretou a exclusão e desigualdade social dos trabalhadores.

Para Dias (1988), o processo de modernização altera a cidade de Manaus, modificando e configurando uma nova classe social. Desse modo, a “Manaus naturalista vai se transformar na Paris dos Trópicos, na capital da borracha, cidade moderna e elegante, na cidade do fausto.” (DIAS, 1988, p. 3). A autora chama a atenção para o primeiro surto da industrialização em Manaus, em 1890, onde a cidade sofre investimentos propiciados pela acumulação de capital, oriunda da econômica do látex, e ainda discorre sobre a *cidade do fausto*, fazendo alusão sobre os impactos negativos da modernização na construção da cidade manauense. Dias (1988, p, 03) enfatiza:

Modernizar, embelezar e adaptar Manaus às exigências econômicas e sociais da época da borracha passa a ser o objetivo maior dos administradores locais. Era

⁴³ Eduardo Gonçalves Ribeiro, foi um político brasileiro, nascido em Manaus. Governador do Amazonas, durante 1890 a 1896, foi responsável pela construção de inúmeras construções, entre elas: Teatro de Amazonas, Reservatório de Moco, a Ponte Pênsil Benjamin Constant e o Palácio do Amazonas. Tal atribuição a cidade de Manaus, como “paris dos trópicos”. Atualmente, Eduardo Ribeiro dá nome a uma das principais avenidas de Manaus.

necessário que a cidade se apresentasse moderna, limpa e atraente para aqueles que a visitavam a negócios ou pretendessem estabelecer-se definitivamente. A política seria a transformação de Manaus defendendo a dominação do grupo que vai geri-las. Este grupo que será constituído pelos extrativistas e aviadores, todos ligados ao capital financeiro internacional, com estreita conexão com o poder público local.

A historiadora elenca as necessidades das transformações artísticas, culturais, além dos projetos de estruturas físicas e obras que modificaram a cidade de Manaus, em virtude da urbanização e modernização. O contexto analisado por Dias (1988), em sua dissertação, entre os anos de 1890-1920, não é aleatório. Foi nesse período que tivemos o grande surto de urbanização na cidade, em uma tentativa de modernizá-la e torná-la limpa e atraente para os investidores, empresários e para o mundo. É justamente um período onde a autora tenta “ver como a cidade se projeta na representação do grupo dominante, mas, ao mesmo tempo, dizer de como foi penoso para os excluídos do “*fausto*”, a política de expropriação controle e dominação sobre eles” (DIAS, 1988, p. 1).

Vale destacar as mudanças estruturais e físicas que a cidade de Manaus passa. Inúmeros projetos, leis, decretos e até mesmo códigos de posturas, são criados, na tentativa de “embelezar” a cidade, tornando-a mais atrativa para o comércio e despertando interesse da elite nacional e internacional. Nesse momento, destaca-se o Código de Postura de 1872, Código Municipal de 1893, além dos projetos do conhecido “artista demolidor”, George-Eugène Haussman⁴⁴, que transformou Manaus na Paris dos Trópicos. Entenderemos como esses três projetos em especial, transformaram e modificaram a cidade de Manaus, aproximando-a dos modelos europeus, como discorre Berman (1989, p. 147): “[...] universalmente aclamada como verdadeiro modelo de urbanização moderna, naquela época. Como tal, logo passou a ser reproduzida em cidades de descimento emergente, em todas as partes do mundo”.

Aproximar-se dos anseios e ares europeus, significa apresentar novos projetos arquitetônicos, bem como nova cultura e identidade no Norte do território brasileiro. Foi o que aconteceu durante a gestão do governador Eduardo Ribeiro, em Manaus na década de 1890, onde pensaram sobre formas de articular o projeto de modernização com o processo de urbanização da cidade. Para isso, foi criado um conjunto de regras e medidas para

⁴⁴ Georges-Eugène Haussmann, mais conhecido como Barão de Haussmann, ou “artista demolidor”, foi um urbanizador, responsável pela reforma da cidade de Paris do século XIX, a pedido de Napoleão Bonaparte. Colaborou para a idealização de vários projetos arquitetônicos, edifícios e pontes, além dos sistemas de águas e rede de esgoto da cidade parisiense. É reconhecido, como o artista demolidor, expressão que faz referência ao projeto de demolição das ruas e áreas antigas da cidade, para a construção de novos espaços organizacionais, abrindo espaço para o comércio e construções de casas. Por se tratar de um projeto de urbanização de destruição, muitos convencionaram chamar o projeto de Haussmann como “haussmanização”.

“embelezar” a cidade, trazendo o progresso e a modernização. Destaca-se o primeiro projeto, o Código Municipal de 1893, que estabelecia medidas de construções e edificações na cidade, como destaca o artigo terceiro da lei:

As ruas de novo abertas, e as que ainda não estão edificadas terão a largura de 30 metros e serão em linha reta. Os quarteirões terão 132 metros de lado, salvo quando as condições do terreno não permitirem, devendo, nesse caso, o Engenheiro encarregado da abertura da rua, trazer o fato ao conhecimento da Superintendência (DIAS, 1988, p. 32).

Nesse sentido, identificamos no Código Municipal de 1893, medidas arquitetônicas e de urbanização para aproximar a cidade dos modelos europeus. Convencionou-se em transformar Manaus na Paris dos Trópicos, expressão essa que remete às transformações ocorridas ao longo da década de 1890. O Estado do Amazonas cria, nesse momento, projetos e leis orçamentárias para a população. Para expressar a importância dos recursos obtidos na região, vale destacar a receita do Estado no período de 1892 a 1898, divulgada pelo *Correio do Norte* no dia 26 de junho de 1906.

Quadro 01: Receita do estado

ANO	ORÇADA	ARRECADADA
1892	6.559:100\$000	8.186:084\$983
1893	6.706:200\$000	8.808:752\$520
1894	8.685.200\$000	5.591:797\$356
1895	8.400:400\$000	10.762:739\$119
1896	9.285:400\$000	14.487:542\$084
1897	9.824:400\$000	20.476:114\$637
1898	7.479:100\$000	8.450.240\$025
	14.100:000\$000	28.114:886\$887
1899	18.520:000\$000	51.030:539\$224
1900	13.209:650\$000	30.108:721\$599

Fonte: Correio do Norte, 26 de junho de 1906.

Percebe-se que a arrecadação do Estado de Manaus ganha notoriedade entre os anos 1898 e 1899, sobretudo, pelo aumento considerável da população nesse período. Políticas públicas de saneamento básico, higienização, e até mesmo a criação da Inspeção de Higiene do Estado do Amazonas, são fundadas para auxiliar no desenvolvimento da cidade e ampliar as condições sanitárias. Vale frisar que em 1900, o contrato para instalação da rede de esgoto é celebrado, a fim de proporcionar para a população melhor qualidade de vida.

Dois Irmãos recupera esse evento histórico, inicialmente apresentado com a chegada de vários grupos étnicos ao norte do Brasil. Movidos por interesses econômicos ou por

refúgio religioso, ambos os grupos presenciaram a modificações dos espaços de Manaus. Identificamos que o próprio Halim ganhou notoriedade durante esse momento, devido ao comércio:

Halim havia melhorado de vida nos anos do pós-guerra. Vendia de tudo um pouco aos moradores dos Educandos, um dos bairros mais populosos de Manaus, que crescera muito com a chegada dos soldados da borracha, vindos dos rios mais distantes da Amazônia. Com o fim da guerra, migraram para Manaus, onde ergueram palafitas à beira dos igarapés, nos barrancos e nos clarões da cidade. Manaus cresceu assim: no tumulto de quem chega primeiro (HATOUM, 2000, p. 32).

Assim, percebemos na obra *Dois Irmãos* que a capital amazonense, Manaus, modifica todos os espaços urbanos e arquitetônicos, proporcionando aos habitantes melhores condições de vida. O debate sobre a modernização também é caracterizado com a capital paulista, São Paulo, onde Yaqub passa grande parte da sua vida. Embora Hatoum enfatize que Manaus passou por mudanças significativas, o mesmo atribui que São Paulo ainda mantém melhores condições do que o Norte, pois a modernização do Norte é gradual e tardia. Dessa forma, procuramos esmiuçar como o autor retratou a noção de modernização na obra, buscando discutir sobre os processos de progresso nas cidades de São Paulo e Manaus, e enfatizando o contexto histórico de sua implementação.

4.2 Manaus: Símbolo da narrativa hatouniana

A capital do Amazonas, Manaus, possui nas obras de Milton Hatoum, um símbolo próprio de identidade, cultura e memória, onde o autor consegue ressignificar na narrativa, a capital, atribuindo uma condição importante de espaço territorial e de lutas travadas por inúmeros grupos étnicos na região. Desse modo, podemos perceber que, muito mais do que uma simples capital, Manaus também é o lugar ambientado, onde a narrativa *hatouniana* se integra e acontece, tornando possível o enredo da obra.

O lugar de Manaus em *Dois Irmãos* e em outras obras do autor rompe com o conceito de uma simples capital. Hatoum provoca o leitor, questiona-o sobre a importância da cidade na narrativa e, principalmente, na configuração do espaço temporal brasileiro, atribuindo à cidade um lugar em destaque em sua análise. Com um olhar além das questões ambientais, no qual configura-se destaque para as diversidades ambientais, fauna e flora, Milton Hatoum também procura, em suas obras, pensar a importância de Manaus no cenário político e econômico. Sendo assim, na presente seção, pretende-se abordar a forma como o

escritor Milton Hatoum atribui um significado a Manaus, tornando-a grande símbolo de grande parte de suas narrativas.

O símbolo da capital amazonense é uma história de resistência, luta e relações de significados, na transição do Brasil do século XIX para o XX. A cidade assume uma condição única de importância para o cenário nacional, como destacado por José Murilo de Carvalho:

É por meio do imaginário que se pode atingir não só a cabeça, mas, de modo especial, o coração, as aspirações, os medos e as esperanças de um povo. As sociedades definem suas identidades, organizam seu passado, presente e futuro. O imaginário social é constituído e se expressa por ideologias e utopias, sem dúvidas, mas também por símbolos, alegorias, rituais e mitos. Símbolos e mitos podem, por seu caráter difuso, por sua leitura menos codificada, tornarem-se elementos poderosos de projeção de interesses, aspirações e medos coletivos (CARVALHO, 2001, p. 10).

Nesse sentido, Carvalho evidencia, no trecho acima, o caráter da construção do símbolo como imaginário social, contribuindo para a formação da identidade, cultura e memória de um determinado povo ou cultura. A partir desse conceito, vamos procurar entender como Manaus torna-se símbolo da narrativa hatouniana, destacando em que medida o cenário surge na obra e como.

Para enfatizar como Manaus é (re)construída nas obras de Milton Hatoum, vamos analisar como a pesquisadora Lindalva Alves de Albuquerque, em sua dissertação intitulada *Um relato oscilante – A Amazônia de Milton Hatoum, em Relato de um certo Oriente*, apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Literatura, da Universidade de Brasília (UnB) em 2010, analisa a representação de Manaus em um contexto político e econômico internacional. Para Albuquerque:

A Amazônia vista tradicionalmente na literatura como um local distante, subdesenvolvido e de natureza exuberante, vem sofrendo grandes transformações, sob a influência de forças que, embora presentes anteriormente, adquiriram fortes e diferentes atuações em escala global, nacional e regional/local. Esse processo vem configurando fronteiras geradoras de realidades novas, em que aquela região passa a ser percebida, a nível global, como um espaço a ser preservado para a sobrevivência do planeta. Nesta percepção, coexistem interesses ambientalistas, econômicos e geopolíticos, expressos nos processos de mercantilização da natureza e de apropriação do poder de decisão sobre o uso do território [...] (ALBUQUERQUE, 2010, p. 61).

Percebemos que para a autora, Manaus é recuperada na análise *hatouniana* por motivos econômicos, sociais e políticos, isto é, por ser uma cidade que eventualmente atrai olhares por suas dimensões ambientais e, ao mesmo tempo, pela riqueza da fauna e flora. E Manaus necessita de um olhar delicado pelo que representa para o cenário nacional e

internacional. Essa grandeza de Manaus faz com que Milton Hatoum evidencie em suas obras a importância da manutenção e preservação do cenário amazonense, em virtude do seu potencial ambiental.

Destacamos esse momento específico, quando Albuquerque (2010) destaca a importância da cidade para a construção da identidade nacional na obra *Relato de um certo Oriente*, bem como o caráter sentimentalista de Milton Hatoum. Para a autora:

Em *Relato de um certo Oriente*, a subjetividade das personagens funde-se à matéria local. Nativos, pobres e trabalhadores surgem como figuras ilustrativas do exotismo que expõe a miséria humana aos turistas. Não há como negar a faceta da realidade nacional revelada, mesmo que o debate atual sobre a identidade nacional exija considerar outros fatores, relacionados à geopolítica global e aos avanços das conquistas neoliberais, nas diversas regiões do planeta, que promoveram, ao longo do tempo, inúmeras transformações na sociedade nacional, ou no Estado-nação, e nos atores sociais. Milton Hatoum rejeita ser classificado como regionalista, mas apropria-se dessa estética e transforma a acumulação cultural interna para produzir sua obra. Ele reduz a descrição do elemento exótico, mas o faz surgir, intensificado por uma simbologia rica e abundante em silêncios repletos de sentidos regionais. Opta por uma temática urbana e expõe, sob o ponto de vista de uma classe social privilegiada, as mazelas do subdesenvolvimento em uma região afastada dos centros urbanos avançados (ALBUQUERQUE, 2010, p. 62).

Nota-se que para Albuquerque (2010), Milton Hatoum, permite uma conexão entre cidade, personagem e obra, tornando possível uma ressignificação da capital amazonense, não apenas como cidade, mas como elemento primordial para a sua narrativa, dando vozes para grupos minoritários (pobres, trabalhadores, indígenas, entre outros). Nesse sentido, percebemos a “faceta da identidade nacional” proposta por Milton Hatoum, na análise de Albuquerque (2010), onde o escritor para a autora, “opta por uma temática urbana e expõe, sob o ponto de vista de uma classe social privilegiada” (ALBUQUERQUE, 2010, p. 62), destacando-se assim o seu lugar social do autor, distante dos grandes problemas sociais e econômicos da cidade.

A relação entre Manaus e Milton Hatoum é tão significativa para a análise de Albuquerque (2010), que a mesma reserva um capítulo da sua dissertação somente para discutir essa relação entre o autor e a região. O terceiro capítulo, chamado *A Amazônia de Milton Hatoum*, permite uma abordagem mais precisa sobre a relação entre o autor e a cidade, tornando possível uma aproximação e diálogo sobre essa questão. Para isso, a autora, estrutura o capítulo em seis subitens.

O primeiro subitem relaciona os aspectos gerais da transição do cenário brasileiro na virada do século XIX para o XX, destacando correntes ideológicas colonizadoras e globalizadas que perpassam o cenário político e econômico internacional. Desta forma, ao

entender a dinâmica de funcionamento mundial, para Albuquerque (2010), Milton Hatoum propõe uma recuperação do cenário brasileiro, sobretudo, o Norte, dando espaço para os sujeitos e cidades esquecidas e abandonadas pela literatura tradicional.

Para isso, Milton Hatoum recupera o debate da literatura nacional, a partir de conhecimentos e discussões que previamente pairava o seu cenário, político e social, em especial o conhecimento adquirido em seu intercâmbio na Europa, o qual proporciona novos horizontes intelectuais, artísticos e culturais para o autor. Em *Relatos de um certo Oriente*, percebemos uma crítica ainda sutil em relação às condições ambientais de Manaus e as formas de exploração dos personagens, como pontua Albuquerque:

Milton Hatoum se alimenta de diversas fontes estrangeiras e supre a ausência de uma temática nativista, recorrendo ao manancial literário latino-americano. Ele busca o meio físico, os costumes nacionais e mostra a miséria humana, mantendo a representação da cor local, mas não assume como sua a demanda das classes oprimidas. Esses interesses, afinal, nem aparecem no romance que, nesse aspecto, se afasta do regionalismo que marcou o período nacionalista social. Naquele período, aparecia o embate de forças, o confronto de diversas classes, mas em *Relato de um certo Oriente* não há conflito de classes. Nesta obra, a dominação parece pacífica, o índio aparece submisso ou marginalizado e nômade, perambulando por ambientes estranhos ou escondido na selva. Os pobres recebem as esmolas da ação filantrópica, e/ou estão abandonados nas periferias da cidade, ou doentes nos batelões atracados à beira do rio, sem assistência médica ou estrutura sanitária para viver com dignidade. Os trabalhadores ocupam-se do trabalho informal de ambulantes, ou disputam turistas para ganhar uns trocados. Os choques são das fatalidades e o campo dos conflitos é o psicológico, ilustrado pelo olhar sensibilizado mas omissos das classes mais favorecidas sobre as imagens da miséria humana. Essa imagem parece sugestiva das vozes emudecidas e, também, omissas para com os problemas sociais dos ocupadíssimos cidadãos contemporâneos, muitos deles, clientes habituais dos profissionais da psicologia e da psiquiatria (ALBUQUERQUE, 2010, p. 64).

Nos demais subitens, Albuquerque (2010, p. 10) analisa a relação da escrita de Milton Hatoum como “uma figura franzina, composta de poucos traços”, trecho extraído da obra *Relatos de um certo Oriente*, que faz alusão à estratégia textual de Milton Hatoum, utilizando a voz feminina para narrar a obra. Essa alusão “tem a ver com o matriarcado manauara, [...] com as Amazonas da minha infância, da minha história e até da pré-história” (SCRAMIM, 2007, p. 302), Albuquerque (2010), como uma tentativa hatouniana em fazer com que a mulher e o espaço amazonense tornassem símbolo de resistência e luta para todo o território nacional.

Embora a figura feminina seja caracterizada por um estereótipo machista de inferiorização e sexualidade, Milton Hatoum, na contramão do patriarcado, torna possível que a figura da mulher (figura franzina), ganhe espaço em suas obras e se torne símbolo de resistência e luta para a construção de Manaus do século XIX. E, por fim, Albuquerque

ressalta a importância de *Relatos de um certo Oriente* como obra precursora de uma narrativa que elenca os aspectos geográficos e ambientais de Manaus e, ao mesmo tempo, explora a temática da preservação do território nacional, em virtude das políticas internacionais de globalização e destruição do espaço amazonense.

Já em relação a *Dois Irmãos*, podemos perceber que Milton Hatoum reconstrói o espaço territorial manauense com a chegada da família libanesa, Halim e Zana. Manaus é caracterizada como uma cidade ainda em desenvolvimento, mas que sofre inúmeros problemas com saneamento básico e precarização da política econômica local, como destacamos no trecho abaixo:

Apoiado no parapeito, Yaqub olhava os passantes que sucumbiam a rua na direção da praça dos Remédios. Por ali circulavam carroças, um e outro carro, cascalheiros tocando triângulo de ferro; na calçada, cadeiras em meio círculo esperavam os moradores para a conversa do anoitecer; no batente das janelas, tocos de velas iluminariam as noites da cidade sem luz. Fora assim durante os anos de guerra: Manaus às escuras, seus moradores acotovelando-se diante dos açougues e empórios, disputando um naco de carne, um pacote de arroz, feijão, sal ou café. Havia racionamento de energia, e um ovo valia ouro. Zana e Domingas acordavam de madrugada, a empregada esperava o carvoeiro, a patroa ia ao Mercado Adolpho Lisboa e depois as duas passavam a ferro, preparavam a massa do pão, cozinhavam. Quando tinham sorte, Halim comprava carne enlatada e farinha de trigo que os aviões norte-americanos traziam para a Amazônia. Às vezes, trocava víveres por tecidos encalhados: morim ou algodão esgarçado, renda encardida, essas coisas (HATOUM, 2000, p. 18).

Podemos identificar que o Norte brasileiro, na perspectiva de Hatoum (2000), é um cenário precário, do ponto de vista econômico e social, em especial, a cidade amazonense, Manaus, que passa por um momento delicado na conjuntura política brasileira. Esse quadro de abandonos e incertezas em Manaus, permite que Milton Hatoum recupere historicamente esse momento na obra *Dois Irmãos*, com passagens que dialogam com a questão da modernização tardia da cidade, e os seus efeitos na vida cotidiana da população.

Destacamos na obra, elementos que comprovem a questão financeira de Manaus, como as carroças e os poucos carros que circulavam na cidade manauense, caracterizando um empobrecimento econômico e aquisitivo da população, além de uma falta de projeto modernizador e urbano, onde a população utilizava-se de velas, pois a eletricidade era racionada a energia.

Também diagnosticamos as dificuldades de acesso dos personagens para comprarem mantimentos básicos, como alimentos e produtos de higiene. Qualquer alimento era valioso, e as práticas de comércio de compra e venda, geralmente, ocorriam por trocas de determinados

objetos, como tecidos encalhados, expressando, dessa forma, as dificuldades do cotidiano dos personagens.

Portanto, podemos entender a importância do mercado norte-americano para a economia manauense do período. Como destacado por Milton Hatoum em *Dois Irmãos*, os personagens “[...] compravam carne enlatada e farinha de trigo que os aviões norte-americanos traziam para a Amazônia” (HATOUM, 2000, p. 18), enfatizando a precariedade e dificuldade do mercado municipal com a falta de abastecimentos de itens comuns, como: carne enlatada e farinha e, ao mesmo tempo, o autor evidencia o mercado americano na política econômica amazonense.

Outros autores, assim como Albuquerque (2010), dialogam com a questão da importância do território amazonense nas obras de Milton Hatoum, como símbolo de uma construção do espaço territorial e suas lutas travadas no âmbito político e econômico. Embora os pesquisadores Mendes e Queirós, em uma produção coletiva apresentada para a Revista Igarapé, no ano de 2014, intitulada: *Do inferno ao paraíso: narrativas sobre a Amazônia*, não dialoguem diretamente com Milton Hatoum, ambos permitem pensar o cenário amazonense como território a ser refletido e discutido no campo da História.

Os pesquisadores destacam a representação do imaginário da Amazônia brasileira, sobretudo, a partir de uma concepção de como os europeus relavam o território norte brasileiro. Para isso, ambos analisam como o território brasileiro passa a ser interpretado e veiculado pelos jornais, comparando a região amazônica com o Oriente, por ser tratado como um lugar de inferioridade e subalternidade. Dessa forma, há uma aproximação e diálogo com a concepção de orientalismo, proposto por Said (2007).

Podemos identificar que, embora o diálogo proposto por Mendes (2014) não trabalhe e tampouco mapeie diretamente o escritor, podemos estabelecer que há uma proximidade indireta, isto é, um destaque da construção e idealização do símbolo do norte brasileiro para o imaginário social, principalmente para o Acre. Para isso, os autores iniciam discutindo sobre o conceito da homogeneização do território amazonense, “[...] como uma categoria retórica, uma palavra abstrata que passa a ser categorizada de forma una e homogênea” (MENDES; QUEIRÓS, 2014, p. 31), concluindo-se que:

Não se pode pensar a região amazônica de forma linear, suprimindo-se os tempos diferenciados da floresta e o da cidade, bem como da gente que ali vive. Durante muito tempo, a história tradicional acompanhada do realismo naturalista tentou ‘apagar’ as diferenças de espaço de convivência, perdendo-se parte importante dos processos que compõem a formação social, política e econômica da Amazônia (MENDES; QUEIRÓS, 2014, p. 31).

Tradicionalmente, a visão de uma Amazônia homogênea e linear, prevaleceu no senso comum. E, justamente com essa perspectiva, a liderança dos grupos dominantes, prevaleceu sobre as comunidades locais da região, impondo seus costumes e regras, evidenciado no excerto acima.

Podemos destacar também que “[...] o discurso a respeito da Amazônia, somado ao seu processo de ‘invenção’, é considerado como um recurso de dominação” (MENDES; QUEIRÓS, 2014, p. 31), geralmente veiculado por esses grupos dominantes. Nesse sentido, indo na contramão, e comprometendo-se em uma narrativa mais detalhada e problemática da Amazônia, Mendes e Queirós (2014) propõem uma análise mais minuciosa da Amazônia brasileira, permitindo que o território seja compreendido em suas mais diferentes culturas, regiões e políticas, além de dar vozes aos sujeitos históricos que participam das construções das cidades do Norte brasileiro. Os autores destacam:

A Amazônia é uma área cujo traço mais geral foi construído pelo pensamento externo aos que nela vivem. A região tem sido pensada, ao longo dos séculos, através de imagens construídas pelos europeus, sobre o que eles entendem a respeito da região. Por isso, o conceito de Amazônia é resultado de uma construção discursiva, como assim afirma Ana Pizarro: “Esta região do imaginário é a história dos discursos que a foram erigindo, em diferentes momentos históricos, dos quais recebemos apenas uma versão parcial, a do dominador” (MENDES; QUEIRÓS, 2014, p. 37).

E conclui-se que:

[...] a Amazônia precisa se distanciar dos processos de homogeneização, dos estereótipos, do conceito de exotismo (diferente) e da dicotomia limitadora inferno verde/paraíso tropical. A ideia é pensar essa porção de terra e sua gente como produtores de cultura, de linguagem, de pensamento. Quem estuda a Amazônia precisa perceber que ela não é só terra distante, desconhecida e inspiração para criação de lendas, contos e romances, mas é, sobretudo, espaço de homens e mulheres trabalhadores, de pluralidades culturais, de formas de resistência, de relações de poder, hibridizações e multiplicidades (MENDES; QUEIRÓS, 2014, p. 44).

O trecho destacado acima, demonstra justamente a forma como a região é estereotipada por uma perspectiva dominante, desconsiderando suas diversidades e culturas, na perspectiva de Mendes e Queirós (2014). Nesse conjunto de informações, refletidas pelos pesquisadores, podemos pensar como essas questões são debatidas e analisadas por Milton Hatoum, e como o autor inova em trazer essas situações para sua narrativa.

Entendemos que a narrativa hatouniana, busca justamente legitimar o território amazonense, dando voz e espaço para a região do Norte brasileiro. Essa luta trava-se em um cenário de incertezas e conflitos, de como o senso comum e tradicional, carregado por um viés ideológico dominante, identifica a região brasileira e, principalmente, como os discursos dos europeus prevaleceram sobre os povos, identidades e territórios.

Dessa forma, Milton Hatoum, ressignifica o espaço amazonense, tornando símbolo da sua narrativa, e o principal espaço território de suas obras. Esse fato torna-se essencial para entender a importância da região para Milton Hatoum, uma vez que o autor, através da literatura, propõe uma reflexão sobre os eventos históricos que pairavam a região no final do século XIX e início do XX, dialogando com os sujeitos históricos que compõem essa cena, entre eles, podemos destacar os grupos minoritários: indígenas, mulheres, imigrantes e outros que aparecem na obra.

Acrescentamos, também, que a inovação de Milton Hatoum, dá-se no momento que o autor propõe, com a literatura, destacar e denunciar inúmeros problemas decorrentes da exploração do território amazonense, além de discorrer sobre a dominação de grupos autoritários sobre os minoritários. Essas duas questões em especial, faz com que Milton Hatoum dialogue com os problemas enfrentados atualmente no cenário brasileiro, mesmo escrevendo a obra *Dois Irmãos*, no ano de 2000, e apresente uma situação denunciadora sobre as atividades exploratórias na região.

O sucesso de Milton Hatoum não se deve, exclusivamente, ao fato de denunciar a situação política e econômica de Manaus, mas está também relacionado a como o autor o faz, por meio da literatura, instrumento esse de fácil acesso e compreensão para o grande público. Dessa forma, percebemos que Manaus torna-se muito mais do que símbolo na obra hatouniana, transformando-se em uma das principais referências para o autor enquanto espaço e território. Assim, encerramos a presente discussão, elencando como Milton Hatoum torna Manaus o seu grande símbolo de luta e resistência, apresentando um diálogo com Carvalho (2001), Albuquerque (2010), Mendes e Timóteo (2014). No próximo subitem, analisaremos o processo de progresso e decadência em Manaus, a partir da História, propondo dialogar como a obra *Dois Irmãos* aborda os temas: progresso e decadência da cidade manauense.

4.3 Progresso e Decadência em Manaus

Pensar Manaus em *Dois Irmãos* é recuperar historicamente a cidade e sua importância no cenário político, econômico e social da obra. Nesse sentido, o presente

subcapítulo propõe analisar os efeitos e consequências do progresso e decadência em Manaus pela obra de Hatoum, procurando estabelecer qual o olhar hatouniano para a cidade, o porquê Manaus se tornou símbolo em suas análises e discussões, além de entender o preço pago por esse projeto modernizador manauense, no século XX.

Para isso, retomaremos a análise da obra para pensar os efeitos do projeto modernizador e suas consequências, enfatizando a decadência da família e, principalmente, da cidade. Retomada a análise, partiremos pontualmente de algumas abordagens históricas que dialogam com a presente temática, procurando entender, assim, como outros autores entendem e debatem o progresso e a decadência em Manaus, pelo olhar de Milton Hatoum.

Em artigo apresentado a revista *Literatura e Autoritarismo*, a pesquisadora Katrym Aline Bordinhão dos Santos (2010), nos apresenta, em sua análise, *A Manaus devastada em Dois Irmãos de Milton Hatoum*, as consequências do cenário da devastação em Manaus, e as modificações no cenário político e econômico da cidade, além das mudanças nos personagens no romance *Dois Irmãos*. O objetivo da autora é demonstrar como essa alteração afeta a sociedade em que vivem, ocasionando uma série de rupturas entre personagem e cidade, conforme apresentado pela autora:

Milton Hatoum explora sua abordagem da cidade de Manaus, vista por alguns estudiosos como uma forma de narrar a cidade que se afasta do dito regionalismo, em seus romances: “A cidade da minha infância não existe mais. Tentei explorar nos meus romances essa destruição abrupta e brutal da memória urbana.” (HATOUM, 2009, p. 160). Percebemos que o autor aborda o espaço da cidade não somente como um elemento constitutivo do romance, mas sim como o mantenedor das lembranças de quem ali viveu, o que parece não ser o que mais tarde acontece com Manaus, justamente por conta da devastação a qual a cidade foi exposta (SANTOS, 2010, p. 73-86).

Nesse sentido, conforme apresentado pela pesquisadora Santos (2010) a obra *hatouniana* narra a cidade manauense, a partir de uma realidade da infância. Esse jogo de memória que reconstitui a cidade entre idas e vindas, torna a obra do autor um verdadeiro mistério, onde percebemos que não é possível capturar uma única Manaus, isto é, devido a devastação que a cidade é exposta, ela perde suas “credenciais” por uma questão política, econômica e social, fruto de interesses da corrida do látex no Norte do país.

Essa mudança no cenário econômico de Manaus, além de afetar a vida do cotidiano da cidade, também altera os personagens, o romance é visto como uma “[...] narrativa de destruição, da qual todos faziam parte como agentes” (SILVA, 2008, p. 04). Podemos mencionar tais mudanças na obra *Dois Irmãos*, quando: “A euforia, que vinha de um Brasil tão distante, chegava a Manaus como um sopro amornado. E futuro, ou a ideia de um futuro

promissor, dissolvia-se no mormaço amazônico. Estávamos longe da era industrial e mais longe ainda do nosso passado grandioso” (HATOUM, 2000, p. 96).

A denominação da euforia, trazida por Hatoum (2000), remete ao quadro de avanços obtidos pela modernização brasileira, a entrada para o mercado estrangeiro, período que se estendeu por volta de 1930 a 1964, liderado pelo governo de Getúlio Vargas. Vale aqui estabelecer que, para Hatoum (2000), a modernização no Norte brasileiro foi amornada, isto é, não foi tão efervescente como em outras regiões ou Estado e, por isso, a região foi modernizada tardiamente.

A questão inicialmente provocada, propõe uma sutil crítica de Hatoum (2000) às políticas públicas nacionais que, por vezes, esqueceram ou abandonaram a cidade manauense. Diante disso, o autor conclui que a região estava longe de um passado grandioso, como pensando e idealizado por grupos de políticos e governantes na construção do Brasil do século XX. Esse efeito em especial, torna possível que *Dois Irmãos* seja uma obra importantíssima para compreender os desdobramentos da falta de políticas públicas nacionais para o norte do Brasil, ocasionando uma série de prejuízos para a economia e para a vida cotidiana dos personagens, conforme analisaremos no subitem a seguir.

Continuando a análise sobre o progresso e a decadência em Manaus, outro pesquisador que permite discorrer e debater sobre esse momento histórico, é José Alonso Torres Freire (2008), em tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira, do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, *Entre construções e ruínas: uma leitura do espaço amazônico em romances de Dalcídio Jurandir e Milton Hatoum*, nos apresenta a construção do espaço amazônico e sua repercussão na literatura nacional. Para isso, Freire pontua:

Se os conflitos familiares são o cerne mesmo dessa ficção, o autor não deixou de mapear uma cidade que fornece o cenário e o trecho histórico para o enredo: Manaus. Como veremos, procurando um tempo perdido, os narradores de Milton Hatoum também buscam espaços perdidos, percorrendo não só a casa, na busca de construir suas identidades ou sentidos para o passado, mas também a cidade da infância, que sempre se revela uma cidade imaginária (FREIRE, 2008, p. 05).

O autor destaca os conflitos familiares da obra *hatouniana*, mas também destaca a cidade manauense. Para isso, Freire (2008) procura estabelecer como os narradores em Milton Hatoum, em *Dois Irmãos*, Nael procura restabelecer o espaço na narrativa, como suas identidades e memória, além dos sentidos produzidos pela decadência da cidade de Manaus. Esse último objeto, especialmente a decadência da cidade, evidencia a discussão

anteriormente apresentada pela pesquisadora Santos (2010), e que retomaremos agora com Freire (2008).

No capítulo quatro: o espaço e a opacidade da memória: Milton Hatoum, Freire (2008), propõe uma reflexão sobre as obras do autor amazonense, destacando as dificuldades de analisar um autor ainda presente, pois suas obras ainda não foram inacabadas e diante disso não se pode definir um padrão para Milton Hatoum. Também se destaca os poucos trabalhos acadêmicos relacionados à temática amazonense e o autor, segundo Freire:

Propor uma abordagem acadêmica da obra de um escritor em franca atividade, principalmente se o autor em causa possui uma obra ainda pouco numerosa, como é o caso de Milton Hatoum, pode levantar vários problemas para a consecução de um estudo crítico. Em primeiro lugar, não se pode afirmar que as características presentes em seus textos publicados vão se afirmar ou se consolidar nos textos seguintes, desdobrando-se em temas recorrentes, motivos que reaparecerão ou obsessões que irão aflorar posteriormente. Em segundo lugar, em decorrência do que se disse antes, a crítica é feita no calor do presente, com todos os riscos de analisar como acabado o que está em plena gestação, já que uma obra também é composta por todas as leituras que se faz dela. Mesmo as leituras que estão se processando neste momento movimentam-se, refazem-se, deslocam-se, articulam-se com outras, (re) articulam-se a partir de outras. Sem contar a leitura dessas “leituras” pelo próprio autor, o que pode ecoar em suas próximas narrativas, num intrincado relacionamento nem sempre fácil de desvelar. Tudo isso favorece a profusão de resenhas e notas ligeiras em jornais e revistas, como é o caso da obra do autor amazonense, com poucos trabalhos acadêmicos registrados. Porém, todos esses problemas, a princípio apresentando-se como obstáculos claros a transpor, podem revelar-se, antes, como estímulo para um estudo mais aprofundado de seus três romances: *Relato de um certo oriente* (1989), *Dois irmãos* (2000a) e *Cinzas do Norte* (2005a) (FREIRE, 2008, p. 156-157).

Como abordado anteriormente por Freire (2008), estudar Milton Hatoum se torna, em uma perspectiva acadêmica, um trabalho minucioso, primeiro, pela escassez de documentos que dialogam com o autor e sua obra, segundo, pelas inúmeras produções que se fazem “no calor” do momento, e terceiro, pelo fato que o autor ainda esteja produzindo atualmente, o que dificulta caracterizá-lo em uma única perspectiva, seja ela narrativa ou cultural.

Os fatos evidenciados acima, não impedem que Freire (2008) apresente suas considerações sobre Milton Hatoum, denotando a importância das suas obras e mapeando o cenário hatouniano para a perspectiva histórica. Para isso, o autor propõe uma reflexão inicialmente sobre a obra *Relatos de um certo Oriente*, destacando o papel da personagem Emilie, e sua importância na emancipação da luta dos direitos das mulheres. Posteriormente, as atenções do autor se redobram em analisar como a Amazônia é percebida através do marido de Emilie, personagem que narra a obra. Seu marido vive no Líbano e pelas cartas direcionadas à personagem, que vivia em Manaus, o autor relata como Manaus é caracterizado e percebida pelo outro, no caso, o seu noivo.

Outro ponto caracterizado por Freire (2008), diz respeito a construção da memória na obra *Dois Irmãos*, onde o personagem Nael, reconstrói, através dos relatos orais, a história da família libanesa e manauense, propondo um exercício de mapear as vivências familiares e os conflitos gerados na casa de Halim e Zana, como destaca o autor: “Nael reconstrói o passado da família de Zana e Halim buscando reconstituir seu próprio passado, numa tentativa de compreender qual é seu papel no seio dessa família tão estranha e ao mesmo tempo tão próxima” (FREIRE, 2008, p. 183).

A tentativa da reconstrução da memória e da identidade por parte de Nael, é para Freire (2008) uma estratégia de pensar a família libanesa e idealização da cidade de Manaus no século XIX. Dessa forma, a obra propõe uma reflexão sobre os eventos históricos que acarretaram a construção manauense, como observa Freire:

A ação dos dois primeiros romances de Milton Hatoum, situa-se num espaço circunscrito, a Amazônia, mais especificamente Manaus, sendo que os personagens concentram-se em ambientes interiores e o foco da narrativa recai no percurso que esses seres precisam realizar em busca da demarcação de um território próprio e da construção de sua identidade, apesar de, eventualmente, o enredo abrir-se e ocorrerem deslocamentos pela cidade ou, ainda, ocorrerem viagens dos personagens, o que amplia o espaço da ação. Para ambos os romances, é flagrante a importância da perspectiva de um narrador que busca reconstruir o passado, apoiando-se não só na memória própria ou alheia, mas, sobretudo, na reconstrução do espaço da ação (FREIRE, 2008, p. 182).

Percebe-se que para Freire (2008), Milton Hatoum propõe uma reconstrução da memória familiar, ao mesmo tempo dialogando com a questão da identidade manauense, por meio do personagem Nael. Essa busca constante da memória, torna possível que *Dois Irmãos* abarque em seu conteúdo, expressões que dialogam com o cotidiano de Manaus, suas identidades e culturas, promovendo um resgate do território, assim como dos agentes históricos que fazem parte da sua narrativa.

Podemos, então, definir que o progresso e a decadência, conceitos totalmente distintos, mas que aparecem em *Dois Irmãos* como complementares da cidade manauense. Nesse jogo, Milton Hatoum propõe repensar Manaus em vários momentos históricos diferentes, primeiro, pelo fato que muito pouco se trabalhou sobre o tema, principalmente pelo fato da cidade estar localizada no Norte do País e, segundo, é uma operação minuciosa por contemplar culturas, crenças e comportamentos próprios dessa região, o que dificilmente é percebido nas grandes manchetes nacionais.

Dessa forma, entendendo sobre o espaço histórico manauense em *Dois Irmãos*, podemos perceber como a cidade foi influenciada por uma política econômica exploratória,

que sufocou e reprimiu grande parte dos trabalhadores na região e esse episódio está caracterizado por Hatoum em sua obra, ao mapear a situação econômica e política de Manaus, posteriormente ao advento da modernização. Partindo dessa concepção, analisaremos, a partir do próximo subitem, como esse progresso e decadência influenciou diretamente nas vidas dos personagens, Omar e Domingas, desmoralizando-os em suas vidas pessoais na cidade de Manaus.

4.4 A Casa e a Decadência de Manaus: vivendo à margem da História

É preciso dizer-lhe que tua casa é segura. Que há força interior nas vigas do telhado
E que atravessarás o pântano penetrante e etéreo E que tens uma esteira E que tua
casa não é lugar de ficar mas de ter de onde se ir.
Pra ter onde ir⁴⁵.

Pensar na identidade e cultura de um determinado personagem na obra é situá-lo em um campo de mapeamento onde o objeto de estudo é esmiuçado em sua totalidade. Desse modo, pretendemos analisar no presente tópico a relação do personagem Omar na obra *Dois Irmãos*, relacionando sua existência com a decadência e ruína vivenciada pela cidade manauense, além da casa e dos outros personagens que compõem a narrativa. Para tanto, mergulharemos no corrosivo processo de degradação da família, personagem e da cidade manauense presentes em *Dois Irmão*.

As obras de Milton Hatoum trazem, em sua grande maioria, conflitos familiares, destruição da cidade amazonense por projetos ambiciosos e audaciosos. Essas características, fazem com que inúmeras obras destaquem sobre a casa em ruínas hatounianas, como colocado por Arrigucci Junior:

O romance é aqui uma arquitetura imaginária: a arte de reconstruir, no lugar das lembranças e vãos do esquecimento, a casa que se foi. Uma casa, um mundo. Um mundo até certo ponto único, exótico e enigmático em sua estranha poesia, mas capaz de se impor ao leitor com alto poder de convicção (ARRIGUCCI JUNIOR, 2007, p. 345).

E para Vieira:

Desde o seu primeiro romance, o autor constrói a ambientação da família em espaços que marcam a infância dos personagens e a atmosfera familiar. O sobrado é um tipo de casa recorrente nas narrativas, como em *Relato de um certo Oriente*: “Éramos então quatro irmãos, e o amplo espaço do sobrado acomodou a família.”

⁴⁵ Poema chamado *A Cabana*, de Max Martins.

(HATOUM, 2002a, p. 53); em *Dois irmãos*: “Pararam diante de um sobrado antigo, pintado de verde-escuro. No alto, bem no centro da fachada, um quadrado de azulejos portugueses [...]. Uma vez por semana eu subia na platibanda para limpar os azulejos da fachada” (VIEIRA, 2013, p. 74).

Pode-se notar que, para Arriguci Junior (2007) e Vieira (2013), a narrativa *hatouniana*, elenca os espaços familiares, em especial a casa, onde Milton Hatoum propõe uma reflexão sobre o lugar social de cada personagem, condicionado com o espaço territorial e lapso temporal dos integrantes da narrativa. Notamos que a casa carrega uma simbologia de lugar de pertencimento para os personagens da obra e, principalmente, para Milton Hatoum, onde, ao utilizar os vestígios que geralmente trazem conotações do negativo, o autor propõe justamente o contrário, a possibilidade de analisar o passado através das ruínas.

Para Lemos (2018), a casa na obra de Milton Hatoum, destaca-se como um componente essencial para entender o desfecho da obra, assim como as intrigas familiares. Nesse sentido, a casa, configura-se como elemento importante e que merece um olhar atento para o pesquisador. Para Lemos (2018), ela desempenha um papel fundamental para compreender o tempo e o espaço de Manaus. Desse modo, analisaremos como a autora busca analisar em sua tese, os desdobramentos da casa hatouniana na obra *Dois Irmãos*.

A casa, na obra de Milton Hatoum, possui uma singularidade própria, carrega no seu interior a história do casal, Halim e Zana. Testemunha ocular⁴⁶ de toda trajetória familiar libanesa e ao mesmo tempo localizada no território brasileiro, em Manaus, a casa é caracterizada por uma série de simbolismos que podem ser analisados dentro de uma perspectiva histórica, como importante elemento histórico. A casa é muito mais do que uma construção física que serve de habitação para o casal, Halim e Zana, e os seus filhos, além de Domingas e Nael. Representa, também, a história de Manaus, o vínculo da família libanesa e, principalmente, o jogo de poder e dominação que é explícito na obra. Dessa forma, procuraremos entender, a partir dessa noção, como Milton Hatoum utiliza-se da casa em *Dois Irmãos* para construir o enredo da cidade de Manaus e dialogar com a família libanesa.

Retomando a análise de Lemos (2018) em sua dissertação, podemos perceber que para a autora, Milton Hatoum, ao narrar os dramas e ruínas sofridas pela família libanesa dentro da casa, possibilita a construção da história dos personagens. Mesmo a partir do caos, o escritor torna possível reconstituir a busca da identidade da família. Para isso, Lemos (2018)

⁴⁶ Embora o termo: “testemunha ocular” seja caracterizado por uma determinada pessoa que presenciou um fato ou evento, como tradicionalmente é dito na linguagem popular: “viu com seus próprios olhos”, utilizamos a expressão no sentido metafórico para dar sentido e reconhecer a importância da casa na obra hatouniana.

utiliza-se do texto de Walter Benjamin, *Torso* (2000), para discutir a importância da ruína dentro do aspecto histórico de Manaus.

Inicialmente, Lemos destaca a importância da casa na obra hatouniana: “temos uma casa como arcabouço de memórias e subjetividades, como o espaço das vivências da infância, de acolhimento e de trauma” (LEMOS, 2018, p. 12). Dessa forma, a casa carrega uma relevância na obra *Dois Irmãos*, dialogando com o texto de Benjamin, onde o autor reconstrói a história de uma estatueta quebrada: “bela estátua a que o transporte quebrou todos os membros” (BENJAMIN, 2000, p. 42).

Tal aproximação entre a casa em ruína e a estatueta quebrada, é a grande chave interpretativa para Lemos (2018) na obra de Milton Hatoum. Para isso, a autora pontua que, a partir dos fragmentos da casa em ruína e da estátua quebrada, podemos entender que Walter Benjamin (2000) e Hatoum (2000): “compara as vivências passadas e chama atenção para a possibilidade de enxergar nesses restos que são as ruínas, o fomento para a construção de algo novo no futuro” (LEMOS, 2018, p. 12).

Para Maria Zilda Ferreira Cury, mestra em Literatura Brasileira, pela Universidade Federal de Minas Gerais (1981), Doutora em Literatura pela Universidade de São Paulo (1988), e Pós-doutorado pela Université Sorbonne Paris III (1989), a casa tem uma representação colossal nas obras. Como destaca a autora:

A casa tem significação especial a definir inclusive o próprio relato: a impossibilidade de recuperar a moradia da infância – excessiva, rebuscada, pesada nas suas tradições – metonimicamente diz da impossibilidade de reconstrução do eu narrador na escritura de memórias, sendo, paradoxalmente, o motor principal da narrativa (CURY, 2000, p. 174).

Para Lemos (2018, p. 12-13):

Desse modo, quando propomos um capítulo que analise a casa *hatouniana*, a qual caracterizaremos como uma casa em ruínas, propomos uma concepção em sentido oposto ao que geralmente se encontra quando se fala em “ruínas”. Para além do sentido negativo, enxergamos as ruínas no que elas podem, e de fato oferecem, de positivo, principalmente para os narradores, ou seja, como vestígio de vivências passadas que permitem que o futuro possa ser moldado positivamente. No mesmo sentido em que Walter Benjamin focalizou seu torso, destacaremos um olhar para o passado em ruínas, 13 como um olhar que deve ser preñado da capacidade de tirar o que de melhor nele possa haver. Este é o convite que o filósofo alemão faz: que se percebam as ruínas como algo que pode ter sua contrapartida positiva, na medida em que é porque há ruínas que há ainda a possibilidade de, por exemplo, rever o passado e tentar extrair dele elementos que possibilitem algo auspicioso, afinal a estátua “nada mais oferece a não ser o bloco precioso a partir do qual ele tem de esculpir a imagem do seu futuro” (BENJAMIN, 2000, p. 42).

Quando deslocamos esse olhar benjaminiano para nosso *corpus* e focalizamos as casas familiares de Zana e Emilie com toda a ruína que lhes são características, buscamos enxergar para além do arruinamento e entender como, a partir dos fragmentos de um passado, os narradores, que retornam a essas casas da infância tempos após partirem, conseguem (ou não) usar dos escombros simbólicos na construção de suas histórias para, a partir disso, construir suas subjetividades.

Nesse sentido, buscar extrair elementos que tragam a construção da casa hatouniana, para Lemos (2018), é uma possibilidade de ressignificação, ao mesmo tempo de experiências imaginadas e recriadas no lar familiar. É uma tentativa de Milton Hatoum recuperar, com as ruínas e com o conflito familiar, a história do casal, Halim e Zana, e também de Domingas, Nael, Omar e Yaqub, posteriormente cedida para a casa de Rochiram:

Os azulejos portugueses com a imagem da santa padroeira foram arrancados. E o desenho sóbrio da fachada, harmonia de retas e curvas, foi tapado por um ecletismo delirante. A fachada, que era razoável, tornou-se uma máscara de horror, e a ideia que se faz de uma casa, desfez-se em pouco tempo (HATOUM, 2000, p. 255).

Outra questão destacada pela autora, diz respeito a possibilidade de retomar a ideia de identidade, cultura e memória, campos tão caros e esquecidos na historiografia. A proposta de Lemos (2018) é mapear a funcionalidade da casa na obra. Para isso, a autora atribui três conceitos para pensar a casa: a casa torso (como inicialmente discutimos e apresentamos na perspectiva benjaminiana, a casa-útero e casa em ruínas.

Desse modo, percebida as questões iniciais sobre o personagem Omar, partiremos para análise de outra peça fundamental na narrativa hatouniana, Domingas. Vamos procurar entender como o autor busca dar voz a personagem indígena em *Dois Irmãos* e como a temática indígena é abordada na História atualmente.

4.5 Domingas e a Questão Indígena

Pensar na questão indígena em *Dois Irmãos* é refletir sobre a figura da personagem Domingas. Nesse sentido, pretende-se analisar como Hatoum recupera na obra a questão indígena, e, especialmente, como é possível pensar sua representação, cultura e identidade. Dominga, cunhatã, aparece na obra *Dois Irmãos*, como empregada doméstica do casal Halim e Zana. Após o casal abrir um pequeno comércio em Manaus, eles a contratam para serviço de

ama e doméstica. Domingas tem um filho de uma relação forçada entre um dos irmãos gêmeos, Yaqub ou Omar. Hatoum (2000) provoca essa discussão do paradeiro do pai do narrador e personagem da obra, Nael. Tal provocação e indagação perpassam toda a obra, e inclusive é umas das grandes discussões no livro: o mistério da paternidade do filho de Domingas, Nael.

Sobre essa ótica, identificamos que a situação da personagem Domingas, por sua questão indígena, sofre exclusão e repressão, ficando a margem da história⁴⁷. A primeira forma que identificamos de afastamento da cultura, crença e identidade indígena na obra é a sua catequização para a religião católica. Domingas, por ser uma índia, carregava sua própria identidade e crença, a qual perde posteriormente com a sua entrada para o mosteiro. Tal fato, acarreta a perda de sua crença religiosa, e faz com que a personagem se aproxime da fé católica, na crença de um único Deus, monoteísta. Outro ponto, é que a personagem era alfabetizada, esse fator, em especial, evidencia a necessidade em estabelecer uma nova cultura e conhecimento para índia, transformando-a em um objeto para a casa e o casal.

Era a “cunhatã mirrada, meio escrava, meio ama, louca para ser livre” (HATOUM, 2006, p. 48). A condição da empregada Domingas, “vivencia a condição de subordinação e discriminação, ao compartilhar com o filho, Nael, um quatinho nos fundos do quintal” (SILVA, 2018, p. 118). A condição do mistério da paternidade, assim como o paradeiro da situação de Nael, faz o personagem discorrer:

Eu não sabia nada de mim, como vim ao mundo, de onde eu tinha vindo. A origem: as origens. Meu passado, de alguma forma palpitando na vida dos meus antepassados, nada disso eu sabia. Minha infância, sem nenhum sinal de origem. É como esquecer uma criança dentro de um barco num deserto, até que uma das margens a acolhe. Anos depois, desconfiei: um dos gêmeos era meu pai. Domingas disfarçava quando eu tocava no assunto: deixava-me cheio de dúvidas (HATOUM, 2000, p. 73).

Enfatiza-se que as origens de Nael, perpassam diretamente a figura de Domingas, isto é, não é possível para o personagem buscar e entender sua história, uma vez que sua própria mãe, é reprimida e silenciada pelos abusos cometidos por um dos irmãos gêmeos, ignorando a paternidade do filho. Dessa maneira, percebemos que Domingas, em maior parte

⁴⁷ Convencionou-se chamar a margem da história, a personagem que não participa diretamente da trama da narrativa, sendo esquecida na maioria das vezes. Porém esse distanciamento deve ser analisado como uma possibilidade de reconstrução histórica, uma vez, que a História Cultura, permite a reconstrução e análise dos mais diversos povos. Nesse sentido, pretende-se analisar por que Hatoum, propositalmente enfatiza outros elementos culturais, e abandona o indígena. Tal provocação permite identificar na obra, sua cultura, identidade e formas de organização, possibilitando discutir um pouco melhor, a representatividade da cultura indígena no norte do país.

da obra, é refém da cultura da família, em especial dos irmãos. Com isso, podemos relacionar diretamente a representação de Hatoum (2000), através da personagem, como crítica a sociedade patriarcal e conversadora, que exclui os grupos minoritários, e os torna reféns de um sistema de dominação

Nesse sentido, para entender e buscar como Hatoum (2000) mapeia o papel da personagem na obra, se faz necessário pensar historicamente o papel do índio no cenário nacional, mostrando sua contribuição e discorrendo sobre o seu trabalho, especificamente no Norte brasileiro. Ao mesmo tempo, apresentar suas condições de grupos minoritários, os quais são abandonados pelos poderes públicos e vivem, muitas vezes, ignorados e excluídos da esfera social, sendo alvo de mortes, abandono e opressão contra os seus grupos.

No Brasil, a presença indígena é sempre caracterizada como inferioridade ou preconceito pelo senso comum. Pensar a participação do índio em nosso território é, sem dúvidas, um trabalho delicado e, para isso, recorreremos a uma discussão histórica, apresentando sua presença em nosso território, a partir da reflexão de Maria Regina Celestino, publicado na Revista Tempo, em 2007, onde a autora questiona: “onde estão os índios na História do Brasil?” (ALMEIDA, 2007, p. 1).

Durante muito tempo na história brasileira, os índios eram declarados como selvagens, bárbaros e outros adjetivos. Eram peças fundamentais no processo de trabalhos no interior do território. Suas presenças permitiram aos europeus, desbravarem os territórios até então desconhecidos, mas, ao mesmo tempo, seus traços culturais e sociais sofreram aculturações, conversões e até genocídios, como aponta o censo de 2010 da FUNAI:

O processo de colonização levou à extinção muitas sociedades indígenas que viviam no território dominado, seja pela ação das armas, seja em decorrência do contágio por doenças trazidas dos países distantes, ou, ainda, pela aplicação de políticas visando à “assimilação” dos índios à nova sociedade implantada, com forte influência europeia. Embora não se saiba exatamente quantas sociedades indígenas existiam no Brasil à época da chegada dos europeus, há estimativas sobre o número de habitantes nativos naquele tempo, que variam de 1 a 10 milhões de indivíduos (FUNAI, 2010).

Mesmo com a Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática: “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”, percebemos que a identidade indígena sempre passou despercebida ou ignorada pelos anseios públicos. O próprio relatório da FUNAI de 2010, elenca melhor esse quadro de abandono da sociedade

indígena, e condena severamente as formas de repressão da sua cultura, como perseguição, condenação, contágios por doenças infecciosas e outras.

A indagação de Maria Regina Celestino não é por acaso, o esquecimento, abandono da cultura indígena é, sem dúvidas, uma grande preocupação do nosso cenário nacional. Percebemos que Hatoum, em *Dois Irmãos*, traz à tona a possibilidade de se (re)discutir sobre a presença indígena no Norte do país, a partir da figura de Domingas, elencando o seu papel e o trabalho exercido pela mesma no lar do casal. Também buscaremos entender como a questão indígena é debatida no cenário nacional, apontando como a historiografia analisa o debate sobre a presença indígena, e como esse regaste ressurgente na História. Para isso, mais uma vez recorreremos a Celestino (2003), em sua obra, *Metamorfose indígena*.

Celestino também nos apresenta o papel do indígena no cenário nacional, como sujeitos ausentes de grande parte da historiografia brasileira. Porém, nas últimas décadas, a historiografia promoveu inúmeras mudanças epistemológicas e teóricas, e recuperou a importância da presença indígena na História, promovendo novos estudos e pesquisas sobre a cultura, território e lutas desses povos. Nesse sentido, procuraremos entender como, para Celestino (2003), a questão indígena é conceituada na historiografia.

O primeiro ponto elencado por Celestino (2003), que diz respeito a esse ressurgimento da questão indígena na historiografia brasileira, pode ser relacionado a Lei 11.645 (apresentada anteriormente), sancionada em 2008 pelo governo federal, que estipula a obrigatoriedade do ensino de história indígena nas escolas de nível fundamental e médio, tanto públicas e privadas. Essa obrigatoriedade permitiu para Celestino (2003), que os professores e pesquisadores passassem a ver a figura indígena como presença fundamental na História do Brasil, dos bastidores ao palco, ganhando uma notoriedade no espaço educacional e contribuindo para se pensar sua cultura, identidade e território, o que, por muitas vezes, era caracterizado e percebidos como figuras “fixas e imutáveis” (CELESTINO, 2003, p. 21).

A questão dos parâmetros fixos e imutáveis apresentadas anteriormente por Celestino (2003), também aparece na análise de Monteiro (2001), onde o autor destaca: “A tendência de definir grupos étnicos em categorias fixas, serviu, não apenas como instrumento de dominação, como também de parâmetro para a sobrevivência étnica de grupos indígenas, balizando uma variedade de estratégias” (MONTEIRO, 2001, p. 58).

Dessa forma, entendemos que, em virtude dos nossos trabalhos historiográficos recentes e das novas concepções metodológicas da História, a presença do índio começou a ganhar destaque no cenário nacional, tornando-se possível sua representação no quadro de visibilidade. Possivelmente, encontramos aqui uma aproximação na obra de Milton Hatoum,

onde o autor reconstrói a trajetória da indígena Domingas, destacando sua importância no seio da família libanesa e debatendo sobre as manifestações autoritárias de poder e abuso contra a indígena.

Outro ponto destacado por Celestino (2003), corrobora para pensar a importância do índio brasileiro na construção do Brasil Colonial. A autora parte de uma concepção que a economia brasileira foi fortemente contemplada pela mão de obra indígena, permitindo a construção e tornando-os agentes históricos de transformação do cenário colonial, tornado possível a economia local e as transformações que ocorreram nas cidades. Dessa forma, Celestino (2003) entende que a figura indígena foi de suma importância para a História brasileira e, por isso, necessita de espaços de visibilidade que rompam com a questão da dominação europeia, destacando, dessa forma, os espaços, territórios e culturas desses povos tão complexos e heterogêneos.

Milton Hatoum, em *Dois Irmãos*, consegue ao encontro de Celestino (2003), ao permitir espaço para manifestação da cultura indígena, por meio da personagem Domingas. O autor ressalta o seu papel importantíssimo para a casa da família libanesa, desde a alimentação até nos afazeres domésticos, além da reconstrução da própria cidade de Manaus, através dos seus relatos orais. Essa notoriedade do espaço indígena permite que Hatoum explore a temática da importância da figura indígena no imaginário social, resgatando sua crença, cultura e identidade.

Em dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Letras: Teoria Literária e Crítica da Cultura, pela Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), no ano de 2011, Joanna da Silva analisa as *Relações de gêneros no romance de Milton Hatoum*. A autora propõe uma reflexão sobre a questão de classes e etnias que pairam as obras de Milton Hatoum, promovendo um debate sobre os conceitos e categorias de patriarcado, pós-patriarcado, classe social e etnia.

Como também sugere Celestino (2003) sobre a importância dos novos instrumentos historiográficos que tornam possível a representação dos grupos indígenas na História brasileira, Silva (2011) apresenta um debate sobre as condições dos grupos minoritários nas obras hatounianas. A autora indica em que medida os personagens estão representados, e como essa questão pode estar relacionada aos jogos de poderes e subordinação a grupos dominantes e conservadores. Como apontado por Silva (2011, p. 10):

A obra do escritor amazonense e romancista contemporâneo, Milton Hatoum, além de suscitar temas diversos como memória, cultura, identidade, regionalismo e história familiar, desperta, também, a atenção do leitor para a construção e a

representação de suas personagens femininas. Mesmo em uma leitura preliminar, pode-se perceber que o texto *hatouniano* é povoado por mulheres de origens diversas (libanesas, amazonenses, indígenas) que, juntas, dividem o mesmo espaço e protagonizam vários e distintos papéis, os quais definem e seguem regras e costumes relativos à época e ao meio social no qual estão inseridas. Elas deflagram os tabus e preconceitos existentes no seio familiar, assim como interferem nas disputas masculinas por prestígio e espaço.

Dessa forma, Silva (2011), propõe um exercício de pensar como as mulheres são caracterizadas nas obras *hatounianas*, articulando metodologicamente como a questão da identidade feminina é fruto de uma construção do imaginário masculino e, ao mesmo tempo, a autora busca desconstruir a concepção patriarcal e machista sobre a imagem da mulher. Na verdade, há uma busca de reconstruir a história da mulher na História, como aponta Del Priori (1998, p. 234):

A história das mulheres engloba, portanto, a história de suas famílias, de suas crianças, de seu trabalho, de seu cotidiano, de suas representações na literatura, na mídia, na sociedade na qual são inseridas. Sua história é a história de seu corpo, de sua sexualidade, da violência que sofreu ou praticou, da sua loucura, dos seus amores e outros sentimentos. Sua história é, igualmente, a das representações que se fazem sobre elas, representações que fazem sonhar, como as que giram em torno da “casta”, da “boa esposa e mãe”, da “sedutora”; mas representações que fazem odiar, como as que cercam as feiticeiras, as lésbicas, as rebeldes, as anarquistas, as prostitutas ou as loucas.

Sem dúvidas, o autor preocupa em contribuir para a discussão histórica, validando os preconceitos da cultura indígena no cenário nacional. Domingas é marginalizada na casa, recebe preconceitos e aculturação europeia, suas crenças são rompidas e o seu papel na casa é como empregada doméstica. Milton Hatoum, a partir da presente discussão, possibilita a Domingas um espaço na literatura, ignorado pela história. Além de criticar, de modo cirúrgico, a discriminação do povo indígena, o autor ainda desaprova as formas de preconceito causadas pela sua cultura.

O exercício de Silva (2011), assim como de Del Priore (1998), é retomar o papel central da figura feminina, destacando suas trajetórias e lutas. Silva (2011), em especial, destaca a trajetória da personagem Domingas em *Dois Irmãos*, apontando em que medida Milton Hatoum explora o tema de exclusão e dominação indígena na obra, a autora destaca:

Domingas se entregou ao trabalho servil com resignação. A cunhantã chegou à casa de Halim e Zana ainda pequena, ofertada por uma freira, e com a cabeça cheia de piolhos e rezas cristãs (DI, 2000, p. 64). Do orfanato, onde viveu por dois anos, restaram as lembranças de um lugar opressor, no qual era obrigada a decorar orações, nomes de santas, rezar várias vezes ao dia e fazer diversos trabalhos braçais. Quando deixou o convento, Domingas já era batizada e alfabetizada, o que contribuiu para o apreço imediato de Zana, mas não a excluiu do destino miserável:

servir à família até a morte, uma morte tão desprovida de dignidade como fora a sua chegada à casa.

Notamos em Domingas a dedicação e o desprendimento com que viveu, sem reivindicar nada para si. A voz inconformada de Nael serve de mediação para denunciar as condições de vida que levava junto à mãe, uma pessoa, segundo ele, sem ambições, que vivenciava em seu dia a dia a experiência da divisão social entre pobres e ricos, patroa e empregada. Enquanto isso, inconformado, ele era obrigado a se resignar à condição de “filho da empregada” (SILVA, 2011, p. 92-93).

A condição de exclusão da personagem Domingas é fruto de uma sociedade patriarcal e machista, na qual exprime, muitas vezes, discursos autoritários que ferem diretamente os grupos minoritários. Aqui exemplificado com a personagem indígena, Domingas. O trecho destacado por Silva (2011) é uma denúncia contundente contra pensamentos que são manifestados por uma grande parte da população, o qual ainda contribui para a exclusão desses grupos na política pública nacional. Diante disso, vale destacar que, com a ajuda da historiografia, personagens como Domingas, puderam ganhar vozes e expressões, apesar de todas as adversidades políticas atuais.

A mudança metodológica da História ainda está em processo de desenvolvimento, permitindo a participação de vários agentes históricos, que auxiliam e permitem a construção da historiografia. E, nesse sentido, propusemos destacar o papel da personagem Domingas, procurando esmiuçar historicamente como Hatoum propôs recuperar, através da figura de Domingas, o debate sobre a presença indígena e o seu papel no Norte do país, além de debater historiograficamente o papel da mulher na construção da história. Assim, pode-se enfatizar a necessidade de um olhar atento da História para os grupos minoritários e excluídos, vítimas do sistema dominante que sufocam suas liberdades, culturas e existência.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A relação entre História e Literatura é um tema em destaque na historiografia, especialmente, a partir da História Cultural. Pensando nas relações entre os desdobramentos da História, o presente trabalho procurou analisar a obra do escritor manauense Milton Hatoum, *Dois Irmãos*, e as relações históricas contidas no romance. Desse modo, buscou-se discutir como Hatoum trabalha na obra a questão histórica, como a situação de Manaus na década de 1920-1960, o ciclo do látex na região Norte, a construção dos Dois Brasis, questões indígenas e outros temas. Nesse sentido, procurou-se, também, apresentar o conjunto da obra, a urdidura do enredo, a narrativa e a (des)construção da cidade de Manaus, a partir das relações entre História e Ficção.

Destacamos que, no mundo moderno, onde os espaços culturais e históricos se modificam rapidamente e constantemente, construindo novos sujeitos, identidades e representações culturais, e a existência de novas abordagens, permitindo o intercâmbio entre os diferentes contextos políticos e econômicos, se faz necessário analisar as relações entre os sujeitos, identidades e hibridismo cultural. Sendo assim, as trocas entre os mais diversos indivíduos históricos, permitem enriquecer o mundo moderno para compartilhamentos de experiências e transferências de conhecimentos.

Tendo em vista esse cenário, fica perceptível que as relações entre os sujeitos se modificaram no decorrer do tempo, possibilitando a inclusão e exclusão de novos integrantes e figuras no cenário nacional e internacional. Com isso, pensar a relação da formação cultural, implica em reconhecer historicamente a formação de uma determinada nação e suas nuances. Dessa forma, procuramos, neste trabalho, problematizar e abordar na obra ficcional do autor manauense a construção da cidade de Manaus, além de perceber as narrativas oriundas da região norte do país, e como Hatoum compreende as representações das identidades na obra. Procuramos, assim, refletir como o autor percebe a relação entre História e Cultura.

Também, procurou-se entender como a cidade de Manaus começa a ser idealizada, a partir do primeiro grande surto de urbanização, principalmente a partir de 1890 a 1920, onde ocorre a cobiça pelo látex na região Norte do país e o projeto de sua construção. O recorte, 1890 a 1920, se deve ao primeiro grande surto de urbanização na região, durante o período, devido aos investimentos propiciados pela acumulação de capital via látex. Percebemos que os métodos de embelezamento da cidade se constituíram, permitindo a construção dos espaços urbanos de Manaus, seguindo o artigo 3º do Código Municipal de 1893. Identificamos como a

cidade se modifica, alterando seus espaços urbanos e sociais, transformando as culturas locais em novas organizações, e colaborando para destruir antigos costumes e tradições.

Segundo o jornal *Correio do Norte*, com a onda da urbanização e imigração de diferentes povos que compunham, geralmente, a classe trabalhadora da cidade, os números de problemas sociais aumentaram consideravelmente, sobretudo os causados pela falta de moradia. Os problemas sociais, desempregos, fome, além das condições precárias de moradias dos trabalhadores nesse período, são alvos de crítica por diversos meios de comunicação, entre eles o *Correio do Norte*. Diante disso, os trabalhadores, oriundos das mais diferentes regiões do Brasil e do mundo, encontraram refúgio nas periferias e áreas mais pobres de Manaus, principalmente porque nos centros urbanos da cidade, os valores de aluguéis de casas e apartamentos, são altíssimos, impossibilitando a moradia dos indivíduos nessas regiões.

Dessa forma, procuramos entender como a caracterização do moderno alterou as configurações dos personagens e cenário de Manaus, sobretudo, a partir dos novos problemas sociais e urbanos, oriundos dessa nova proposta de transformação, observados atentamente por Milton Hatoum em *Dois Irmãos*, em relação aos personagens da obra, Zana, Halim, Nael, Omar, Yaqub e Domingas, além dos outros personagens.

Vale destacar que toda questão que envolveu a análise da obra e seu estudo, foi impulsionada pela escassez de debates históricos relacionados à temática. Sendo assim, foi necessário identificar elementos nas obras de Hatoum, que permitiram ampliar o campo do historiador, principalmente no que diz respeito às linguagens artísticas. Com isso, pretendeu-se esmiuçar a obra e conhecer a narrativa, o espaço, personagens e elementos que compõem a obra do escritor Milton Hatoum.

REFERÊNCIAS

Fontes:

CORREIO DO NORTE, Manaus, 26 de junho de 1906.

BRASIL. Fundação Nacional do Índio. **A Origem dos povos americanos**. 2010. Disponível em: http://www.funai.gov.br/indios/fr_conteudo.htm. Acesso em: 09/09/2020.

HATOUM, M. Passagem para um certo Oriente. **Remates de males**, v. 13, p. 165-168, Revista do Departamento de Teoria Literária da UNICAMP, 1993.

HATOUM, M. **Dois irmãos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

HATOUM, M. **Relato de um certo Oriente**. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

Artigos e publicações em simpósios:

ALVIM, Zuleika. Os imigrantes. **Revista Nossa História**, n. 24, Editora Vera Cruz, out. 2005.

JÚNIOR, F. P.; GARVÃO, R. F. Economia e política na Amazônia brasileira - séculos XIX e XX. **Revista Estudos Amazônicos**, v. 9, n. 1, 153-178, 2013.

MENDES, F. M. M; QUEIRÓS, F. A. T.. **Do inferno ao paraíso**: narrativas sobre a Amazônia brasileira. **Revista Igarapé**, v. 3, n. 2, p. 29-47, 2014. Disponível em: <http://www.periodicos.unir.br/index.php/igarape/article/view/849>. Acesso em: 14 abr. 2020.

PELLEGRINI, T. Milton Hatoum e o regionalismo revisitado. **Revista Luso-Brazilian Review**, v. 41, n. 1, p. 121-138, 2004.

SANTOS, K. A. B. A Manaus devastada em Dois irmãos de Milton Hatoum. **Literatura e Autoritarismo**, n. 8, p.73-86, Universidade Federal de Santa Maria, 2010.

SILVA, J. **Relações de gênero no romance de Milton Hatoum**. 121f. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal de São João Del-Rei, São João Del-Rei, 2011.

SILVA, N. R. B. Memória e identidade – uma leitura do romance *Dois irmãos* de Milton Hatoum. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC – Tessituras, Interações, Convergências, n. 11. **Anais...** São Paulo, 2008.

SOUSA, G. H. P. Entre o cedro e a seringueira: certos relatos de Milton Hatoum. **Revista Estudos de literatura brasileira contemporânea**, n. 14, p. 23-47, Universidade de Brasília, Brasília, 2001.

UGARTE, M. L. Nos Meandros da Cidade: Cotidiano e Trabalho na Manaus da Borracha,

1880-1920. *In*: ANPUH – SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, n. 13. **Anais...** Londrina, 2005.

Livros e capítulos de livros:

ALMEIDA, M. R. C. **Metamorfoses indígenas: identidade e cultura nas aldeias coloniais do Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2003.

ANDRADE, C. D. **Poesia completa.** Rio de Janeiro: Aguilar, 2006, p. 943.

ARRIGUCCI JUNIOR, D. **Arquitetura da memória: ensaios sobre os romances Relato de um certo Oriente, Dois irmãos e Cinzas do norte de Milton Hatoum.** Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2007.

BACHELARD, G. **A poética do espaço.** 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BENJAMIN, W. **Rua de mão única.** São Paulo: Brasiliense, 2000.

BERMAN, M. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade.** 7 reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

BURKE, P. **Hibridismo cultural.** São Leopoldo: Editora da Unisinos, 2003.

CÂNDIDO, Antônio. **Vários escritos.** São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas: o imaginário da república no Brasil.** SP, Cia. das Letras: 2001.

CHARTIER, Roger. **À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude.** Porto Alegre, Editora Universidade, UFRGS, 2002.

CHARTIER, R. Introdução. Por uma sociologia histórica das práticas culturais. *In*: CHARTIER, R. **A História Cultural entre práticas e representações**, p. 13-28. Col. Memória e sociedade. Trad. Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CURY, M. Z. F. De orientes e Relatos. *In*: SANTOS, L. A. B.; PEREIRA, M. A. (orgs). **Trocas Culturais na América Latina.** Belo Horizonte, PósLit/ FALe/ UFMG, 2000.

DAOU, A. M. **A Belle Époque Amazônica - Descobrindo o Brasil.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

DEL PRIORE, M. História das mulheres: as vozes do silêncio *In*: FREITAS, M. C. (org.) **Historiografia brasileira em perspectiva**, p. 217-236. São Paulo: Contexto, 1998.

DIÉGUES JUNIOR, M.. **Etnias e Culturas no Brasil.** 6a ed., Rio de Janeiro, Civilização Brasileira. 1977.

HOLANDA, L. **Realidade inominada: ensaios e aproximação.** Recife: Companhia Editora de Pernambuco – CEPE, 2019.

LANDES, D. S. **Prometeu desacorrentado**: transformação tecnológica e desenvolvimento industrial na Europa Ocidental, desde 1750 até a nossa época. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

MEGILL, Allan. Literatura e história. *In*: Malerba, Jurandir. (Org.), p. 265-271. **História & Narrativa**: a ciência e a arte da escrita História. Petrópolis: Vozes, 2016.

MELLO, L. **Dois Irmãos e seus precursores**: o mito e a Bíblia na obra de Milton Hatoum. São Paulo: Humanitas, Fapesp, 2014.

PESAVENTO, Sandra. **História e História Cultural**. Porto Alegre: Autêntica, 2008.

SAID, E. W. **Orientalismo**: o Oriente como invenção do Ocidente. Tradução de Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SCRAMIM, S. Um certo Oriente: imagem e anamnese. **Arquitetura da memória**: ensaios sobre os romances *Dois irmãos*, *Relato de um certo Oriente* e *Cinzas do Norte de Milton Hatoum*. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2007.

TRUZZI, O. M. S. **De mascate a doutores**: sírios libaneses em São Paulo. São Paulo: Editora Sumaré, 1991.

VALVERDE, O. **Geografia Econômica do Estado do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: IBGE, 1960.

Teses e dissertações:

ALBUQUERQUE, L. A. **Um relato oscilante** – A Amazônia de Milton Hatoum, em *Relato de um certo Oriente*. 2010. 106 f. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

ASSIS, J. C. P. **A casa libanesa e o universo manauara**: uma leitura topoanalítica da obra *Dois irmãos*, de Milton Hatoum. 2010. 91 f. Dissertação (Mestrado em Linguística, Letras e Artes) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2010.

BIRMAN, D. **Entre-narrar**: relatos da fronteira em Milton Hatoum. 2007. 290 f. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

DIAS, E. M. **A Ilusão do Fausto**: Manaus, 1890-1910. 1988. 189f. Dissertação (mestrado em História). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1988.

FREIRE, José Alonso Torres. **Entre construções e ruínas**: uma leitura do espaço amazônico em romances de Dalcídio Jurandir e Milton Hatoum. 2006. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

LEMONS, V. A. **Mito, história e memória em Órfãos do Eldorado de Milton Hatoum**.

2014. 117 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, 2014.

LEMOS, V. A. **Das ruína à memória**: a travessia familiar em Relato de um certo Oriente e Dois Irmãos. 2018. 149 f. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Instituto de Biociência, Letras e Ciência Exatas, 2018.

MONTEIRO, J. **Tupis, tapuias e historiadores**: estudos de história indígena e do indigenismo. 2001. 233f. Tese (Livre Docência em Antropologia) – Universidade Estadual de Campinas. Campinas 2001.

VIEIRA, N. C. F. **Exílio e memória na narrativa de Milton Hatoum**. 2007. 152 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto. 2007.

VIEIRA, N. C. F. **Transeuntes sobre ruínas**: figurações alegóricas da casa familiar, no limiar de um certo exílio. 2013. 280 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2013.

Sites e portais de notícias:

BIOGRAFIA. **Miltom Hatoum**, [s. d.]. Disponível em: <http://www.miltonhatoum.com.br/biografia/a-historia-do-autor>. Acesso: 28 ago. 2020.

BRASIL, Ubiratan. Milton Hatoum escreve poema inédito sobre destruição da Amazônia. **Estadão**, São Paulo, 1 de setembro de 2019. Disponível em: <https://sustentabilidade.estadao.com.br/noticias/geral,milton-hatoum-escreve-poema-inedito-sobre-destruicao-da-amazonia,70002991519>. Acesso: 27 dez. 2019.

COZER, Raquel. Instituto mapeia a literatura do Brasil no exterior. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 30 de novembro de 2009. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq3011200912.htm/>. Acesso: 31 ago. 2019.

EMORY COLLEGE OF ARTS AND CIENCES. **Jeffrey Lesser**. Disponível em: <http://history.emory.edu/home/people/faculty/lesser-jeffrey.html>. Acesso: 26 ago. 2019.

ENCONTROS de Interrogação – Milton Hatoum. **Itaú Cultural**. Vídeo. 2017, 14min58seg, son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kNgyrAhXxM4>. Acesso: 20 out. 2019.

EPARQUIA MARONITA DO BRASIL **História dos Maronitas**, [s. d.] Disponível em: <http://www.igrejamaronita.org.br/conteudos/?eFh4fDExNQ==>. Acesso: 02 ago. 2019.

ESTADO DE ALAGOAS. Manuel Diegues Júnior. **Secretaria de Estado da Cultura**. Disponível em: <http://www.cultura.al.gov.br/politicas-e-acoes/mapeamento-cultural/alagoanos-ilustres/manuel-diegues-junior>. Acesso em: 05 de ago. 2019.

NETTO, Andrei. Colunista do ‘Estado’, Milton Hatoum, é o *best-seller* do Salão do Livro de Paris deste ano. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 23 de março de 2015. Disponível em:

<https://cultura.estadao.com.br/noticias/literatura,colunista-do-estado-milton-hatoum-e-o-best-seller-do-salao-do-livro-de-paris-deste-ano,1656418>. Acesso em: 07 jan. 2020.

NUNES, Mônica. Triste sobre a situação da Amazônia, o escritor Milton Hatoum escreve poema sobre a floresta. **Conexão Planeta**, 1 de setembro de 2019. Disponível em: <http://conexaoplaneta.com.br/blog/o-fim-que-se-aproxima-poema-inedito-do-escritor-amazonense-milton-hatoum-sobre-a-destruicao-da-floresta/>. Acesso: 28 dez. 2019.

SIQUARA, Carlos Andrei. Milton Hatoum comenta sua trilogia e critica abandono da Amazônia. **O Tempo**, Belo Horizonte, 18 de setembro de 2019. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/diversao/magazine/milton-hatoum-comenta-sua-trilogia-e-critica-abandono-da-amazonia-1.2237914>. Acesso: 05 jan. 2020.